



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA**

**FONTES JORNALÍSTICAS EM *VEJA*:
enquadramento como estratégia de noticiabilidade em
pautas de clima e meio ambiente**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Clarissa Mazon Miranda

**Santa Maria, RS, Brasil
2012**

**FONTES JORNALÍSTICAS EM VEJA:
enquadramento como estratégia de noticiabilidade em pautas de clima e
meio ambiente**

Clarissa Mazon Miranda

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria Cultural, (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

Orientadora: Dra. Rejane de Oliveira Pozobon

**Santa Maria, RS, Brasil
2012**

© 2012

Todos os direitos autorais reservados a CLARISSA MAZON MIRANDA. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito da autora.

Endereço: Rua Recanto Maestro, 338 Dist. Recanto Maestro – São João do Polêsine - RS
Fone (0xx)55 9663-5471; End. Eletr: miranda.clarissa@gmail.com

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação de Mestrado

**FONTES JORNALÍSTICAS EM *VEJA*: enquadramento como
estratégia de noticiabilidade em pautas de clima e meio ambiente**

elaborada por

Clarissa Mazon Miranda

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dr(a) Rejane de Oliveira Pozobon (UFSM)
Presidente/Orientador

Dr(a) Ilza Maria Tourinho Girardi (UFRGS)
Primeiro membro

Dr(a) Caciane Souza de Medeiros (UFSM)
Segundo membro

Santa Maria, 2012

AGRADECIMENTOS

Aos familiares, amigos, colegas de trabalho e professores que, com sua participação em minha vida, paciência e solidariedade, prestaram apoio na construção deste texto. Ao Recanto Maestro por ter me proporcionado a oportunidade profissional que permitiu a realização do desejo de cursar este mestrado.

Além do fato em si, o jornalista deve também se preocupar em relação a quanta consciência, responsabilidade civil e senso crítico produzirá naqueles que lerão.
(Antonio Meneghetti – Sistema e Personalidade)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Mestrado em Comunicação Midiática
Universidade Federal de Santa Maria

FONTES JORNALÍSTICAS EM *VEJA*: enquadramento como estratégia de noticiabilidade em pautas de clima e meio ambiente

AUTORA: CLARISSA MAZON MIRANDA
ORIENTADOR: Dra. REJANE DE OLIVEIRA POZOBON
Data e Local da Defesa: Santa Maria, março de 2012.

Esta dissertação pesquisa o uso das fontes jornalísticas e a forma como as questões relacionadas ao clima e meio ambiente são enquadradas e agendadas na revista *Veja* dentro do contexto do jornalismo ambiental brasileiro. Compreendendo o agendamento a partir de autores como Hohlfeldt (2003), McCombs (2009), Sousa (2000) e Kunczik (1997) e o enquadramento exposto por Goffman (1974), Tuchman (1993) e Colling (2001), procuramos investigar a relação destes com a escolha das fontes jornalísticas para reportagens em revista, tendo como referência autores como Mesquita (2008). As fontes são abordadas por pesquisadores brasileiros como Lage (2003), Guerra (2006) e Schmitz (2010). Metodologicamente, a pesquisa é construída com a análise de conteúdo em abordagem qualitativa e quantitativa. São investigadas as reportagens sobre as temáticas clima e meio ambiente publicadas em *Veja* no primeiro semestre de 2011. Nossa pesquisa, tem como contexto jornalismo ambiental conforme entendido por Trigueiro (2005), Girardi e Schwaab (2010) e Loose (2010), entre outros. Chegamos à elaboração de um protocolo de análise para a seleção/classificação de fontes jornalísticas em mídia impressa desenvolvido a partir da adaptação de modelo de formulário de análise de conteúdo proposto por Fonseca Júnior (2009). Observamos as categorias de fontes aplicadas em matérias de clima e meio ambiente de *Veja* e procuramos trazer contribuições sobre a relação entre estas fontes, os enquadramentos e o agendamento identificados nas reportagens.

Palavras-chave: fontes jornalísticas, enquadramento, Revista *Veja*, agendamento, jornalismo ambiental.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Mestrado em Comunicação Midiática
Universidade Federal de Santa Maria

JOURNALISTIC SOURCES IN *VEJA*: framing as a strategy of news in themes of climate and environment

AUTHOR: CLARISSA MAZON MIRANDA
ADVISER: Dra. REJANE DE OLIVEIRA POZOBON
Defense Place and Date: Santa Maria, march of 2012.

This dissertation researches the use of journalistic sources and the form as the questions related to climate and environment are framed and agenda settled in the magazine *Veja* in the context of the Brazilian environmental journalism. Understanding the agenda setting through authors such as Hohlfeldt (2003), McCombs (2009), Sousa (2000) and Kunczik (1997) and framing as exposed by Goffman (1974), Tuchman (1993) and Colling (2001), we try to investigate the relation of these with the choice of the journalistic sources for reportages in magazines, having as reference authors as Mesquita (2008). The journalistic sources are approached by Brazilian researchers such as Lage (2003), Guerra (2006) and Schmitz (2010). Methodologically, the research is build with content analyses in an qualitative and quantitative approach. Are investigated reportages about the thematics of climate and environment published in *Veja* on the first semester of 2011. Our research, has as its context the enviromental journalism as understood by Trigueiro (2005), Girardi and Schwaab (2010) and Loose (2010), among others. We arrived to the development of an analyses protocol for the selection/classification of journalistic sources in print media constructed through the adaptation of a model of formulair of content analyses proposed by Fonseca Júnior (2009). We observed the categories of sources applied in reportages of climate and environment in *Veja* and tried to bring contributions about the relation among these sources, the framing and the agenda setting indentified on the reportages.

Key words: journalistic sources, framing, magazine *Veja*, agenda setting, enviromental jorunalism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	100
2 PRISMAS PARA OBSERVAÇÃO DO JORNALISMO: AGENDAMENTO E ENQUADRAMENTO.....	22
2.1 O Enquadramento como Conceito Relacionado ao Agendamento.....	28
2.2 As Fontes do Jornalismo e o Enquadramento do Noticiário.....	34
2.3 A Escolha das Fontes Como Estratégia de Noticiabilidade.....	38
2.4 As Fontes Como Possibilidade de Análise de Notícias.....	49
3 A MÍDIA REVISTA E O JORNALISMO AMBIENTAL.....	58
3.1 O Jornalismo Ambiental e a Formação do Jornalista para Trabalhar Nesta Área.....	66
4 ANÁLISE DO CONTEÚDO EM VEJA ACERCA DE QUESTÕES DE CLIMA E MEIO AMBIENTE.....	75
4.1 Ajustes no Formulário de Codificação.....	77
4.2 Análise dos Dados Obtidos.....	811
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICE A.....	103
APÊNDICE B.....	105

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como **tema** o estudo das questões relacionadas ao clima e meio ambiente enquadradas e agendadas na imprensa brasileira, mais especificamente no semanário *Veja*. Estudar o desenvolvimento do jornalismo brasileiro por meio de matérias sobre as questões ambientais pode contribuir para compreender quais tendências, perspectivas e abordagens têm sido utilizadas, bem como explicitar em que medida tais perspectivas impactam em novas possibilidades de construções das notícias veiculadas nos meios de comunicação.

Situando o nosso estudo no contexto das pesquisas em Comunicação Social, encontramos vários autores que de algum modo também estabelecem diálogo com nossa problemática de investigação. Com o intuito de explicitar as conexões entre estas produções e a nossa pesquisa, a seguir as apresentamos. No que diz respeito ao veículo *Veja*, Campos (2006) percebeu que esta revista vem modificando a abordagem que oferece às questões de meio ambiente e desenvolvimento, por isso identificamos um campo de estudo apropriado. A autora concluiu que o noticiário da revista *Veja* foi notavelmente evoluindo desde a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), ou ECO-92, criando uma nova abordagem para as pautas de meio ambiente, com a inserção da noção do desenvolvimento sustentável, relacionando o meio ambiente ao impacto econômico.

Ao estudar as reportagens de meio ambiente desde o ano de 1985 até 2005, Campos percebeu uma diferença de abordagem sobre o tema ao longo dos anos. Enquanto no início os aspectos econômicos das alterações ambientais eram os que mais sobressaiam na revista, tais como a disponibilidade da matéria prima que a natureza fornece às fábricas e indústrias e o impacto das mudanças ambientais na economia, mais tarde se destacam assuntos relacionados à preservação do meio ambiente ou ao desenvolvimento sustentável. Nossa pesquisa insere-se neste segundo momento histórico da cobertura da revista *Veja* sobre clima e meio ambiente, tendo em vista que o período escolhido para análise, nesta dissertação, são as edições do primeiro semestre de 2011. A característica da preocupação com a questão do desenvolvimento sustentável e da preservação ambiental é, portanto, um dos enfoques que se esperava encontrar por meio da pesquisa empírica de nosso trabalho.

Consideramos importante apresentar parte destes estudos conceitos de agendamento e enquadramento que fundamentam nossa pesquisa. Fazendo um levantamento a respeito de pesquisas que discutem a forma como o conceito do enquadramento ou *framing* pode ser encontrado em revistas, encontramos Leal (2007) que estuda a divulgação da crise da energia na mídia impressa, tendo como suporte teórico também o agendamento ou *agenda setting*. O autor destaca o potencial que o governo tem de, diante de uma situação crítica como foi o “apagão” de 2001, explorar a rotina produtiva da imprensa para pautar da forma como desejava o assunto sobre a crise energética. Usando-se do expediente do envio da notícia muito próximo ao horário de fechamento dos noticiários, o governo forçava a veiculação das informações por ele transmitidas sem que houvesse um processo de elaboração em relação ao que fora por ele informado. Demonstra-se por meio desta constatação, um modo no qual a fonte de informação principal de uma reportagem pode influenciar o enquadramento que esta terá. Em nossa pesquisa, este é um aspecto fundamental para toda condução do estudo empírico. Desenvolvemos um formulário de análise do conteúdo para explorar a possibilidade de que as fontes de informação – sua escolha e o que dizem – sejam determinantes na construção do enquadramento de uma matéria, e chegando assim à análise de notícias sobre clima e meio ambiente. Lembramos ainda que é possível compreender o conceito de enquadramento a partir da perspectiva do agendamento, o que também foi apontado por Leal (2007).

Cardia (2008), em sua dissertação, desenvolvida na PUC/RS, estudou a influência da mídia na opinião pública e, desta na mídia, nas revistas *Veja* e *Época*, durante o período das eleições majoritárias de 2007 que elegeram o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao segundo mandato. Cardia abordou esta problemática por meio da associação dos conceitos de *agenda setting*, *gatekeeping*, *framing* e *printing*. Em consonância com a pesquisa de Cardia, nossa dissertação utiliza associação entre dois destes conceitos, o *agenda setting* e *framing*, pois também avaliamos a mídia revista por meio destas abordagens. No estudo, Cardia demonstra que a abordagem sobre um mesmo tema difere de veículo para veículo, de jornalista para jornalista, bem como os leitores terão sempre seus pontos de vista sobre o conteúdo abordado. Observando o noticiário de *Veja* por meio de *agenda setting* e *framing* consegue-se verificar características marcantes das reportagens sobre clima e meio ambiente divulgadas por este veículo. Podemos falar, talvez, em tendências observáveis em mais de uma reportagem. Deste modo, o agendamento e o enquadramento, em nossa pesquisa, contribuem para mapear de que

forma a escolha das fontes constrói os valores notícia determinantes que o jornalista e o veículo de imprensa utilizam na construção de pauta e de argumentação de uma reportagem. As próprias condições logísticas (prioridade, volume de equipe, estrutura disponível) para realização da reportagem vão interferir na escolha das fontes, mostrando assim características de cada revista e do que comunica à população de leitores que constituem seu público. Ao comparar a intenção de nosso estudo e o que já foi verificado por Cardia (2008), observamos alguns pontos de interesse em comum e uma referência para nossas escolhas metodológicas.

A pesquisa de Silva (2008) analisou a forma como o escândalo do mensalão foi abordado em *Carta Capital*, *Veja*, *IstoÉ* e *Época* tendo como ponto de partida também as teorias do *agenda-setting* e *framing*. A autora explora os efeitos do enquadramento sobre o público, levando a perceber nesta abordagem uma forma de observar a notícia em relação à estratégia adotada pelo veículo de divulgação para impactar seu público. A pesquisa possibilitou uma leitura a respeito da relação entre a notícia e o público. Silva constata que elementos do próprio fazer jornalístico, como o ponto de vista, a abordagem e os critérios, de seletividade alteram a forma final das notícias. Conseguimos, assim, perceber que também ao ler uma reportagem, é possível fazer o caminho inverso, e apurar por meio da aplicação da teoria do enquadramento à leitura do texto jornalístico, aspectos diversos do trabalho de construção do texto, desde a escolha das fontes (a qual dedicaremos mais atenção neste trabalho), quanto o ponto de vista do próprio repórter sobre o tema, e do veículo de imprensa – sua linha editorial, etc. Mostra também que a revista estrategicamente constrói suas notícias de forma a atrair o público. Assim, este trabalho nos auxilia, pois traz um indicador positivo de que o formato do estudo aplicado a nossa pesquisa empírica poderá render conclusões de valor e que tragam contributos para a reflexão acerca das estratégias de enquadramento e agendamento em revistas.

Colling (2008) pesquisou a veiculação das eleições presidenciais em 1998, no Jornal Nacional, da TV Globo, e no Jornal Folha de São Paulo. O autor fez uma análise comparativa, usando as teorias do agendamento, do enquadramento e da espiral do silêncio, sobre como estes dois veículos noticiaram as eleições. Sua análise considerou o conteúdo e a forma das notícias publicadas em ambos os veículos, bem como as diferenças, similitudes e seus “silêncios”. Apesar de não abordar a mídia revista, sua pesquisa nos

apresentou uma detalhada descrição da teoria do agendamento e a possibilidade do estudo desta na mídia impressa.

Dentre as dissertações analisadas que estudam a mídia revista a partir das teorias do agendamento e do enquadramento, o foco no noticiário de clima e meio ambiente não está presente em nenhuma delas. Durante a execução da pesquisa nos foi possível localizar outras dissertações que tem temáticas semelhantes e utilizam a análise destes dois conceitos em relação ao jornalismo ambiental – mas não encontramos uma que utilizasse exatamente o mesmo contexto, ou escolha teórica e metodológica. Acreditamos que nossa dissertação pode contribuir para a realização de estudos posteriores que estabeleçam a relação entre teoria do agendamento e enquadramento, o estudo das fontes, e a divulgação de temas ambientais e climáticos na imprensa.

Portanto, na tentativa de contribuir com os estudos do campo da comunicação, focaremos na seguinte **problemática da pesquisa**: de que forma a escolha das fontes para as reportagens acerca de clima e meio ambiente interfere no enquadramento destas temáticas divulgadas por *Veja*?

Tal problemática está inserida e é tratada a partir das reflexões que acontecem na área de concentração do curso de Mestrado que é Comunicação Midiática. Por suas especificidades, a mídia revista permite a construção de um determinado tipo de reportagem, podemos dizer, talvez, mais aprofundada do que o noticiário de jornal. Também permite um amplo uso de ilustrações e a busca de um leque maior de fontes, tendo em vista sua periodicidade que estende o tempo de produção de uma reportagem quando comparada àquela do jornal diário. Em *Veja*, por exemplo, a periodicidade do veículo é semanal. Parece importante observar que a mídia revista normalmente destina um espaço maior dedicado a cada reportagem, oferecendo contexto mais amplo às notícias, mediando a complexa construção social dos problemas relacionados ao desenvolvimento dos países, bastante presentes nas temáticas de clima e meio ambiente.

A **justificativa do trabalho** parte da percepção de que, mundialmente, na imprensa, cada vez mais as temáticas relacionadas ao clima e ao meio ambiente ganham espaço. É possível, por exemplo, notar essa ampliação do debate sobre tais temas na frequência cada vez mais intensa com a qual ocorrem eventos internacionais, tais como a Rio + 20: Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, que será realizada em 2012, na cidade do Rio de Janeiro. Também em âmbito nacional, atores

sociais como o Instituto Ethos, a Rede Nacional para o Pacto Global e o Conselho Empresarial Brasileiro de Desenvolvimento Sustentável se preocupam em organizar encontros e movimentos que envolvem diferentes esferas da sociedade para auxiliar nos debates sobre as temáticas ligadas aos assuntos do desenvolvimento sustentável. Outro exemplo da preocupação mundial sobre o tema são os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) lançados, em 2000, durante a Cúpula das Nações Unidas, em Nova York (EUA). Desde aquela ocasião até os dias atuais, 198 países assinaram e se comprometeram com a Declaração do Milênio, entre eles, o Brasil. Um dos oito objetivos é de buscar Qualidade de Vida e Respeito ao Meio Ambiente (ODM 7). Isso significa que, até 2015, essas nações tentarão atingir metas por elas estabelecidas dentro deste objetivo. Tendo em vista que o alcance dos ODMs depende diretamente da ação dos governos federais, estaduais e municipais, mas também da ação individual de pessoas engajadas com essas propostas, a Organização das Nações Unidas (ONU) vem trabalhando em relação à comunicação destes Objetivos. Tal trabalho vem de certa forma, contribuir para que a imprensa também se preocupe em abordar os projetos e ações que são desenvolvidos em relação a eles, mesmo sem citar nominalmente os ODMs.

Neste cenário em que é preciso ao profissional de comunicação lidar com as temáticas cada vez mais confluentes de clima e meio ambiente, Trigueiro (2005) argumenta acerca da necessidade da formação do jornalista tendo em vista as temáticas ambientais e a sustentabilidade. Tais valores, dentro de uma visão do autor que discute a função social do jornalista, visam ampliar o debate e a reflexão sobre o sentido da formação do jornalista a partir de uma visão sistêmica: “disseminar no jornalismo essa perspectiva significa agregar substância a notícia, esclarecendo novos parâmetros de cobertura em diferentes editoriais” (2005, p. 279 - 280). Caso se inclua na formação universitária do jornalista o aprofundamento em jornalismo ambiental, o autor vê como possível a existência de profissionais capazes de desenvolverem pautas fundamentadas e mais completas. “O que se pretende é qualificar o trabalho do jornalista, não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade, através das histórias que conta ou escreve” (2005, p. 283). Nossa pesquisa, por meio da abordagem do jornalismo em revista, visa compreender também de que forma o texto produzido pelos jornalistas de uma das maiores revistas brasileiras (em termos de tiragem) traz os argumentos acerca das pautas de clima e meio ambiente e constrói as reportagens que divulga sobre estes temas. A obra de Trigueiro (2005) apresenta o aporte

teórico necessário para compreender a preparação que é necessária a este jornalista que trabalha com clima e meio ambiente e outras temáticas ligadas à questão ambiental. Esta, para nós, é essencial por nos fazer ter em perspectiva a responsabilidade deste profissional nestas matérias, fato que se constitui como pertinente a estudos futuros. Assim como Trigueiro, cada vez mais autores apresentam hoje estudos sobre o jornalismo ambiental e consultaremos alguns deles no sentido de procurar traçar uma perspectiva da forma como esta temática pode ser abordada pelo jornalismo de revista. Percebemos a importância dos temas ambientais não apenas como notícia, mas também como oportunidades de se pensar sobre a especificidade que o jornalismo desenvolve quando precisa de certa forma especializar-se como é o caso do jornalismo ambiental e poderíamos dizer também do científico, econômico, político, dentre outros. São áreas de interesse social que nas quais a amplitude e complexidade que as caracterizam podem influenciar todo o processo de formação do profissional que com elas trabalha.

Outra justificativa para a escolha de tal tema de investigação ocorreu porque a autora faz parte do Grupo de Pesquisa “Estudos de Jornalismo” da Universidade Federal de Santa Maria, e mais especificamente do Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq “Testemunhos e *experts* nos acontecimentos das catástrofes ambientais – uma análise de *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*”. A participação em tal grupo de pesquisa suscitou o interesse em desenvolver, além do estudo bibliográfico sobre os temas aos quais nos propomos nessa dissertação, a escolha por analisar o noticiário de *Veja* acerca dos temas clima e meio ambiente. Em consonância à linha de pesquisa Mídia e Estratégias Comunicacionais do programa de mestrado e tendo em vista o foco do Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq, pretendemos entender como um dos mais influentes semanários do mercado editorial brasileiro, com uma história que remonta aos anos 1960, noticia situações relacionadas ao clima e meio ambiente nos seis meses do primeiro semestre de 2011. A escolha das fontes e o enquadramento decorrente desta decisão contribuem na formação estratégica do produto que este veículo oferecerá ao público. O mesmo se dará em cada uma das revistas semanais brasileiras. Mesmo que relatem o mesmo tema, o farão com base em escolhas próprias e estratégicas de fontes e enquadramentos.

Estabelecendo uma correlação com pesquisa feita por Lima, Barros e Souza (2009), o Projeto de Pesquisa de nosso grupo nota que, se no passado predominavam reportagens em que as fontes de informações principais vinham do Estado, hoje se passa a dar relevância a outras fontes – tais como testemunhais e especializadas. A mesma lógica

aplica-se às reportagens sobre clima e meio ambiente, que são cada vez mais presentes. Percebemos a necessidade de mais estudos sobre o processo de produção e circulação de informação sobre estes temas, bem como uma maior relação entre ambiente e os demais temas da agenda pública, de forma que as pesquisas científicas deem conta de uma transformação que já vem ocorrendo em sociedade: “a emergência de assuntos de grande amplitude como sustentabilidade e aquecimento global contribuiu para essa redefinição da posição da mídia e dos jornalistas em relação à cobertura de ambiente” (AMARAL, 2010, p. 6). Em tal contexto, justificamos também a realização de pesquisa sobre o modo como o noticiário de *Veja* vem abordando estas questões na atualidade.

O trabalho se justifica ainda por acrescentar ao quadro teórico brasileiro mais um estudo na divulgação das notícias ligadas ao clima e meio ambiente. O debate sobre o papel dos veículos de comunicação nas discussões sobre estes aspectos da vida humana sobre este planeta, pelo que nos foi possível apurar, vem aflorando no Brasil e no exterior. Como exemplo de que tal debate internacional se dá, temos os frequentes materiais publicados pela Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO). Por meio da UNESCO, a própria ONU recomenda aos jornalistas um comportamento em relação às reportagens sobre o desenvolvimento dos povos e, entre estas, às temáticas relacionadas ao Meio Ambiente.

Vamos ser realistas: a mídia não pode acabar com a pobreza. Mas se nós jornalistas não cobrirmos o desenvolvimento com inteligência (com comprometimento e superação) a mídia irá se tornar obstáculo para aliviarmos a pobreza. Se nós quisermos a mídia aperfeiçoando governança de forma que ela tenha um impacto na pobreza, as mídias precisam ser mais bem governadas [...] E isso deve ser feito não somente no Sul, mas também no Norte, onde os estudantes de mídia precisam entender como o consumo em excesso, desperdício de fontes e proteções comerciais contribui para a pobreza global. (DIXIT, 2005, p. 46, nossa¹)

Segundo Dixit nesta publicação da UNESCO (2005), a pobreza; um dos problemas considerados chaves no âmbito do desenvolvimento sustentável e também da preservação ambiental. O autor explica que a imprensa não pode acabar com pobreza, porém a falta de uma cobertura inteligente por parte da mídia para estes assuntos de desenvolvimento

¹ Tradução nossa do original (DIXIT, 2005): *Let us be realistic: the media cannot end poverty. But if we in journalism do not cover it intelligently (with commitment and outrage) the media will become obstacles to alleviating poverty. If we want media to improve governance, so that they make an impact on poverty, the media themselves must be better governed [...] And this should be done not just in the South but also in the North where media students must understand how under-consumption, wastage of resources and trade protection contribute to global poverty.*

sustentável como um todo e, entre elas, clima e meio ambiente, poderá se tornar um obstáculo para aliviarmos a pobreza.

O **objetivo geral** desta pesquisa é analisar como são noticiadas as temáticas relacionadas ao clima e meio ambiente em *Veja* tendo como base o estudo do enquadramento realizado por essa publicação para tais questões, sob a perspectiva do uso das fontes nas reportagens estudadas. Os **objetivos específicos** consistem em: a) identificar as fontes e os enquadramentos das reportagens no primeiro semestre de 2011 com os descritores clima e meio ambiente; b) elaborar em caráter experimental um protocolo de análise para a seleção/classificação de fontes jornalísticas em mídia impressa; c) evidenciar a relação entre o agendamento e o enquadramento, observando quais *frames* são utilizados nas reportagens de clima e meio ambiente; d) estabelecer nexos entre as diferentes fontes e modos de enquadramento com os conteúdos elaborados pelo jornalismo de *Veja*; e) verificar a relação da escolha das fontes com as estratégias de noticiabilidade dos veículos de imprensa.

Com a pesquisa, visamos elucidar estes objetivos à luz do referencial teórico sobre o agendamento, o enquadramento e as fontes jornalísticas. Procuramos contribuir para as pesquisas brasileiras que discutem as relações entre os conceitos de agendamento e enquadramento e para os estudos das fontes no apoio ao entendimento do enquadramento de um semanário. O tema do agendamento, nesta dissertação, será abordado segundo a perspectiva de McCombs e Shaw na década de 1970, que chega a nós por meio de autores como Sousa (2000), Hohlfeldt (2003), Kunczik (1997), em uma leitura atualizada do próprio McCombs em 2009 e outros pesquisadores. Nossa revisão da literatura inclui o enquadramento ou *framing* a partir da discussão de Goffman (1974), Bateson (1972), Tuchman (1993) e outros.

Em nossa pesquisa, as fontes são um dos critérios utilizados para analisar os enquadramentos adotados pelo semanário. Percebemos, a partir do trabalho de nosso grupo de pesquisa, que a abordagem das questões de clima e meio ambiente em *Veja* e nas demais principais revistas do país se constrói por meio das fontes com as quais se criam os fundamentos para tais temas. Para se entender como a escolha das fontes vai relacionar-se com o enquadramento dado às notícias sobre o clima e meio ambiente, escolhemos partir das categorias de fontes elencadas por pesquisadores como Pinto (2000), Guerra (2006) e Schmitz (2010). Em estudo sobre as hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação, Pinto (2000) indica que, ao pesquisar o trabalho de diferentes autores sobre

o tema, percebeu que as fontes se classificam em algumas categorias comuns. Schmitz (2010) estudou diversos autores que trabalham a classificação de fontes para criar uma matriz própria de classificação a qual utilizamos como referência principal em nosso trabalho. Vamos nos referir ainda à classificação proposta por Lage (2003), segundo o qual as fontes podem ser categorizadas de acordo com seu comportamento em relação aos jornalistas. Temos ainda, como referenciais para compreensão da questão das fontes a obra de Santos (1997), que aborda da negociação entre jornalistas e fontes, e Guerra (2006) que tipificou fontes tratando-as em categorias como “envolvidas”, “autorizadas”, “testemunhais” e “qualificadas”. A partir dessas classificações, delimitamos alguns pontos a serem observados nas reportagens selecionadas para a presente dissertação de modo que esperamos aprofundar o estudo de cada uma das fontes que identificamos nas matérias jornalísticas.

Ao realizar uma pesquisa sobre as reportagens da revista *Veja* na perspectiva da relação entre o enquadramento e a escolha das fontes, percebemos estas como gênese do enquadramento que um veículo oferecerá a determinados temas e confirmando o que afirma Mesquita (2008). Este estudo foi para nós base na construção da metodologia adotada tendo em vista que inspirou a associação entre o estudo das fontes e o enquadramento apresentado pelos textos jornalísticos, sendo o primeiro autor que localizamos a abranger esta relação.

Do ponto de vista **metodológico** nossa pesquisa será desenvolvida por meio da Análise de Conteúdo em abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa se classifica como exploratória de campo, realizada por meio de reportagens de revista publicada semanalmente, em edições impressas. A escolha de *Veja* se deu, entre outras razões, porque é considerada a revista de maior circulação do país, ou seja, suas reportagens estão em mais de 1 milhão de exemplares por semana. *Veja* é ainda um veículo de imprensa histórico para o Brasil, tendo sido uma das primeiras revistas semanais do país no formato chamado *magazine*, ou seja, aquele que traz assuntos diversos procurando retratar os principais acontecimentos nacionais e internacionais durante a semana. Com mais de 40 anos de existência, a revista contribui para a construção da opinião pública da população brasileira – principalmente classe média e alta.

Ao noticiar acontecimentos do Brasil e do Mundo, a revista *Veja*, assim como qualquer veículo de comunicação, realiza uma seleção dos assuntos, determinando entre seus leitores o que deve ser de interesse. Para além dos preceitos de imparcialidade

jornalística, há critérios no processo produtivo da notícia que vão sempre implicar na construção de um ponto de vista diferente, de acordo com a identidade dos diferentes profissionais ou veículos de imprensa. Especificamente em *Veja* o impacto destas escolhas procedidas tanto pelo veículo quanto pelo profissional de imprensa – mesmo que sendo escolhas habituais do proceder do *ethos* jornalístico, conforme assim o denomina Traquina (2004) – vai trazer reflexos sobre o agendamento dos temas de interesse do largo público que é leitor desta publicação. Não é diferente, em relação às reportagens sobre clima e meio ambiente divulgadas pela revista, as quais visamos estudar neste trabalho.

Procuramos reportagens publicadas sobre temas relacionados às questões de clima e meio ambiente. O período escolhido para realizar a pesquisa é o primeiro semestre de 2011, tendo em vista a incidência de fenômenos climáticos que viraram notícia neste período, muitos deles, relacionados à ocorrência de catástrofes ambientais, o que se alinha à proposta do nosso grupo de pesquisa. No acervo de revistas *Veja* editadas em 2011 e que é parte dos materiais disponibilizados pelo Grupo de Pesquisas Estudos de Jornalismo (UFSM), verificamos todas as notícias com os citados descritores no indicado período. Localizadas as reportagens, estas foram posteriormente arquivadas a fim de realizar a sua análise. Procedemos à leitura das mesmas e descrição das fontes utilizadas. Acreditamos que é possível perceber, de modo mais claro, o enquadramento e agendamento oferecido por *Veja* para tais temas a partir dos recursos disponibilizados pela análise do conteúdo. Tentamos assim construir, em caráter experimental, um protocolo de análise para seleção e classificação de fontes jornalísticas, a partir do qual, depois foram desenvolvidas as análises dos conteúdos (no Apêndice 1, pode-se conhecer o protocolo de análise).

O método da análise de conteúdo foi escolhido por ser aquele que melhor se adequava às características desta pesquisa. Para Triviños (1987), a análise do conteúdo, apesar de ter sido abordada por diversos autores na primeira metade do século XX, vai ser desenvolvida mais amplamente por Bardin. Segundo o autor, o método foi “configurado em detalhes, não só em relação à técnica do seu emprego, mas também em seus princípios e seus conceitos fundamentais” (TRIVIÑOS, 1987, p. 159). O conceito de análise de conteúdo foi assim expresso pelo autor:

...é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas das mensagens). (TRIVIÑOS, 1987, p. 160).

Bardin (1977) explica a análise do conteúdo como uma técnica para estudar as comunicações humanas dando ênfase aos conteúdos das mensagens. Nas comunicações escritas, estas técnicas são mais facilmente aplicáveis, porque se pode retornar ao texto todas as vezes que se necessita tendo em vista extrair as informações objetivas. Conforme Triviños (1987) esta é uma técnica que é amplamente utilizada tanto em seus aspectos qualitativos quanto quantitativos. E, o autor ainda lembra que, tal técnica requer a clareza conceitual que será o pano de fundo por meio do qual o pesquisador fará a identificação das motivações das mensagens do texto. Nesta pesquisa, procuramos unir clareza conceitual sobre agendamento, enquadramento e fontes para então poder aplicar com mais precisão a análise do conteúdo.

O objetivo da análise do conteúdo é a “manipulação de mensagens (conteúdo e expressão deste conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitem inferir sobre outra realidade que não a da mensagem” (BARDIN, 1977, p. 46). Se compararmos, por exemplo, a análise documental e a análise de conteúdo veremos que a análise de conteúdo apesar de também ser feita sobre documentos, vai estudar as mensagens, a comunicação por estas realizada e não os documentos em si. Fazendo um recorte focado nas questões de clima e meio ambiente, buscamos, por meio de uma amostragem, dar pistas sobre como o Brasil, principalmente em termos de seu noticiário de revistas, vem divulgando estas questões. Não só o agendamento dessas temáticas na sociedade, como também a forma da sociedade pensar sobre elas depende, em certa medida, do que os jornalistas escreverão.

No segundo capítulo, pretendemos descrever os conceitos de agendamento e enquadramento bem como a visão que na atualidade se tem dos mesmos. O capítulo traz ainda o estudo de como a escolha das fontes pode estar relacionada a estes dois conceitos. Procuraremos traçar elos entre a escolha das fontes e os valores-notícia, mostrando nesta conexão uma possível estratégia de noticiabilidade. No terceiro capítulo, apresentaremos o tipo de jornalismo produzido para revistas e como a escolha das fontes de informação adquire especificidades nesta mídia, sem deixar de lado o modo como as questões de meio ambiente e mudanças climáticas são identificadas com determinadas fontes e tem um espaço diferenciado quando tratadas nas revistas. No quarto capítulo, estudaremos os conceitos ligados à análise do conteúdo, mais especificamente, sua aplicabilidade para o campo da Comunicação e, dentro desta, o seu uso para o estudo do Jornalismo. Demonstraremos ainda neste capítulo a metodologia por meio da qual desenvolvemos o protocolo de análise que nos permitiu estudar as reportagens selecionadas como objeto

desta pesquisa. Apresentaremos os resultados de nossa análise, bem como os quadros que levarão a compreender o caminho pelo qual nos guiamos para, finalmente então elaborar as conclusões desta investigação.

2 PRISMAS PARA OBSERVAÇÃO DO JORNALISMO: AGENDAMENTO E ENQUADRAMENTO

Estudar os conceitos de agendamento, enquadramento e fontes de forma relacionada pode ser um movimento interessante para compreender melhor o jornalismo divulgado por *Veja* para as temáticas de clima e meio ambiente. Apresentamos esses conceitos já os direcionando para a finalidade desta pesquisa, tal seja, o estudo do noticiário de *Veja* e a verificação da hipótese de pesquisa em que afirmamos que, talvez, se possa relacionar a escolha das fontes das reportagens ao enquadramento que é fornecido por esta publicação aos temas de clima e meio ambiente.

Em Sousa (2002), vemos alguns motivos pelos quais o estudo das teorias do jornalismo pode ser considerado estratégico para compreensão do universo de notícias que cerca a sociedade de nosso tempo. Na obra “Teorias da Notícia e do Jornalismo”, ele destaca o seguinte paradigma explicativo que é, para esta pesquisa, fonte de inspiração:

...as notícias são um artefato construído pela intervenção de várias forças, que podemos situar ao nível das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história. A minha assunção primordial é a seguinte: os meios noticiosos conferem notoriedade pública a determinadas ocorrências, ideias e temáticas, que representam discursivamente, democratizando o acesso às (representações das) mesmas e tornando habitual (ritual?) o seu consumo. Os meios jornalísticos contribuem ainda para dotar essas ocorrências, ideias e temáticas de significação, isto é, contribuem para que a essas ocorrências, ideias e temáticas seja atribuído determinado sentido, embora a outorga última de sentido dependa do consumidor das mensagem mediáticas e das várias mediações sociais (SOUSA, 2002, p. 17).

Entendemos que o estudo de temas como agendamento, enquadramento e fontes possui pertinência para a análise da forma com a qual *Veja* noticia hoje as questões de clima e meio ambiente. Além disso, contribui para a aplicação prática das teorias do jornalismo no âmbito da análise dos veículos de comunicação brasileiros. Consideramos esta uma pesquisa de relevância tanto para o profissional e sua prática quanto para a construção de um referencial teórico e de investigação da imprensa brasileira, podendo fornecer uma contribuição aos pesquisadores do campo da comunicação, mais especificamente, do meio jornalístico. Mesmo que os veículos de imprensa e seus corpos editoriais não enunciem ou formulem especificamente suas políticas editoriais em termos das teorias do jornalismo é factível que se possa entendê-las a partir deste ponto de vista.

Explica Sousa (2002) que as chamadas teorias da comunicação, foram assim nomeadas tendo em vista os efeitos que os meios de comunicação trazem sobre a sociedade. De certa forma, estas perspectivas teóricas podem auxiliar na construção do pensamento sobre o amplo universo de notícias e informações que hoje nos atingem sem que possamos nos esquivar:

...a comunicação jornalística é um elemento importante na organização da vida quotidiana. De alguma forma, as notícias, entre múltiplas outras funções, participam de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não o é, proporcionam pontos de vista sobre a realidade, possibilitam gratificações sobre o seu consumo, podem gerar conhecimento e também sugerir, direta ou indiretamente, respostas para os problemas que quotidianamente os cidadãos enfrentam (SOUSA, 2002, p. 119).

Entre os diferentes pontos de vista que foram se estruturando a partir dos anos de 1920 para a interpretação da comunicação jornalística, o *agenda setting* vai dar prosseguimento às correntes como as da sociologia interpretativa que propõe a ideia de que os conteúdos dos órgãos de comunicação social e a forma como esses conteúdos são apresentados, resultantes das fases da produção e da circulação das notícias, são capazes de favorecer a constituição de um conjunto de conhecimento compartilhado em sociedade.

Segundo Sousa (2002), dentre os estudos que constataram que os meios tinham efeitos não desprezíveis ou até poderosos no domínio da cognição, na forma como as pessoas entendem a realidade e até se posicionam frente a ela, destaca-se o de McCombs e Shaw (1972), que apresentaram o *agenda-setting*, ou agendamento, no artigo “*The Agenda Setting Function of the media*”, publicado em *Public Opinion Quarterly*. Davam continuidade, de certa forma, à linha de pesquisa iniciada por Lang e Lang (1955) e por Cohen (1965). Os pesquisadores constataram que os meios de comunicação “mais do que fazer as pessoas pensarem de determinada maneira, ajudavam a definir a agenda de temas que eram objeto de debate e preocupação pública (*agenda-setting*)” (SOUSA, 2002, p. 128). Este autor enuncia que, em termos simplificados, tal teoria vinha dizer às pessoas “sobre o que pensar”. Mais do que espelhos da realidade, os meios jornalísticos são vistos, portanto, “participando ativamente no processo de construção social da realidade” (SOUSA, 2002, p. 128).

O estabelecimento da agenda ou *agenda-setting* é uma teoria que se explica por meio da ocorrência de efeitos cumulativos de curto prazo que resultam da abordagem de assuntos concretos por parte da comunicação social. McCombs e Shaw, estudando a

campanha eleitoral para a Presidência dos Estados Unidos de 1968, reuniram dados simultaneamente sobre a agenda dos meios jornalísticos e a dos públicos e encontraram uma grande relação entre as duas (KUNKZIK, 1997). Nesta ocasião, investigaram uma amostra de cem eleitores indecisos, que foram identificados e entrevistados pessoalmente durante os meses de setembro e outubro. Traquina (2001) conta que os pesquisadores realizaram, entre outras, uma pergunta aos entrevistados: “O que é que mais o preocupa neste momento?” (2001, p. 78). A resposta deveria ser dada independente daquilo que diziam os políticos candidatos naquelas eleições. O número de menções de cada cinco dos assuntos mais noticiados da campanha foi utilizado para indexar a agenda pública e, desta indexação, os pesquisadores concluíram que os eleitores tendiam a partilhar as definições da mídia sobre o que era mais importante.

Em 1972, McCombs e Shaw apresentaram suas conclusões e a teoria do *agenda-setting*, afirmando que notaram que “os meios de comunicação têm a capacidade não intencional de agendar temas que são objeto de debate público em cada momento” (SOUSA, 2002, 158). Concluem assim que era possível reafirmar as constatações expostas por Gladys Engel Lang e Kurt Lang que, em 1951, estudaram a realidade criada pela imprensa norte-americana em torno do retorno do General MacArthur aos EUA depois de servir na Coreia. Verificaram a comunicação como fator de influência direta sobre o pensamento do público. Lang e Lang, explica Kunkzik (1997), expuseram que uma plateia esteve presente para assistir o retorno do General da guerra, mas que os aplausos e a calorosa recepção observada por quem assistiu ao episódio na TV foram criados por seleção precisa de cenas e pedidos da equipe de filmagem para que as pessoas acenassem para as câmeras.

Citado por Sousa (2002), Lippman já afirmava, em 1922, que os meios são a principal ligação entre os acontecimentos e as imagens que as pessoas formam desses acontecimentos. Assim, um tema fisicamente distante do dia a dia da maioria das pessoas, como é o caso do trabalho dos candidatos em uma eleição presidencial, pode se tornar pauta das conversas cotidianas ao ser apresentado à população pela imprensa. Cohen, em 1963, também já afirmava que a imprensa pode, “na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre que temas devem pensar qualquer coisa” (WOLF, 2003, p. 145).

Hohlfeldt (2003) lembra que os estudos sobre o *agenda-setting* se deram nos anos 1970, quando surgiu o que hoje se chama *communication research*, nos Estados Unidos, movimento composto por diferentes pesquisadores. Estes se propunham a atuar em equipe (HOHLFELDT, 2003) e, assim, procuravam compreender mais amplamente a abrangência do processo comunicacional. A questão do *agenda-setting*, por exemplo, foi estudada contemporaneamente às primeiras divulgações da teoria da espiral do silêncio por Elisabeth Noelle-Neumann. Ainda para Hohlfeldt (2003), torna-se relevante tratar o *agenda-setting* como uma hipótese, mais do que como uma teoria, para não dar a entender que seja um paradigma fechado, acabado. “A uma hipótese não se pode jamais agregar um adjetivo que caracterize uma falha: uma hipótese é sempre uma experiência, um caminho a ser comprovado” (HOHLFELDT, 2003, p. 189).

Mais tarde, em 1986, McCombs e Gilbert vão procurar determinar elementos da fixação da agenda e neste sentido, é interessante observar os elementos aos quais chegam (KUNKZIK, 1997, p. 314):

1. a quantidade de notícias divulgadas (a principal chave para saber qual tema é importante é a frequência com que ele é tratado);
2. a estruturação editorial e/ou a apresentação relativa ao meio de comunicação (proeminência da disposição do artigo no noticiário);
3. o grau de conflito que se apresenta na reportagem (nesse caso, o valor de uma notícia se torna uma pista importante para a audiência);
4. os efeitos com o passar do tempo, que diferem, por exemplo, entre o jornal e a televisão. Stone e McCombs (1981) consideram que o período de quatro meses é o prazo ideal para se estabelecer a agenda através das revistas *Time* e *Newsweek*.

A fixação da agenda pelos meios, conforme Kunkzik (1997), dependerá ainda do contexto social em que estes indivíduos se encontram, se em situações de crise econômica ou decréscimo do crescimento; dos meios de comunicação analisados, seu porte e audiência; dos receptores, se já tem ou não aquele tema em suas agendas pessoais. Nem todas as pessoas sofrerão os efeitos da fixação da agenda da mesma forma, quanto mais instruídas e quanto mais vivência tiverem na área ligada aquela temática, menos estas pessoas deixar-se-ão envolver pelo agendamento dos *media*. O próprio McCombs concluiu, em 1976, que “quanto mais intenso fosse o debate público sobre um tema, menos relevante seria a influência dos meios jornalísticos” (SOUSA, 2002, 159).

Para Hohlfeldt (2003), a eficácia com a qual a imprensa se torna capaz de agendar determinados temas está relacionada a alguns pressupostos. O primeiro seria o fluxo

contínuo de informações, ou seja, em meio à “avalanche informacional” que se recebe nos dias de hoje, forma-se imperceptivelmente na população uma memória dos fatos divulgados mais marcantes. Esta vem à tona quando necessário para entendimento de um determinado acontecimento. O segundo pressuposto seria o de que os meios de comunicação influenciam o receptor a médio e longo prazo, por isso, o agendamento pode ser mais bem observado quando se tem sobre análise um período mais longo, como o de meses e não apenas a semana do dado acontecimento. O terceiro ponto seria de que os meios de comunicação, a médio e longo prazo, determinam o que pensar e falar chegando-se assim a elaboração da hipótese do agendamento, formação da agenda individual e social dos indivíduos.

Estudando os efeitos das notícias sobre o eleitorado norte-americano de 1968, os professores Maxwell McCombs e Donald L. Shaw constataram que “o conjunto de informações produz a base para a formação de uma atitude ou uma mudança de atitude diante dos candidatos; por fim, esta atitude sociabiliza-se entre os diferentes membros da mesma comunidade” (HOHLFELDT, 2003, p. 196). Tal conclusão, mesmo que tendo sido obtida a partir de notícias sobre o processo eleitoral, permite uma boa visualização de como o processo de agendamento se dá de forma geral no noticiário.

Segundo Wolf (2003), é preciso notar que o *agenda setting* ocorrerá sempre em relação ao tipo de veículo em que a notícia é divulgada. O autor explica que, cada veículo, terá modalidades específicas para provocar o agendamento e não, necessariamente, se pode falar em um veículo que seja capaz ou não de provocar tal efeito. Todos, em certa medida, incorrem nele e também o sistema informativo que reúne todos estes veículos trabalham com um determinado agendamento. Por outro lado, todos os veículos terão em comum o fato de que além do agendamento também ocasionam efeitos como, por exemplo, a omissão, a não cobertura de certos temas, a cobertura modesta ou marginalizada que alguns temas recebem. Wolf (2003) explica que “o estudo da capacidade diferencial de agenda dos vários *mass media* permite articular também qualidades de influência diferentes”, (p. 151).

Traquina (2001) tratando sobre a evolução do conceito de agendamento expõe que, nas afirmações iniciais de McCombs e Shaw, em 1972, o conceito de agendamento era visto como um poder da mídia, porém algo limitado, e que, hoje, ao contrário, se tem uma série de pesquisadores que maximizam tal hipótese. Traquina (2001) percebe que se tem atualmente uma noção de que a amplitude e complexidade deste conceito inicial são

maiores e de que o poder midiático, e aqui se pretende entender jornalístico, é maior do que o inicialmente postulado. O autor estuda o conceito de *agenda-setting* especificamente dentro da literatura sobre *newsmaking*, identifica este estudo como uma análise sociológica dos processos de produção das notícias. As pesquisas no âmbito da sociologia sobre o *agenda-setting* vão permitir, segundo autores como Rogers, Dearing e Bregman (1993), citados por Traquina (2001), tratar o processo de agendamento segundo três componentes: agenda midiática, agenda pública e agenda das políticas governamentais. Nossa pesquisa insere-se no primeiro componente, pois foca-se nos estudos do conteúdo dos *media*.

McCombs reavaliou o papel do agendamento junto à mídia, em 2009, na obra “A Teoria da Agenda – A mídia e a opinião pública”. O autor evidenciou que, posteriormente ao enunciado feito sobre o agendamento nos anos 1970, o conceito ganhou interpretações quanto aos seus impactos juntos à população. Em seu novo olhar sobre o agendamento, McCombs (2009) diz que a própria estrutura dos veículos de imprensa, o perfil dos jornalistas e as fontes informativas contribuem na composição das notícias e na determinação do agendamento.

Mesmo com a rotineira exclusão de muitos tipos de ocorrência em muitas partes, ainda assim não há suficientes jornalistas para cobrir todos os aspectos mesmo de tópicos importantes das notícias diárias. Muito do que sabemos, por exemplo, sobre o funcionamento do governo e do comércio, desde o nível internacional até o local, origina-se das fontes oficiais e de outros profissionais de relações públicas que representam importantes fontes noticiosas. (MCCOMBS, 2009, p. 159)

O autor ressalta ainda uma metáfora para contribuir no entendimento do que seria hoje o agendamento. Sugere que se pense em uma cebola e nas diversas camadas que esta contém. Cada camada seria, segundo McCombs (2009), um ponto de influência determinante sobre a agenda da mídia, pois há muitas agendas intrínsecas a esta. Dentre as “camadas” estariam: desde a ideologia social prevalente até a psicologia do jornalista. Para tal afirmação, McCombs (2009) irá utilizar como referência o trabalho de Pamela Schoemaker e Stephen Reese. A agenda da mídia seria o bulbo desta cebola, enquanto suas diversas camadas, seriam agendas das organizações, dos grupos de interesse, das relações públicas, das campanhas políticas, entre outras. Em relação a cada um destas agendas, é possível encontrar referências em diferentes autores. Por exemplo, no que tange a influência da psicologia do jornalista sobre o noticiário que este produz, Meneghetti (2004) explica: “o autêntico testemunho jornalístico, portanto, está em antecipação não segundo o

tempo exterior, mas segundo o tempo psicológico: é antecipar a conscientização daquilo que está se manifestando, de modo a compreendê-lo e não o sofrer” (p. 158).

Para esta dissertação, tal aporte teórico traz o pressuposto de que, quanto mais os temas de clima e meio ambiente, fizerem parte do noticiário de *Veja*, mais eles estarão na agenda de debates de seus leitores. Ou seja, os temas que tem maior espaço na revista, e cuja repercussão for mais amplamente abordada, terão, seguindo a lógica do agendamento, um reflexo maior na sociedade. Por isso, em nossa análise das reportagens, procuramos apurar quantas páginas cada matéria ocupa e quantas ilustrações cada uma utiliza. Aquelas com mais páginas, posição de maior destaque dentro da organização da revista, bem como, a maior utilização de imagens, provavelmente, serão as de maior impacto sobre o público. Os estudos sobre o agendamento também serviram como critério para seleção do período estudado, de seis meses, de forma que se pudesse ter um ciclo mais completo do agendamento; bem como contribuiu para nossa escolha sobre incluir junto à pesquisa teórica o estudo quanto às características específicas das revistas como mídia.

2.1 O Enquadramento como Conceito Relacionado ao Agendamento

O estudo de Traquina (2001) se detém no agendamento provocado especificamente pelos *media* noticiosos e defenderá o uso da expressão “agendamento do campo jornalístico” sendo que o termo “campo jornalístico” se dá como “o conjunto das relações entre agentes especializados na elaboração de um produto específico conhecido como informação” (TRAQUINA, 2001, p. 20). Em nossa pesquisa, adotamos a visão de Traquina quanto a necessidade de se delimitar o agendamento do campo jornalístico. Dentro deste campo, podemos associar o agendamento a uma série de conceitos que se abrem como parte do estudo realizado ao longo de décadas por vários pesquisadores; dentre eles, o enquadramento ou *framing* é parte do quadro teórico que procuramos construir para esta dissertação.

Mesquita (2008) diz que o conceito de enquadramento vai ser usado, originalmente, para explicar o conteúdo produzido pela televisão, mas que, na sequência, os estudos acerca desta temática se expandem passando a abranger também a mídia impressa. Conforme Mesquita (2008), é possível entender os enquadramentos utilizados nos

formatos impressos como aqueles “que influenciam a maneira com que os fatos são expostos e até mesmo entendidos pela audiência” (p. 15).

A relação entre agendamento e enquadramento tem sido verificada por pesquisadores brasileiros. Colling (2001) entende que o enquadramento seria praticamente um “herdeiro” do agendamento, tendo em vista que a aplicação dos estudos sobre agendamento da opinião pública demonstram que a mídia, além de dizer sobre quais assuntos se conversará, dirá também como se deve pensar os temas existentes na agenda. Colling (2001) traz citação de obra de McCombs, de 1993, em que o autor afirma esta relação de conceitos.

Agenda-setting é considerada mais do que clássica asserção de que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias, igualmente, nos dizem como pensar acerca disso. A seleção de objetos para a atenção e a seleção dos enquadres pensados acerca destes objetos são o ponto forte do papel do agenda-setting. (MCCOMBS, 1993, p. 62, apud COLLING, 2001, p. 94).

Com isso, percebemos que existe uma relação de implicação entre o enquadramento e o *agenda setting*. Estes dois conceitos, quando combinados nos parecem possibilitar uma análise mais complexa da imprensa. Gutmann (2006) mostra que, apesar de esses dois conceitos terem sido desenvolvidos por autores diferentes, os estudos que se baseiam na relação entre ambos têm contribuído para a compreensão acadêmica sobre a relação entre mídia e opinião pública. O conceito de enquadramento hoje norteia muitos trabalhos do campo da comunicação, mas nasceu interdisciplinarmente, na pesquisa de Erving Goffman, de 1974, na área da Sociologia, e tem aplicações também conhecidas em Psicologia e Antropologia. Em Carvalho (2009), encontramos a forma como Goffman vai definir o enquadramento: “Minha expressão análise do *enquadramento* é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência” (GOFFMAN, 2006, p. 11, *apud*. CARVALHO, 2009). Allern (2008, *on-line*) diz também que os enquadramentos são inevitáveis. A rotina de produção jornalística regula-se a partir da produção destes. Existe, portanto, uma relação dialética em que faz parte do processo produtivo das notícias a necessidade do jornalista de enquadrar o todo de sua experiência e consciência em relação àquela pauta para organizar um texto jornalístico.

Segundo Todd Gitlin, em obra de 1980, citado em apresentação de aula disponível *on-line* de autoria do Professor Dr. Sigurd Allern, da Universidade de Oslo, Noruega (2008, *on-line*, tradução nossa): “Enquadramentos são princípios de seleção, ênfase, e

apresentação composta por pequenas tácitas teorias sobre o que existe, o que acontece e o que importa”². Outros autores defendem pontos de vista sobre o enquadramento que parecem dialogar com o de Gitlin. Carvalho (2009, p. 4) afirma que o enquadramento é o que permite a cada indivíduo: “identificar a situação diante da qual se encontra em presença”. É responder a pergunta: “o que está se desenrolando na cena à minha frente?” (CARVALHO, 2009, p. 4). Neste exercício proposto por Carvalho, no âmbito de nossa pesquisa, o primeiro sujeito será o jornalista.

Allern (2008, *on-line*) aponta “ferramentas” da própria produção noticiosa que vão produzir o enquadramento das notícias. Tais são: a escolha do ângulo da reportagem, a seleção das fontes, a formulação das manchetes e do *lead* e a seleção das imagens além, é claro, da escolha dos personagens. Analisar o jornalismo por meio da hipótese do enquadramento, segundo Carvalho (2009), é pensar que, ao redigir uma notícia, o profissional pode colocar “em ação mais do que a saliência de aspectos considerados relevantes para a interpretação dos acontecimentos narrados. Está neste processo a especificidade da sua participação nas dinâmicas de construção social da realidade” (CARVALHO, 2009, p. 4). Os enquadramentos oferecem assim, contextos para a interpretação das mensagens jornalísticas.

Para compreender o jornalismo a partir do enquadramento, vemos como necessário também o conhecimento do trabalho de Gaye Tuchman, de 1978. Segundo Gutmann (2006), embasado em elementos da sociologia do jornalismo, Gaye Tuchman analisa a notícia como uma construção social e se apropria do conceito de enquadramento para identificar os princípios de organização que estão na base da seleção e definição dos fatos noticiosos. Explica Gutmann (2006) sobre o trabalho de Tuchman: “a autora defende que os jornalistas dão uma “moldura” às histórias levando em conta os constrangimentos organizacionais do seu campo, crenças profissionais e julgamentos sobre a audiência” (2006, p. 9). Para Carvalho (2009), é preciso visualizar o jornalismo como sendo uma prática institucionalizada e perceber seus profissionais como estando constantemente sujeitos a constrangimentos organizacionais, possuidores de uma visão estabelecida do que é notícia e trabalhando com a tendência que as notícias têm de “privilegiar posições ideológicas hegemônicas, reforçando a manutenção do *status quo*” (CARVALHO, 2009, p. 5).

² Tradução nossa do original: *Frames are principles of selection, emphasis, and presentation composed of little tacit theories about what exists, what happens and what matters.*

A associação do enquadramento com o conceito de *agenda-setting* se dá de forma consequencial. Van Gorp (2007) entende que a teoria do enquadramento tem seguido a do *agenda-setting* entre aquelas mais comumente aplicadas no campo das ciências da comunicação. Não se trata, segundo o autor, de uma metodologia para análise da comunicação, mas sim, de teorias que bem explicam a questão da formação do pensamento coletivo acerca daquilo que as notícias nos trazem. Desta forma, diversos fatores vão incidir sobre a criação do enquadramento: do contexto social do jornalista produtor da notícia, ao contexto da organização de imprensa para a qual ele presta serviços. Ou seja, tantos são os caminhos para tratar o enquadramento. No caso específico deste trabalho, estamos focados em perceber a forma como a escolha das fontes pode estar ligada a questão do *framing*. Por exemplo, a presença de um padrão nas fontes das reportagens que noticiam catástrofes ambientais (que já de antemão sabíamos que fariam parte desta análise a partir dos dados apurados pela equipe de trabalho do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo) podem nos indicar uma referência inicial que nos permitirá conclusões sobre o enquadramento outorgado pela mídia impressa revista para as notícias sobre este tipo de informação. Segundo Van Gorp (2007), a essência do enquadramento está nas interações sociais. Os produtores de mídia:

...interagem com suas fontes e outros atores na arena pública, e os receptores interagem com o conteúdo das mídia e uns com os outros. Por isso, o enquadramento envolve a interface que ocorre entre o nível textual (enquadramentos aplicados nos mídia), o nível cognitivo (esquematizada entre as audiências e os produtores de mídia), o nível extra mídia (o discurso dos patrocinadores dos enquadramentos; discutidos abaixo) e, finalmente, o contingente de enquadramentos que está disponível em dada cultura. (VAN GORP, 2007, p. 5, tradução nossa³)

Nesse ponto, é importante diferenciar os conceitos de agendamento e de enquadramento, esclarecendo que, apesar desta aproximação possível, um não é o aprofundamento do outro. São, talvez, como afirma Leal (2007) conceitos complementares. Este autor busca Sheufele e sua obra de 1999 para explicar que cabe ao agendamento a seleção e saliência das matérias veiculadas, identificadas por Leal (2007) como objeto. No caso de uma revista, poderíamos pensar, desta forma, na posição e no

³ Tradução nossa a partir do original (Van Gorp, 2007, p. 5): *Media makers interact with their sources and other actors in the public arena, and the receivers interact with media content and with each other. Thus, framing involves the interplay that occurs between the textual level (frames applied in the media), the cognitive level (schemata among the audience and media makers), the extramedial level (the discourse of frame sponsors; discussed below), and, finally, the stock of frames that is available in a given culture.*

número de páginas que uma notícia sobre meio ambiente ocupa em determinada edição. Já no caso do enquadramento temos a seleção dos termos expostos na notícia. Em uma mesma revista, poderíamos perceber, dentro das notícias sobre meio ambiente, por exemplo, como se dá a abordagem a tais temáticas, quais são as fontes mais destacadas, os tipos de dados enfatizados e, até mesmo, o discurso emitido por aquele conteúdo. “Na verdade, o *framing* diz respeito a como as interpretações dos fatos são organizadas em uma notícia, por exemplo.” (LEAL, 2007, p. 9).

Colling (2001) expressa a relação entre enquadramento e agendamento, porém sem confundir estes conceitos. Retomando obra de Robert Entman, de 1989, Colling explica que o agendamento vai determinar quais assuntos eu estou pensando e o que estou pensando sobre este assunto (quais tópicos dele se fazem mais importantes). No entanto, por outro lado, o enquadramento pode ser apontado como determinante de quem tem o poder no texto comunicativo, consegue-se por meio dele chegar às origens da mensagem, a forma como se passa determinado fato, ou seja, delimita-se assim uma sugestão para como o público deverá pensar e conscientizar dada informação selecionada.

Em obra de 2009, McCombs faz referência ao que ele determina como sendo o agendamento de segunda dimensão, por hora, agendamento de atributos. Este estaria, nas palavras do autor, relacionado ao conceito-chave contemporâneo do enquadramento. Assim sendo: aplicada à agenda midiática, enquadramento seria um “poder para estruturar o pensamento, para formatar como nós pensamos notícias [...]. O agendamento de atributos foca na habilidade da mídia em influenciar como nós capturamos os objetos” (MCCOMBS, 2009, p. 140). O enquadramentos sugerem uma perspectiva dominante sobre as imagens que capturamos dos objetos, não somente sugerindo o que é ou não relevante. Os enquadramentos, para McCombs (2009), promovem problemas particulares, avaliação moral, e ou recomendações de tratamento, não só dizendo o que é ou não interessante. Os atributos podem ser muito simples, tais como idades dos personagens, até mais complexos como adjetivos que qualificam estes personagens.

Gutmann (2006) faz a diferenciação entre enquadramento e agendamento de atributos. Para a autora, enquanto o agendamento de atributos ou de segundo nível proposto por McCombs, em 2009, diz respeito a uma transferência de agenda em que se dá destaque a determinados objetos da notícia, o enquadramento é mais amplo, pois “refere-se a uma “tese”, *a priori*, que orienta determinada cobertura, o que é diferente da simples ênfase a certas características do fato narrado” (GUTMANN, 2006, p. 21).

É por meio dos enquadramentos que o público obterá o “fio da meada”, o entendimento sobre o que determinada notícia quer dizer. Desta forma, o noticiário acerca de um episódio de chuvas fortes que provocam alagamento em uma cidade pode ser visto sob o ponto de vista das vítimas, das providências que o poder público tomou a respeito, das explicações para o fenômeno meteorológico ou ainda das perspectivas econômicas envolvidas na situação. Entman (1993) explica que o enquadramento determina como as pessoas entendem e lembram um problema, e também, como eles avaliam esse problema e escolhem a forma de agir sobre ele. “A noção de *framing*, portanto, implica que o enquadramento tem um efeito comum em largas porções da audiência receptiva, apesar de que não é provável que tenha um efeito universal sobre toda ela” (ENTMAN, 1993, p. 8, tradução nossa⁴).

Seguindo definições apresentadas por Entman (1993), enquadramento seria essencialmente um processo de seleção e saliência. O produtor das notícias realiza este processo, consciente ou inconscientemente, selecionando alguns aspectos da realidade percebida e os destacando estrategicamente, fazendo de tal maneira por questões de processo produtivo da elaboração de um texto jornalístico. Promove-se assim uma particular definição do problema, uma interpretação da causa, uma avaliação moral e recomendações de tratamentos para aquela situação:

Enquadramentos, então, definem problemas – determinam o que um agente causador, com quais custos e quais benefícios, usualmente medidos em termos de valores culturais comuns; diagnostica causas – identifica as forças criando o problema; faz julgamentos morais – avalia agentes causadores e seus efeitos; sugere soluções – oferece e justifica tratamentos para o problema e prevê os seus efeitos prováveis. Uma só frase pode produzir mais do que uma destas funções de enquadramento, mesmo que muitas frases no texto podem trazer nenhum destes. E um *frame* em qualquer texto em particular pode, não necessariamente, incluir todas as quatro funções (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa⁵)

É interessante observar que, no Brasil, os pesquisadores importaram as ideias do enquadramento e vêm aplicando-as, principalmente no jornalismo político. Alguns

⁴ Tradução nossa a partir do seguinte texto original: *The notion of framing thus implies that the frame has a common effect on large portions of the receiving audience, though it is not likely to have a universal effect on all.*

⁵ Tradução nossa do original: *Frames, then, define problems-determine what a causal agent is doing with what costs and benefits, usually measured in terms of common cultural values; diagnose causes-identify the forces creating the problem; make moral judgments-evaluate causal agents and their effects; and suggest remedies-offer and justify treatments for the problems and predict their likely effects. A single sentence may perform more than one of these four framing functions, although many sentences in a text may perform none of them. And a frame in any particular text may not necessarily include all four functions.*

exemplos de estudos são elencados por Leal (2007). Entre as primeiras pesquisas localizadas por este autor está o de Afonso de Albuquerque que analisou, em 1994, a cobertura da eleição presidencial pelo telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo, entre os meses de março e maio daquele ano.

Colling (2001) fez uma explicação sobre o conceito de enquadramento de acordo com a visão de Entman e suas possíveis aplicabilidades. Estudou ainda agendamento e efeitos limitados em relação ao noticiário divulgado pelo Jornal Nacional para as eleições presidenciais de 1998. Aldé (2001), em sua tese de doutorado, aplica o conceito original de Erving Goffman e o trabalho de Todd Gitlin para servir como suporte teórico em sua pesquisa sobre o cidadão, a mídia e a atitude política. Mesquita (2008) investiga a escolha das fontes como gênese do enquadramento utilizado por quatro das maiores revistas de circulação nacional brasileiras em relação ao Caso Dossê, um escândalo político que foi amplamente noticiado pela imprensa nacional nos anos de 2005 e 2006. A perspectiva de que as fontes podem determinar uma das abordagens para o estudo do enquadramento no meio jornalístico se faz presente já em Entman (1993, p. 53, tradução nossa⁶):

Comunicadores fazem consciente ou inconscientemente julgamentos de enquadramentos ao decidirem o que dizer, guiados por enquadramentos (muitas vezes chamados esquemas) que organizam os seus sistemas de crenças. O texto contém enquadramentos, que são manifestados pela presença ou ausência de certas palavras chave, frases de efeito, imagens estereotipadas, fontes de informação e sentenças que provoquem um grupo de fatos ou julgamentos.

A cultura seria, por esta definição, onde se guardam os *frames* mais comumente utilizados. O destaque para alguns elementos do fato auxiliaria na formação dos argumentos apresentados pelo texto jornalístico. A escolha das vozes que falam nesta matéria, a definição das fontes que fornecerão as informações na qual o conteúdo se baseia pode ser vista como um primeiro passo na composição do enquadramento.

2.2 As Fontes do Jornalismo e o Enquadramento do Noticiário

⁶ Tradução nossa do original: Communicators make conscious or unconscious framing judgments in deciding what to say, guided by frames (often called schemata) that organize their belief systems. The text contains frames, which are manifested by the presence or absence of certain keywords, stock phrases, stereotyped images, sources of information, and sentences that provide thematically reinforcing clusters of facts or judgments. The frames that guide the receiver's thinking and conclusion may or may not reflect the frames in the text and the framing intention of the communicator.

As fontes em jornalismo dizem respeito à procedência da informação. Barbosa e Rabaça (2001) explicitam que as fontes podem ser documentos ou pessoas de onde um jornalista extrai as informações. Para os autores, a fonte classifica-se em oficial (ou formal) ou não autorizada. Estas classificações, conforme veremos neste capítulo, são percebidas de forma mais ampla por diferentes autores. Trataremos assim, do estudo das classificações de fontes jornalísticas e da relação destas com o enquadramento que será percebido nas reportagens, demonstrando-se como uma verdadeira estratégia de noticiabilidade. Em conceituação bastante sintática, Franklin, Hamer, Hanna, Kinsey e Richardson (2005) trazem o seguinte significado de fontes:

As pessoas, lugares e organizações que suprem os jornalistas com ideais e informações gerais (e frequentemente citações) para potenciais novas histórias e características são conhecidas como fontes, algumas das quais podem ser pontos rotineiros de contato, enquanto outras podem ser “em *off*”. (p. 248, tradução nossa)

É possível dizer que não existe jornalismo se não houver as fontes, trata-se de uma necessidade intrínseca ao processo de reportagem. Schmitz (2011) ao estudar os manuais de comunicação de grandes veículos de imprensa brasileiros, percebe que as fontes têm papel inerente à realização de um texto jornalístico. “A maioria das informações jornalísticas é plural, emana de vários tipos de fontes, que o jornalista utiliza com o propósito de reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos” (SCHMITZ, 2010, p. 41).

Mesquita (2008) também associou o conceito de enquadramento à escolha das fontes: “a escolha destas fontes pré-anuncia a orientação que a narrativa de um determinado veículo seguirá” (MESQUITA, 2008, p. 33). Segundo Lage (2003, p. 49): “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos”. Desta forma, os autores permitem compreender que a escolha das fontes expressa muito mais do que explicitamente revela, ela também traz indícios do contexto no qual foi produzida. Se tratarmos, por exemplo, de um fenômeno ambiental, a necessidade da velocidade da produção noticiosa, valor notícia da factualidade – pode levar o repórter a utilizar aquelas fontes que lhe estão mais próximas. Por outro lado, um fenômeno em outro país pode dificultar o acesso a especialistas daquele lugar que apoiem o jornalista, o levando a consultar especialistas em seu próprio país, porém, distantes do fato ocorrido.

Hoje, com a velocidade do mundo das informações, se tem, inclusive, fontes treinadas para desempenharem este papel. Explica Lage (2003) que, a partir da Segunda Guerra Mundial, as assessorias de imprensa vão se difundir. No Brasil, a experiência demonstra que jornalistas podem atuar também neste ramo, tornando-se fonte capacitada e capacitando outras fontes. Chaparro (1994) nota que as assessorias de imprensa constituem-se atualmente em verdadeiras redes informativas. Explica que elas estão presentes no serviço público, na economia privada, nos partidos políticos, nas entidades classistas, nas organizações culturais, nos centros de ensino e pesquisa, enfim, em tantos dos diferentes âmbitos de atuação da sociedade. Essa expansão vai ser vista no país, marcadamente nas décadas de 1970 e 1980, e tem raízes no sistema de controle da opinião pública iniciada pelo regime militar.

Santos (1997), ao explicar o funcionamento das negociações entre jornalistas e as fontes treinadas para fornecerem informações, demonstra que estas utilizam a compreensão do processo produtivo dos veículos de comunicação para verem seus temas de interesse serem divulgados na imprensa. “As fontes tem como objetivo prioritário a pesquisa dos critérios de noticiabilidade e da maneira como os jornalistas selecionam as fontes bem como os conceitos de objetividade, imparcialidade, neutralidade e equilíbrio que estes buscam naqueles” (SANTOS, 1997, 114).

As assessorias de imprensa, segundo Chaparro (1994, p. 69), “atuam em todas as fontes detentoras de informações, opiniões e explicações que interessam à sociedade – atrás de quem a imprensa anda dia e noite”. Hoje, com o avanço das assessorias de imprensa também como campo de atuação profissional para os jornalistas, se vê que estes profissionais podem ser amplamente úteis às redações. Para Chaparro (1994), são “fontes preciosas para a captação, aferição e interpretação de informações de interesse público” (p. 71). Ao fornecer conteúdos prontos às redações para divulgação de seus clientes, as assessorias de imprensa também contribuem para que o jornalista vença alguns desafios como a constante especialização do saber que lhe é requisitada, as interfaces nos jogos de poder entre as próprias fontes e a velocidade do avanço tecnológico em paralelo à velocidade das mutações históricas e à ampliação da complexidade dos acontecimentos.

A essência das atividades dos jornalistas, para Lage (2003), é a mediação entre o fato e a versão jornalística que se divulga. De forma semelhante, Meneghetti (2004) expressa que a atenção do jornalista à forma como dizer o fato é o objeto da atividade jornalística: “como verbalizar aquilo que se quer mediar [...] O jornalista deve fazer a

mediação entre o fato e a opinião, usando a gramática, a sintaxe e a cultura do grupo a que se dirige e pelo qual quer ser compreendido” (2004, p. 156).

Lage (2003) ao estudar o modelo de comunicação exposto por George Gerbner em 1956 diz que “cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória” (LAGE, 2003, p. 54). As fontes têm, portanto, sua forma de ver o mundo. Esta se soma a do jornalista e, desta combinação de perspectivas, se dá uma das gêneses do enquadramento das reportagens. Ao abordar um problema que pode ser, por exemplo, o desmatamento da Amazônia, o jornalista formará previamente uma ideia do tema. As entrevistas que fará provavelmente auxiliarão na construção desta sua perspectiva. A visão de Pena (2006) sobre as fontes de informações adotadas pelo jornalista se assemelha com a desses autores. “A fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos “óculos” de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos” (PENA, 2006, p. 57).

Argumenta Lage (2003) que a percepção da realidade está ligada à construção de modelos mentais dela. Utiliza a teoria dos modelos, de Philip Johnson-Laird e também a teoria da cognição e aborda duas questões, procurando entender por que as fontes se tornam fontes se não ganham nada com isso e, por que acreditamos que esta pessoa não inventará a resposta. As elucidações apresentadas por Lage (2003) são de que os homens consideram crucial serem aceitos socialmente e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas. Tal conclusão fundamenta-se em Lazarsfeld, Merton e Kenedy cujas pesquisas foram realizadas nas décadas de 1930 e 1950.

Lage (2003) se utiliza também de Paul Grice, autor que nos anos de 1980 fixou as máximas para justificar pessoas envolvidas numa conversa de boa-fé. Estas máximas podem ser: a) da quantidade, a fonte informa na medida em que se faz necessário para manutenção daquela troca e não mais que isso; b) da qualidade, a fonte tenta fazer sua contribuição ser verdadeira; c) da relação, a fonte procura que sua fala seja relevante e, d) da maneira, a fonte procura ser clara. A estas máximas, segundo Lage (2003) somam-se as normas de Bown e Levinson para a atuação das fontes: essas procuram ser polidas, apropriadas e implicadas nos fatos. Lage (2003) explica que “toda conversação depende do que um dos envolvidos imagina que o outro pretende” (p. 57). Caso se tenha uma relação em que ambos se posicionam em boa-fé, não se verá reação contrária às máximas. Já se, por exemplo, o entrevistado atribuir ao repórter uma intenção de má fé, esta fonte poderá

ser lacônica para evitar que suas falas sejam mal utilizadas. Caso o entrevistado perceba nesta relação uma oportunidade de defender seus direitos, enfatizará reclamações e reivindicações. Por exemplo, um cientista ao ser entrevistado pode temer que o repórter não entenda algo e, por isso, ser redundante em suas explicações. Ainda sobre a questão do por que as fontes tendem a não mentir, Lage (2003) explica que “um princípio geral da conduta humana é buscar a máxima eficiência com o menor custo possível – e a mentira tem alto custo moral e físico” (p. 56). O autor diferencia a situação de mentida daquela em que, mesmo não mentindo, a pessoa pode não estar dizendo a completa verdade:

Ao relatar um fato policial, testemunhas provavelmente destacarão os detalhes que estão de acordo com a sua crença; pedestres tendem a exagerar quando falam da velocidade de automóveis envolvidos em acidentes, porque a alta velocidade é pressuposto comum nos delitos de trânsito; pessoas espancadas podem sinceramente imaginar seus agressores mais altos e fortes que eram na realidade. (LAGE, 2003, p. 59)

Com isso, podemos compreender que a percepção da realidade pelas fontes nem sempre equivale à realidade dos fatos, assim como a notícia nem sempre é um espelho desta realidade.

2.3 A Escolha das Fontes Como Estratégia de Noticiabilidade

Traquina (2004) entende que as redes de fontes são essenciais para o funcionamento dos órgãos de imprensa e que os jornalistas devem ter claro que as fontes são também pessoas interessadas em algo. Por sua vez, os jornalistas utilizam as fontes segundo um interesse seu, ou seja, optam por aquelas que favoreçam mais à construção da notícia. Desta forma, a escolha das fontes pode ser vista como uma estratégia no processo de construção da notícia. Segundo Carvalho (2010), o conceito de estratégia tem sua origem relacionada ao âmbito militar. Ao longo da história, a estratégia “passou a ser relacionada com a ideia mais ampla de resolução de conflitos. Como existem outros conflitos além da guerra, e a força não é a única nem necessariamente a melhor forma de resolvê-los, a estratégia passa a significar domínio da inteligência.” (CARVALHO, 2010, p. 72). A autora explica também que hoje a estratégia faz parte de todos os campos sociais e instituições – inclusive na mídia, âmbito no qual a estratégia auxilia os operadores a se aproximarem de objetivos e resultados, além de oportunizar maior competitividade e

eficiência “na gestão das próprias organizações ou produtos da mídia” (2010, p. 72). Carvalho usará o termo estratégia midiática, e a definirá como táticas e ações que também vem auxiliar a sobrevivências das empresas jornalísticas diante da competitividade atual.

Por sua vez, Benetti (2007) indica que os procedimentos adotados pelos jornalistas para construírem efeitos de verdade em suas reportagens – por meio de recursos como a designação, a reconstituição e a elucidação⁷ - são subordinados ao contrato de comunicação que este estabelece com o público, à consciência ética que está subentendida à prática jornalística. A busca pela verdade e a credibilidade auxiliam a estruturar o gênero jornalístico e os efeitos de verdade estão “baseados em estratégias que buscam a confiabilidade, sob pena de ruptura do contrato de comunicação. Nenhum discurso está livre da verdade como efeito, e o jornalismo não seria diferente: a verdade como construção, crença e convicção” (BENETTI, 2007, p. 12).

A escolha da fonte e identificação desta nos parece, portanto, uma das estratégias adotadas pelo jornalista no sentido de conferir confiabilidade e designação de procedência à informação por ele transmitida. Tal ponto vai de acordo ao que indica Traquina (2004), segundo o qual há certos critérios que se pode observar para que uma fonte seja considerada para ser citada em uma reportagem, entre estes, a autoridade, a produtividade e a credibilidade. Porém, antes de verificar sobre o que trata cada um destes critérios, é importante afirmar que, se hoje podemos falar em construção da notícia, conforme explica Traquina em “Teorias do Jornalismo – Volume 1 – Por que as notícias são como são” (2005) é graças ao trabalho dos chamados pensadores construcionistas que trabalham o paradigma de que as notícias são uma construção social da realidade e começam a divulgar seu trabalho em o final dos anos de 1960 e início de 1970. Os construcionistas assumiam que “é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem “refletir” esta realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 168). Na realização de nossa pesquisa, demonstra-se importante a compreensão dos estudos construcionistas tendo em vista um melhor entendimento de como se chega ao interesse hoje pelo estudo do processo produtivo do

⁷ Benetti (2007) busca estes três recursos em Charaudeau (2004). Segundo o autor, cabe ao jornalista convencer seus interlocutores de que a narrativa que apresenta corresponde à verdade. Para tanto, a verdade é um efeito produzido por meio de três procedimentos básicos de fornecimento de provas em relação ao que se narra. São eles: a) a designação, que confere autenticidade ao que é mostrado, como, por exemplo, o uso da fotografia e das coberturas ao vivo, bem como a exibição de documentos confiáveis; b) a reconstituição do fato, por meio da qual se busca atingir a verossimilhança; c) a elucidação, que configura a explicação ou a possibilidade de determinar o porquê dos fatos.

noticiário – onde conseguimos observar diversas perspectivas para compreensão da escolha das fontes.

Outro argumento presente no construcionismo – estruturado por pesquisadores como Tuchman, que é também um dos autores mais referenciados quando se trata de enquadramento – diz que a neutralidade da linguagem não é possível de ser alcançada e, por consequência, também não é possível que se fale na linguagem como transmissora direta dos acontecimentos. Meneghetti (2004) afirma que “não é tão importante o escrito, mas o ‘escrevente’ e que não tem sentido o mito da objetividade da informação” (p. 156). O autor procede explicando melhor esta sua afirmativa, dizendo que sempre, no jornalismo, existirá o jornalista enquanto testemunha, por isso não existe a precisão absoluta do fato. “A precisão da verificação objetiva compete às ciências naturais, à Matemática, à Física. Ao jornalista autêntico, em vez disso, compete a *exatidão do testemunho*” (p. 156).

Como parte do paradigma construcionista se terá as teorias interacionista e estruturalista. Segundo Moreira (2006), os estruturalistas percebiam o campo jornalístico como relativamente autônomo e as notícias sendo partícipes da indústria cultural, reforçadoras da hegemonia ideológica. Os interacionistas, por sua vez, percebiam as notícias como resultado de um “processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (a notícia). É um papel interativo, no qual diversos agentes sociais exercem papéis ativos, numa negociação constante” (MOREIRA, 2006, p. 18). Em ambas estas teorias, temos em comum a relação entre fontes e jornalistas sendo apontada como uma possível ferramenta do governo e das autoridades estabelecidas. Os estruturalistas preocupam-se mais com as fontes e apontam os valores-notícia como fundamentais na reprodução da ideologia dominante. Os interacionistas conferem maior responsabilidade e autoridade aos jornalistas, atentando mais para as práticas profissionais e as rotinas produtivas da notícia como responsáveis pela característica destas.

Os construcionistas veem, ainda, que os veículos de comunicação constroem representações dos acontecimentos e o fazem por meio de fatores que vão desde os aspectos organizativos do processo jornalístico, às limitações orçamentárias, à própria maneira como a rede noticiosa é estruturada para responder a imprevisibilidade dos acontecimentos. A escolha das fontes, para os construcionistas, seria mais uma forma de criar a representação do acontecimento a ser relatado. Os critérios de autoridade,

credibilidade e produtividade apontados por Traquina (2004) para escolha das fontes estariam dentro desta lógica de que a construção da representação de um acontecimento noticiado é realizada também por meio de critérios pertinentes ao processo produtivo das notícias. “A importância das rotinas e das práticas na produção jornalística é um elemento chave do novo paradigma construtivista que emerge nos anos 70” (TRAQUINA, 2005, p. 172).

A importância dos elementos partícipes do processo de produção das notícias é exposta também por Josenildo Guerra (2000) quando este percebe que o vínculo que funda o jornalismo como prática social pode estar na relação de confiança cotidiana do público com o noticiário, a qual só é possível graças a um processo produtivo que é realizado de forma a que as notícias possam estar sempre presentes no horário e data acordados por um contrato social prévio. O jornalismo seria, então, um discurso que constitui realidade. “O vínculo fundante do jornalismo pode ser expresso na forma de um imperativo ético - os jornalistas se comprometem a noticiar fatos reais e o público deposita sua confiança nos relatos como sendo verdadeiros em relação a tais fatos” (GUERRA, 2000, p. 3).

A noção da importância do processo produtivo das notícias é também um elemento presente nas visões construcionista e interacionista sobre o jornalismo. Ambas negam tanto a “teoria do espelho” quanto o empiricismo ingênuo dos jornalistas. Em ambas estas teorias, como já dissemos, as notícias são o resultado de processos de interação entre agentes sociais de naturezas diversas. É este o caso da relação entre jornalistas e fontes de informação e também da relação entre jornalistas e sociedade. Parece-nos que seja, neste âmbito, que se torna possível classificar as fontes, a partir do momento que se percebe nelas não só fontes necessariamente presentes na reportagem por serem elementos componentes dos fatos que esta reporta, mas sim como opções do jornalista que as escolhe segundo critérios que tem influência na forma com a qual será enquadrado determinado argumento noticioso. Ou seja, ao mesmo tempo em que as fontes auxiliam na construção da reportagem, estas auxiliarão os jornalistas a compreender o fato, a sociedade a interagir com este fato e as próprias fontes a conhecerem sua imagem perante a sociedade.

Segundo a caracterização utilizada por Traquina (2004) teremos que o critério da produtividade pesará sobre a escolha das fontes. Trata-se de quanto material estas são capazes de transmitir para o produtor da notícia. Como veremos a seguir, as fontes oficiais costumam ser as mais eficazes neste sentido, por serem capazes de oferecer conteúdo para a construção de toda uma reportagem. O critério da credibilidade trata do quão confiável

são as informações oferecidas por uma fonte, seja aos olhos do jornalista, quanto aos olhos do público. Por sua vez o critério da autoridade para escolha das fontes diz respeito à hierarquia da credibilidade, ou seja, o jornalista usa a fonte não só pelo que esta sabe, mas pelo que ela representa e assim explora o senso comum em crer na fala de alguém tendo em vista a posição por este ocupada.

Uma fonte mais produtiva auxilia o jornalista a economizar em custos e tempo de produção de uma matéria. Por outro lado, é também característico das reportagens de revista que se opte por utilizar mais de uma fonte, tendo em vista que, desta forma, o jornalista passa em seu texto a noção de ter buscado todas as facetas de um determinado acontecimento ou tema. É o que indica Mesquita (2008, p. 33):

Mesmo antes de apenas servirem para detalhar fatos ou acontecimentos, as fontes são recorrências marcantes nas revistas semanais de informação para trazer maior veracidade ao texto e um aspecto (aparente) de isenção no momento em que se decide por este ou aquele enquadramento.

Por este critério, nossa análise das reportagens de *Veja* levará em conta o número de fontes presentes em cada matéria como um dos indicadores para apuração do enquadramento adotado por cada texto e a relevância outorgada pela revista em relação aos temas de clima e meio ambiente. Retomando a ideia de credibilidade, esta implicaria na visão do quanto as informações oferecidas por determinada fonte requerem em termos processo de checagem. Quanto menor for a necessidade deste trabalho de checagem posterior à obtenção da informação, melhor para o jornalista em termos de processo produtivo da notícia. Explica Traquina (2004, p. 193):

Avaliando a importância destes critérios e o fato de que o trabalho jornalístico é condicionado pelo fator tempo, então podemos compreender por que as fontes estáveis, regulares, institucionais acabam por ser preferidas pelos membros da comunidade jornalística.

Já a classificação de fontes quanto à autoridade, utilizada por Traquina (2004), nos remete ao conceito de Stuart Hall dos *primary definors*. De acordo com Hall (HALL et. al, 1978, apud Killingbeck, 2001), as informações sobre a realidade utilizadas na construção de uma reportagem são obtidas a partir de definidores primários (*primary definors*), ou seja, aqueles em poder e posição de autoridade. A mídia (*secondary definors*) está sempre submissa a estes *primary definors* que, pode-se dizer, são escolhidos por cada veículo de imprensa com características de acordo com as linhas editoriais específicas destes, mas que também, perpassam características comuns a todos os veículos de

imprensa. “A mídia assegura que as ideias dominantes ou ideologias sejam constantemente reproduzidas, confiando nas informações dos definidores que fazem parte da ideologia dominante”⁸. A influência do Estado, segundo Hall, amplia-se por meio da mídia, bem como as ideologias dominantes em uma sociedade. Ao confirmar e reafirmar a estrutura de poder existente, dando voz às autoridades mais reconhecidas pelo senso comum, a imprensa pode não estar conspirando, como explica Hall (1978, apud KILLINGBECK, 2001), mas se problemas sociais fundamentais tais como os econômicos criam tensão, a mídia vai, na maioria das vezes, “responder e amplificar os sintomas da tensão.”⁹ (HALL et. all, 1978, in KILLINGBECK, 2001, disponível on-line)

Portanto, ainda é preciso um jornalismo que se preocupe não só em amplificar os fatos que são identificados como nós de tensão social, mas também em compreender as causas e talvez ir além dos discursos dominantes dos *primary definors* - que podem estar alinhados, inclusive, aos interesses editoriais de alguns veículos de nossa imprensa - ou ainda em antecipar tendências. Meneghetti (2004) expõe como sendo um exemplo de competência no trabalho jornalístico o de um profissional que consegue dar as informações mais atualizadas. Identificar o fato que realmente importa, tendo escolhido segundo os critérios “contextuais e pessoais – tanto segundo a objetividade histórica quanto psicológica” (p. 157). Para este autor, o jornalista pode ser o revelador das mutações que estão ocorrendo em sociedade; “o revelador no âmbito daquela ‘espessura’ em que a sociedade *acontece e inventa* a si mesma” (2004, p. 157).

No que tange a análise das reportagens jornalísticas, Guerra (2006) vai apontar que é preciso equilibrar a importância das rotinas e valores da cultura profissional ao também determinante conhecimento que o jornalista tem do tema que constitui a pauta de sua narrativa. As rotinas profissionais e o saber do jornalista sobre o objeto, portanto, devem ser vistas como fator explicativo para a cobertura produzida por um veículo sobre determinado tema. Guerra vai analisar as fontes de informação no noticiário televisivo do Sergipe na área temática infância e adolescência e, para tanto, se propõe a investigar as técnicas cognitivas utilizadas pelos jornalistas tanto na escolha das fontes quanto no contato direto com o fato para construção de uma matéria. Ao falar sobre uma “racionalidade funcional à prática jornalística”, Guerra demonstra que “todo e qualquer

⁸ Tradução nossa do original: “*The media ensure that the dominant ideas or ideologies are constantly reproduced by relying on the information of the definers of the dominant ideology.*”

⁹ Tradução nossa do original: “*But these economic problems create strain and the media responds by amplifying the symptoms of the strain*”

indivíduo experimenta ‘preconceitos’ e ‘modelos cognitivos’ em sua vida” (GUERRA, 2006). É importante trazer o pensamento e as conclusões de Guerra ao nosso trabalho, tendo em vista que estes inserem o estudo das fontes em um contexto mais amplo de fatores que influenciam na construção do que este autor identifica como “matrizes interpretativas” utilizadas pelos jornalistas – e que, de certa forma, fazem parte do modo como toda sociedade percebe a realidade.

Os jornalistas, no exercício de sua função, além de ter essa experiência como qualquer outro ser humano tem, constituem uma prática específica que singulariza tal experiência. Tal “singularidade” decorre de matrizes interpretativas peculiares, forjadas em função de como o sistema de produção jornalística se estrutura e do uso presumido da informação por parte da audiência e do conjunto da sociedade. O conjunto dessas matrizes interpretativas, articuladas entre si e que orientam o trabalho do jornalista, é, então, definido aqui como Técnicas Cognitivas. (GUERRA, 2006, p. 88)

Segundo Philippe Breton (2003), para comunicar procedemos o enquadramento da realidade de forma a construir argumentos sobre alguns aspectos e assim comunicar de acordo com nossa construção pessoal daquele fato ou processo. A construção argumentativa pode passar, por exemplo, por argumentos conservadores – que convalidam o *status quo* – como também por argumentos inovadores que procuram trazer uma mudança para aquele real. A afirmação da autoridade – termo este também utilizado por Traquina (2004) - é outra das estratégias argumentativas apontadas por Breton (2003). “A primeira categoria de argumentos que têm por objeto enquadrar o real a fim de fazer nele um lugar para opinião proposta é constituído pelos argumentos de autoridade” (2003, p. 76).

Com esta construção argumentativa, a narrativa torna-se aceita em sociedade porque a pessoa que o descreve tem a autoridade para fazê-lo ou consulta fontes que tenham esta autoridade. Herédia (2008) lembra que o enquadramento pode ser visto como “o recurso segundo qual a mídia fornece esquemas narrativos que permitem interpretar acontecimentos, privilegiando alguns em detrimento de outros” (p. 11). Assim sendo, a autora indica que a construção da retórica do jornalismo tem entre suas ferramentas o enquadramento, pois a seleção do enquadramento será decisiva para o campo jornalístico. O jornalista, ao escolher a autoridade como critério para opção por uma determinada fonte, é também permeado pelo desejo de que a construção de seu argumento seja aceita entre o público do veículo de imprensa. Com o uso das fontes, abre-se um espaço em meio aos padrões aceitos pela sociedade para expor o ponto de vista – o enquadramento – que o

jornalista decide adotar ao ver-se na função de narrar uma história. Por exemplo, ao deparar-se com uma pauta sobre o novo código florestal brasileiro, por onde o jornalista deve começar a narrativa? Não há uma receita pronta, mas, como expomos até agora, há critérios que auxiliam o repórter. São estes as lógicas de construção do texto e políticas editoriais dos veículos. Bernabei (2003) expõe que, politicamente falando, o jornalista “deve estar alinhado com a orientação editorial, e esta premissa claramente mimetiza a sua liberdade” (tradução nossa¹⁰, p. 189). Não se trata de contradizer a ideia da imparcialidade, o princípio da objetividade jornalística, mas de demonstrar que, por entre estes, há processos de escolha que vão depender do profissional ou da equipe a quem a redação da matéria ficou à cargo.

Ao julgar pelo elenco de categorias argumentativas na comunicação exposta por Breton (2003) é possível falar em relação direta entre estas categorias argumentativas e a escolha das fontes para os textos jornalísticos. Além da categoria de autoridade, pode-se fazer paralelo também com o argumento da competência identificado por Breton, ou seja, quando se fala em credibilidade da fonte talvez se possa falar também o quanto aquela pessoa é comprovadamente - tenha um cargo que lhe confirma tal competência – apta a falar sobre determinado argumento. Com esta prerrogativa, mostra-se a fonte como elemento agregador na construção da argumentação jornalística de cada reportagem. Um exemplo é a lógica pertinente ao uso das fontes ditas especializadas na reportagem. A fonte especializada ganhará mais força na medida em que o especialista estiver se referindo a uma área de seu saber, tal como a opinião de um médico terá mais autoridade quando diz respeito a um problema de saúde pública do que a uma crítica literária. Opiniões de *experts* podem divergir, porém “o homem competente possui uma aura que reforça suas opiniões, mesmo nos domínios distantes de sua competência” (BETRON, 2003, p. 81).

Quando se fala do contato entre jornalistas e fontes que reflete na argumentação da reportagem, é preciso pensar nos papéis das duas partes que estão envolvidas neste contato. Pinto (2000) defende que não se mitifique esta dialética, evitando a imagem de que tal relação se dê em um ambiente perfeito e sem interferências para a coleta de informações. “As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles reparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista” (PINTO, 2000, p. 2).

¹⁰ Tradução nossa do original (2003, p. 189): “*a journalist should be in line with the editorial orientation, and this premise clearly jeopardizes his freedom*”.

Segundo o autor, os interesses das fontes podem ser os de ganhar visibilidade e atenção da mídia, marcar certos temas na agenda pública, angariar apoio ou atenção para ideias e serviços, prevenir ou reparar prejuízos, neutralizar interesses de concorrentes ou criar uma imagem pública positiva. Já para o jornalista, os interesses podem versar na obtenção da informação inédita, confirmar um desmentido para informações obtidas noutras fontes, dissipar dúvidas, lançar ideias em debates, fornecer avaliações e recomendações de peritos, atribuir credibilidade e legitimidade às informações diretamente recolhidas e, também, simplesmente, manter seu *status quo*.

Analisar o enquadramento a partir das fontes, como diz Mesquita (2008), seria “atentar às maneiras com que cada veículo utiliza os discursos das fontes para adicionar informações, complementar dados, corroborar ou contrapor argumentos às teses apresentadas nos textos jornalísticos” (MESQUITA, 2008, p. 34). Seria, então, analisar uma fase primeira, um momento preliminar ao da construção do texto. A reportagem, ao ser constituída pelo jornalista, é já efeito da apuração da pauta e da escolha das fontes.

Essa visão dialoga com a constatada por Meneghetti (2011) de que o profissional jornalista será influenciado pela instituição na qual é empregado, sua cultura, valores e crenças, e, ainda, pela rede de fontes usualmente utilizada pelo veículo para o qual escreve e também pela rede que ele próprio tem condições de criar. Até no próprio texto jornalístico, afirma Mesquita (2008), ao descrever as particularidades de cada fonte, o jornalista irá trazer para as matérias sentidos e valorações específicos que mostram o que se salienta daquela fonte (MESQUITA, 2008). São detalhes como cargo, idade e situação em relação ao fato narrado na matéria.

Cada veículo irá formular e oferecer aos seus jornalistas redes de informações já organizadas. “A mídia coloca os seus jornalistas em uma série de instituições legitimadas como fontes, mas ao mesmo tempo, a situação dos jornalistas nessas instituições reforça sua legitimação pública” (ALSINA, 2009, p. 173). Tem-se também a fonte com autoridade que não é determinada por cargo ou competência, mas autoridade de quem viveu a situação em pauta ou, como Breton vai chamar, da experiência ou o argumento de testemunho. No primeiro, o da experiência, o argumento é concedido ao sujeito com o direito de comunicar por conta de sua prática efetiva no domínio em que o orador se exprime. Por exemplo, alguém que não é especialista em desenvolvimento sustentável, porém, vem participando de uma ação de reciclagem recém-implantada em seu bairro, pode falar desta temática não por um conhecimento de causa no que tange o aspecto teórico da reciclagem do lixo e seus

benefícios para o meio ambiente. Porém, este poderá ser importante argumentador no que tange a explicação de como para a população é relevante que a prática da reciclagem esteja ocorrendo e que esta não leva a um investimento elevado de esforço por parte dos cidadãos, tratando-se de um procedimento dos praticantes em terem lixeiras específicas para cada tipo de dejetos e apoiarem a coleta seletiva dos mesmos. Já o argumento de testemunho é aquela em que o orador do fato esteve presente a uma manifestação ou um acontecimento externo à normalidade, o que lhe confere uma autoridade segura que dá base para o seu argumento. Tratam-se de experiências por vezes traumáticas como a participação em uma guerra, ou no âmbito desta dissertação, em uma catástrofe ambiental. Estes princípios argumentativos são criados por Breton (2003) a partir do estudo da comunicação humana, não somente do jornalismo. Vemos, assim, que estes podem ser aplicados a presente reflexão sobre a importância exercida pelas fontes no enquadramento das notícias e reportagens. O enquadramento da realidade por meio da construção argumentativa do texto perpassa também as escolhas das fontes.

As fontes, segundo Tambosi (2005) são elemento essencial na construção do texto, capazes de determinar se de fato o jornalismo é produtor de informação ou de conhecimento em cada material noticioso. O autor diferencia a produção de informação à de conhecimento e explica que, por sua própria natureza, o jornalismo está relacionado à produção informativa. Porém, para ele, é preciso atentar ao que vai chamar de fragilidade epistemológica do jornalismo: “nem sempre há como saber se as declarações das fontes são verdadeiras. Tais declarações, na imensa maioria das vezes, não têm caráter hipotético, como é peculiar às ciências, mas são apresentadas e tomadas simplesmente como fatos” (2005, p. 36). Declarações, proposições ou versões, segundo este autor, são distintas da realidade do mundo objetivo. Os fatos não podem ser falsos ou parciais, mas estas sim. Para Tambosi, “o jornalismo declaratório produz informações, mas é difícil saber se são verdadeiras, por mais ‘checadas’ que sejam e por mais críveis e honestas que sejam as fontes. [...] Se as informações se comprovarem verdadeiras, então gerarão conhecimento” (2005, p. 37).

Quando se trata de conhecimento, o jornalismo pode resultar em testemunho da realidade, mas, segundo Tambosi, tal somente se dá com a notícia baseada em informações corretas. De qualquer modo, a apuração vai sempre depender do jornalista. Nossa pesquisa baseia-se, então, no pressuposto de que ao jornalista cabe a escolha das fontes, e a mediação daquela versão dos fatos que lhe parece a mais correta, a mais próxima da

realidade, implicando aí não só a impressão dos testemunhos presentes aos eventos que são relatados, mas uma investigação que demonstre o contexto em que tal fato se deu. Ressaltamos a importância das escolhas que o jornalista toma ao longo da apuração da reportagem, pois conforme indica Benetti (2007), mesmo em se tratando de uma comprovação do fato ocorrido, por meio da designação de autenticidade, “continua sendo um efeito de verdade, porque o que é mostrado jamais deixará de ser apenas um enquadramento possível do acontecimento” (BENETTI, 2007, p. 12).

Para Amaral (2010), está no coração da atividade de investigação jornalística a busca por fontes, “pois ao jornalista não cabe dizer o que pensa e cabe a ele reunir informações plurais de diversos pontos de vista para construir as informações de interesse público” (AMARAL, 2010, p. 17). O jornalismo de qualidade, segundo a autora, está identificado com a busca de diferentes fontes, demonstrando que o processo de apuração jornalística foi, pelo menos, em se vendo por alto, respeitado.

Tendo em vista que é também da multiplicidade de fontes consultadas que nasce a credibilidade de um veículo, a consulta à fonte constitui-se elemento *sine qua non* de um bom jornalismo. Pinto (2000) alude à indispensável existência da fonte para a função do jornalista. “Os jornalistas, por sua vez, precisam de forma vital, das fontes e dos seus serviços, pelo que têm de pôr em ação processos exigentes que permitam conciliar a colaboração produtiva da fonte e o distanciamento crítico que o trabalho jornalístico supõe” (PINTO, 2000, p. 284). Conforme expõe Meneghetti (2004) a figura do jornalista refere-se ao profissional que de sua posição para além das partes, “sabe colher a ação específica que poderia dar eficiência e profissionalismo ao indispensável serviço da imprensa, enquanto informadora, histriã do corpo social” (2004, p. 153).

Para escrever bem para revistas, segundo Scalzo (2004), é preciso ter o maior número de informações qualificadas na mão, ou seja, também ter um bom número de fontes. Afirmativa parecida se encontra em Vilas Boas (1996): “Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário” (VILAS BOAS, 1996, p. 9). Esta periodicidade vai refletir nos textos: serão mais livres e usarão, por vezes, certa técnica literária.

O processo produtivo das notícias aqui se torna critério mais uma vez aparente para a escolha das fontes. Um é limitante do outro. Assim como não é possível escrever notícias sem que se adote um enquadramento; os primeiros passos do processo produtivo da

notícia, entre eles a escolha das fontes, também partem do ponto de vista do tempo como elemento determinante do processo produtivo do noticiário. É importante pensar ainda que a relevância com a qual a fonte vê determinadas informações e a forma como ela imagina o interesse do repórter/ouvinte vão interferir naquilo que diz.

Pena (2006) reafirma a possibilidade de que a fonte mude a forma como conta determinada informação tendo em vista o fato de estar falando com um jornalista: “basta a proximidade do profissional mediador, o jornalista, para interferir fundamentalmente na mensagem relatada [...] mesmo que o emissor seja o mais honesto dos mortais” (PENA, 2006, p. 58). O autor sugere que se experimente conversar com algumas pessoas sobre qualquer tema e depois contar que se é jornalista. Para ele, é grande a probabilidade de que estas pessoas mudem as posturas e os tons após a revelação da identidade do interlocutor.

2.4 As Fontes como Possibilidade de Análise de Notícias

A complexidade e diversidade dos estudos que foram realizados e ainda se realizam na atualidade sobre as fontes indicam também a preocupação em caracterizar o quão confiáveis são estas. A partir das considerações sobre a confiabilidade das fontes, Lage (2003) constrói uma classificação das mesmas. A seguir, se explicarão classificações que são importantes para nossa dissertação, porque tratam de critérios adotados para analisar o enquadramento das notícias selecionadas em *Veja*. A natureza das fontes, para Lage (2003), se dará em termos de serem mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais. Ou seja, nas categorias desenvolvidas por este autor, podemos vislumbrar, em determinados momentos, a questão da confiabilidade da fonte como critério para classificação das mesmas. A primeira categoria está nas fontes oficiais, oficiosas e independentes. Oficiais seriam aquelas mantidas pelo Estado ou por instituições que representam algum poder de Estado. Estas fontes são, por vezes, vistas como as mais confiáveis e, por isso, muitas vezes os dados que estas apresentam são tomados por verdadeiros sem que sua origem seja identificada ao longo do texto da reportagem. Isso constitui, segundo Lage (2001), um risco para o jornalista. “Trata-se de um mau hábito [...]. Devem-se citar, sempre que possível, as fontes, sobretudo de dados numéricos e questionar informantes sobre a origem dos números que citam” (LAGE, 2001, p. 63). O jornalista, ao não citar as fontes, opta por assumir ele mesmo o risco sobre a veracidade daquelas informações e não dividir tal responsabilidade com o informante. Porém mesmo

que cite a fonte, caberia a ele ter verificado a veracidade do que esta diz. No âmbito de nossa dissertação, quando as fontes não são identificadas, dificulta a observação destas reportagens tendo em vista a distância que se tem entre o que foi originalmente apurado e a construção interpretativa ou narrativa do profissional jornalista com os dados, informações, e opiniões apurados na entrevista.

Dalmaso e Silveira (2003) reafirmam que as fontes também podem adquirir junto aos jornalistas um poder de legitimidade maior tendo em vista a produtividade que apresentam em relação às informações que este necessita e também a utilidade das informações que fornecem. “A legitimação social e a alta organização de tais fontes são ainda mais fortes quando as mesmas representam grupos de poder, ou detém cargos de importância em instituições políticas e sociais” (DALMASO e SILVEIRA p. 123, 2003). Quanto às categorias, estas as fontes oficiosas expressam normalmente interesses particulares dentro de uma instituição sem poderem ser identificadas, mas podem ser preciosas porque evidenciam algumas manobras das fontes oficiais em alegarem dificuldades para dizer a verdade. Em geral tais fontes pedem anonimato e tem que ser mantidas em *off*, sem menção da origem da informação. A terceira categoria das fontes independentes são aquelas originadas em instituições chamadas organizações não-governamentais ou sem fins lucrativos. Partem do princípio de serem considerados agentes espontâneos para venderem suas ideias, matérias completas e atraentes, recheadas de informações espetaculares que elaboram por serem conhecedores do processo jornalístico.

Outra categoria de fontes abordada por Lage (2003) são as primárias ou secundárias. As primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria. Ou seja, assim que recebe a pauta, quais são as principais fontes para as quais esse jornalista irá se dirigir para obter fatos, versões e números? As fontes secundárias, como o próprio nome indica, são consultadas ainda na preparação da pauta daquela reportagem, ou após esta, para construir premissas genéricas ou contextos ambientais. No caso de uma matéria sobre clima ou meio ambiente, por exemplo, o jornalista poderá procurar um profissional do campo da Geografia, da Meteorologia, ou dos estudos relacionados à Ecologia para se preparar para entrevistar as autoridades e fontes primárias sobre as quais construirá o conteúdo de sua reportagem. Poderá citar ou não estas fontes secundárias em sua reportagem.

Seguindo nas categorias de fontes enunciadas por Lage (2001), parte-se para entender os testemunhos e *experts*. Como afirma Amaral (2010) os testemunhos trazem

para a reportagem a riqueza do “interesse humano”. Por exemplo, quando falamos de uma pauta como grandes chuvas que assolam determinadas regiões do país, são entrevistadas as pessoas que vivenciaram aquela experiência. Estas vão garantir a emotividade para a reportagem. No caso das reportagens sobre catástrofes e acidentes que são alvo do projeto de pesquisa redigido por Amaral (2010) e do qual trataremos a seguir, a história das vítimas “permite ao leitor ‘ver’ a partir de um lugar trágico sem que ele tenha que viver a tragédia, o que lhe dá conforto, alívio e segurança” (AMARAL, 2010, p. 13). Sobre os testemunhos, Lage (2003) lembra que:

...de modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apoia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mentes os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão factual. (LAGE, 2003, p. 67)

Lage (2003) sugere que se tome como verdade em testemunhas aquilo que é comum a três fontes que não se conhecem ou que não sejam capazes de trocar informações entre si. Dentre estas, aquilo que se percebe como sendo “em comum” pode ser considerado verdade. Para o restante, é melhor indicar a fonte. Segundo Pena (2006), é preciso ter cuidado com o uso de testemunhos, pois, para este autor, o jornalista deve fazer o exercício de imaginar a quais interesses ou pressupostos as fontes estão ligados, sejam institucionais ou pessoais.

Por sua vez, os *experts* são fontes em geral secundárias procuradas pelo repórter em busca de interpretações dos eventos. São as pessoas que podem ajudar o repórter a construir um modelo mental sobre o tema do qual deverá escrever. A reportagem ganha peso quando a autoridade destas fontes é identificada. É conveniente ouvir, segundo Lage (2003), mais de um especialista para que se possa construir uma visão mais clara do fato que se quer relatar.

Apesar dos nomes iguais, as explicações para cada categoria de fontes conforme falamos, difere um pouco entre os autores. Entre as temáticas estudadas, no período determinado para a pesquisa em *Veja*, selecionamos na revista as pautas sobre o clima e meio ambiente, inclusas aí as questões das catástrofes. No projeto “Testemunhos e *experts* nos acontecimentos das catástrofes ambientais”, utiliza-se como classificação de fontes, as seguintes categorias: fontes autorizadas (que tem função de representação institucional), testemunhais (que presenciam o fato, sofrem suas consequências ou participam das causas) e *experts* (que dispõe de um conjunto de conhecimentos especializados ou competências

específicas). Amaral (2010) assim explica os testemunhos: “Ao contrário das fontes oficiais e oficiosas e dos *experts*, os testemunhos exercem funções peculiares no jornalismo não focadas nas explicações cognitivas dos fatos” (AMARAL, 2010, p. 11). Já para os *experts*, a autora vai identificá-los majoritariamente com a figura do cientista, explicando que o principal indicador para escolher um cientista para ser entrevistado é a sua vinculação institucional e a posição hierárquica que ocupa. A produtividade científica deste personagem, por vezes, não é fator determinante, mas é importante. O jornalista procura um especialista, na visão de Amaral (2010), para que ele auxilie na compreensão do fato explicando particularidades ou universalidades. No entanto, a competência comunicativa da fonte é um fator que pesa e que, por vezes, será decorrência também de sua produtividade científica, isso porque é mais provável quando fala sobre algo conhecido do que sobre temas que lhe são novos que o discurso desta fonte se construa com clareza.

Tendo em vista que as fontes terão seus interesses e, como todas as pessoas têm também elas o desejo de comunicar imagens de si mesmo e do que veem, assim o texto jornalístico se constitui para além de ser a obra de um autor, como uma polifonia de vozes. O termo vozes está presente em Cunha (2004 apud Mesquita 2008) e está mais ligado às falas das pessoas citadas claramente nas revistas, sem implicar aquelas que são utilizadas para oferecer suporte ao jornalista ou ainda documentos oficiais. Por este motivo nossa análise que se verá nos próximos capítulos, propõe-se a observar as fontes explícitas no texto. É importante, portanto, analisar o relevo dado a cada fonte em uma reportagem jornalística e naqueles veículos de comunicação, afim de que, conforme diz Mesquita (2008) se possa “verificar a escolha das fontes e as informações, ideias e afirmações expostas de cada uma delas”.

É por meio das tantas vozes presentes na notícia que o jornalista consegue aproximar-se do fato, reportar os conflitos e divergências nele existentes. Amaral (2010) lembra que “a presença das diversas fontes convocadas pelo jornalista auxilia na dominação das contingências” (AMARAL, 2010, p. 13). Enquanto no projeto de pesquisa do Grupo de Estudo de Jornalismo da UFSM, do qual esta autora faz parte, utiliza as observações das fontes como um dos eixos para identificar as formas de abordagem ante um mesmo tema (catástrofes) em quatro revistas semanais brasileiras, neste trabalho pretende-se estudar as fontes associadas ao enquadramento como forma de análise por entre notícias de clima e meio ambiente divulgadas numa mesma revista em um determinado período de tempo.

Uma categorização de fontes foi também proposta pelo Professor Josenildo Guerra, em sua dissertação realizada para a Universidade Federal da Bahia e também para artigo publicado em 2006. Guerra analisa as técnicas cognitivas do processo e de conteúdo. Ambas vão ter influência sobre o produto noticioso. No âmbito do processo chega-se a aspectos que vão desde a elaboração da pauta, o trabalho de reportagem e a redação e edição final. Dentre estes pontos, Guerra (2006) opta por estudar a fase da coleta e análise de dados nos jornais a fim de identificar as fontes. Desenvolve para tanto uma categorização de fontes inicialmente amparada sobre a tipificação produzida pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância, a ANDI (cf. Relatório Infância na Mídia 2003- 2004). Para Guerra (2006), pode-se falar em categorias de fontes envolvidas, ou seja, aquelas que participam diretamente do fato, podendo ser causadoras da atividade geradora do fato (tipo 1), ou ter condições passiva ou que sofrem consequências de ação que é objeto da reportagem (tipo 2); fontes autorizadas, sendo as pessoas com função de representação institucional ou organizacional. Estas se dividem entre aquelas cuja vinculação ao fato se deu por solicitação de outra fonte envolvida na matéria (tipo 1) ou quando é promotora das atividades que resultam no fato tema da reportagem (tipo 2). Guerra verifica ainda fontes testemunhais, consistindo naquelas que presenciam o fato apesar de não terem, necessariamente, participação em sua ocorrência, sendo capazes de contarem o que viram. São fontes qualificadas, as que não têm necessidade de terem presenciado nenhum momento do fato, mas que tem conhecimentos especializados sobre aspectos que caracterizam o acontecido e podem dar contexto e entendimento ao repórter sobre o tema.

Outro autor que categoriza fontes é Pinto (2000). As categorias por ele elencadas vem em alguns momentos a coincidir com aquelas de Lage (2003), mas, em outros, constituem-se complementares:

1. segundo a natureza: fontes pessoais ou documentais;
2. segundo a origem: fontes públicas (oficiais) ou privadas;
3. segundo a duração: fontes episódicas ou permanentes;
4. segundo o âmbito geográfico: fontes locais, nacionais ou internacionais;
5. segundo o grau de envolvimento nos factos: oculares/primárias ou indirectas/ secundárias;
6. segundo a atitude face ao jornalista: fontes activas (espontâneas, ávidas) ou passivas (abertas, resistentes) (Caminos Marcet, 1997; Borrat cit. in Bezunartea et al.1998, p.81-82);
7. segundo a identificação: fontes assumidas/explicitadas ou anónimas/confidenciais;
8. segundo a metodologia ou a estratégia de actuação: fontes pró-activas ou reactivas (McNair, 1998, 147-150), preventivas ou defensivas.

(PINTO, 2000, p. 279)

Estudando as tipificações de fontes de notícias feitas por estudiosos e em manuais de redação dos principais jornais brasileiros, Schmitz (2010) desenvolveu as abordagens e tipificações de fontes em que procura permitir uma visualização mais clara e atualizada das diferentes possibilidades de fontes discutidas hoje pelos pesquisadores brasileiros. O autor explica que, as classificações existentes até aquele momento, por vezes, não deixavam clara a influência que determinada fonte poderia ter em relação àquela notícia.

A maioria das notícias depende do que as fontes dizem dos tipos consultados e das suas ações. Mas, nas poucas abordagens sobre as fontes jornalísticas, observa-se uma frágil e desestruturada tipificação, com denominações desconexas, equivocadas, sobrepostas ou incompletas. Igualmente, os manuais de redação dos jornais pesquisados dão pouca ou nenhuma importância às fontes. (SCHMITZ, 2011, p. 19)

Para procurar sanar essa dificuldade, Schmitz (2010) preparou sua matriz de fontes. É nesta matriz que veremos com mais clareza a inter-relação entre as diferentes categorias de fontes já elencadas. De forma dinâmica, uma fonte que é classificada em determinada maneira em uma tipificação, em outra tipificação, poderá ser classificada segundo outro aspecto. Por exemplo, uma fonte primária, no caso de um fenômeno natural como um terremoto, poderá ser também testemunhal. Um personagem neste perfil seria o caso de alguém que sobreviveu ao terremoto, sendo depois procurado pelo repórter e não tivesse interesses envolvidos em sua fala a não ser para com o relato do que viu, narrando a sua emoção ou visão do fato. Pode se tratar do caso de alguém que vivenciou, por exemplo, uma grande chuva, esteve em cidade que foi alagada, ou que sofreu terremotos, etc. Para esta dissertação, adotaremos a matriz de fontes de Schmitz (2010), conforme mostra a Figura 1, por nos parecer atualizada e capaz de trazer o aporte de muitos dos autores brasileiros que debatem esta questão.

Figura 1

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária Secundária	Oficial Empresarial Institucional Individual Testemunhal Especializada Referência	Proativa Ativa Passiva Reativa	Identificada Sigilosa	Confiável Fidedigna Duvidosa

Matriz de tipificação de fontes, segundo Schmitz (2010)

Dentre as tipificações de fontes expostas por Schmitz (2010), cabe explicar talvez algumas as quais ainda não foram mencionadas anteriormente em nosso trabalho. A tipificação de grupo está relacionada ao grupo que informa, de onde a informação se origina, de que forma ela é contextualizada. Na Figura 1, é possível observar as instâncias na qual esta tipificação se classifica, algumas já explicadas anteriormente neste trabalho. Na tipificação ação, será avaliado o grau de engajamento da fonte em relação a sua interação com os meios de imprensa. Na tipificação crédito, é analisada a possibilidade de se atribuir o depoimento a alguém identificado ou de ser preciso manter o sigilo da identidade da fonte. Por fim, a categoria qualificação é adotada avaliando a credibilidade da fonte, sua proximidade e relação com os jornalistas.

A interdependência entre jornalistas e fontes é, conforme indica Traquina (2004), algo a ser evitado, tendo em vista que pode trazer consequências negativas para o trabalho do repórter. Ao ter uma rotina de consultar sempre determinadas fontes (sejam políticas, econômicas, científicas, etc.), o jornalista corre o risco de criar uma relação de confiança e simpatia, que lhe dificultará o afastamento que deve ter no momento da escrita. Corre ainda o perigo de formar fontes que, de tão consultadas, se tornam “profissionais” em atendimento aos jornalistas, conhecendo seus *timings* e considerando saber quais informações são mais relevantes para a imprensa. Por outro lado, a relação de confiança entre jornalista e fonte pode facilitar o acesso do repórter a determinadas informações.

Assim, a escolha das fontes como um dos primeiros momentos referentes à apuração de uma reportagem, determinará uma estratégia, pois esta escolha faz parte da técnica do jornalista e do veículo de comunicação para demonstrar a noticiabilidade de determinado tema. Pode-se dizer que estas estratégias variarão de acordo com as características de cada veículo. Por exemplo, neste trabalho estudaremos com mais atenção a mídia revista. Encontraremos neste meio, com mais frequência, as reportagens do que as notícias. Segundo Lage (2001), a reportagem trata de assuntos que, não necessariamente, são fatos novos; importam mais na reportagem as relações que atualizam os fatos instaurando dado conhecimento do mundo. A reportagem pode ser planejada, pode obedecer a uma linha editorial e a um enfoque. A notícia não dispõe das mesmas características: na escolha das fontes para reportagens o jornalista poderá estrategicamente usufruir do tempo entre as edições da revista, tempo este que geralmente não terá quando apurando uma notícia para jornais de periodicidade diária. Esta flexibilidade das revistas em relação ao fator tempo permite que as fontes, mesmo que não possam responder à

entrevista no mesmo dia em que esta é solicitada, ainda assim participem da matéria. As notícias, por sua vez, são mais frequentes nos jornais diários do que as reportagens e tendem a utilizar as fontes que estão disponíveis naquele dia para o repórter. Podemos dizer que a própria disponibilidade das fontes ao alcance do jornalista no período da elaboração do texto determinará a estratégia adotada pelo veículo. Enquanto um jornal diário primará pelo impacto e o relato do fato do dia anterior, usando, talvez, as fontes mais testemunhais e alguns especialistas que se possa ter ao alcance; na revista teremos a estratégia analítica, a capacidade de aprofundar uma temática consultando fontes secundárias e primárias e revisando o conteúdo por estas oferecido, havendo ainda a possibilidade de se aprofundar o mesmo com novas entrevistas.

Lage (2001) afirma que para construção de um texto jornalístico é preciso selecionar os dados e ordenar os mesmos a partir de uma realidade que é múltipla e simultânea, ou seja, retomamos aqui o conceito de enquadramento. Para fazer tal seleção, é preciso realizar algumas considerações que, nos parecem, seriam critérios de noticiabilidade indicados por este autor, tais como: importância, interesse, proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e oportunidade. Seria como dizer que, para enquadrar um tema, o jornalista deve considerar critérios que são praticamente senso comum entre as redações dos diferentes veículos, mas que vão variar de acordo com a cultura em que determinado meio de comunicação está inserido, seu contexto histórico e geográfico. É possível notar que a escolha das fontes utiliza cotidianamente, estratégias similares como método para saber com quem se deve falar. São questionamentos que o jornalista pode se fazer, entre eles: a importância do cargo desta pessoa em relação ao tema abordado; o interesse que tem no tema; a proximidade com o fato; há quanto tempo participou do mesmo, entre outras.

Segundo Traquina (2005), os valores-notícia são os óculos segundo os quais os jornalistas veem o mundo. Os critérios para determinar quais fatos valem ser notícia seriam: notoriedade, ou seja, a notoriedade do ator principal do acontecimento; a proximidade, que diz respeito a termos geográficos e também a termos culturais e a relevância, que dá mais valor às notícias de acordo com o impacto que tem sobre a vida das pessoas. O tempo é um valor-notícia que se desdobra em mais conceitos, ele é relativo à atualidade do fato. Há ainda a notabilidade, ou seja, o quão visível e tangível é o tema; a característica do inesperado, que marca, por exemplo, o “furo” jornalístico; o conflito e a controvérsia – quanto maiores, mais noticiabilidade -, a infração que é fator de atração

porque envolve também o inusitado. No contexto de processo de produção das notícias, em que se define não só quais temas são passíveis de serem noticiados, mas também quais notícias são viáveis de serem elaboradas em tempo, Traquina (2005) aponta mais alguns critérios. Entre eles estão: a disponibilidade que envolve a facilidade de se fazer a cobertura do acontecimento; o equilíbrio desta notícia em relação à quantidade de outras matérias da mesma edição do veículo que já abordam o mesmo tema; a visualidade, que diz respeito a existência de fotos ou imagens disponíveis do tema; a concorrência de outros veículos de comunicação e o que estes estão noticiando e o dia noticioso que diz respeito a quantidade de notícias para as quais o veículo de comunicação precisa dar atenção naquele dia e o espaço que é preciso dedicar a cada uma.

Traquina (2005) vai elencar ainda valores que incidem sobre a construção dos textos, ou seja, critérios de seleção dos elementos do acontecimento que aparecerão na notícia. Estes, em nosso entender, compõem também o enquadramento dado a reportagem. São eles: a simplificação, que procura facilitar o acesso do público aos acontecimentos, amenizando suas complexidades para que assim possa ser notado com mais facilidade; a amplificação, que observa a quantas pessoas o fato em pauta pode atingir; a relevância com a qual uma notícia dá sentido ao acontecimento; a personalização, que diz respeito à valorização das pessoas envolvidas no acontecimento; a dramatização, que expõe aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional e a natureza conflitiva do ser humano e, por fim, a consonância, que procura inserir o acontecimento dentro de uma teia já constituída pelas demais narrativas apresentadas pela mídia. O autor ressalta também a existência de valores-notícia em relação à organização jornalística, nos quais indica que a política editorial da empresa jornalística pode influenciar diretamente o processo de seleção dos acontecimentos. Todos estes valores demonstrados por Traquina (2004) são partilhados pela comunidade jornalística e estarão presentes sempre que um profissional escolher as fontes com as quais construirá sua reportagem. Estas que em contrapartida contribuirão para que ele continue a reafirmar cotidianamente a existência destes mesmos valores.

3 A MÍDIA REVISTA E O JORNALISMO AMBIENTAL

No que tange as reportagens sobre meio ambiente, Baumont, Girardi e Pedroso (2008) vão salientar que a divulgação de catástrofes costuma ser a pauta relacionada ao meio ambiente mais comumente noticiadas pela imprensa. Porém, explicam que também as questões ligadas ao aquecimento global têm ganhado espaço. O formato reportagem, na visão destes autores, é mais adequado para a divulgação do tema meio ambiente pois se trata de “produção jornalística mais elaborada, que prima pela contextualização dos fatos ao invés do seu relato imediato, numa perspectiva de investigação crítica, apresenta-se como alternativa expressiva ao jornalismo ambiental” (BAUMONT, GIRARDI E PEDROSO, 2008, p. 195). Ao evitar as fórmulas de banalização da realidade, conforme indicam Baumont, Girardi e Pedroso (2008), a reportagem, e neste caso nos referimos as reportagens de revista, podem ser consideradas uma forma de abordagem mais adequada para o jornalismo ambiental. Neste âmbito, cada mídia vai ter suas estratégias para adoção de determinadas fontes que melhor convierem ao seu processo de divulgação da informação. Assim como, cada veículo terá aquelas fontes que se alinham melhor a sua proposta editorial. Nesta pesquisa, será abordada a especificidade da mídia revista e sua estrutura. As revistas por sua natureza física (papel, formato, etc.) duram mais do que os jornais, são de manuseio mais fácil e cômodo. Neste sentido, as reportagens nelas divulgadas podem ter mais ampla abordagem do que os jornais. Conforme exemplifica Scalzo (2004, p. 41):

Nas redações dos jornais ou de telejornais, quando acontece um terremoto, por exemplo, tudo treme. É preciso correr e dar notícia em cima da hora. Nas revistas, a redação não treme. Ou treme bem menos. Se for preciso falar do terremoto, será necessário descobrir o que ninguém sabe sobre ele, explicá-lo de forma diferente.

O formato de revistas, segundo Schwaab (2011), remete aos EUA e à Europa do século XIX como parte do ímpeto de registrar o cotidiano que se tornou possível com a evolução da tipografia. As *magazines*, que vão dar origem ao formato de publicações como *Veja*, nascem de características bastante literárias, porém, ao longo do tempo, se modificam para melhor atender ao mercado editorial recém-constituído. O termo *magazine*, em inglês, e *magasin*, do francês, tem origem no árabe significa “armazém” (armazenando informações diversas e aprofundadas). A ideia remete à “proporcionar não a

informação imediata do acontecimento, mas o esclarecimento dos principais fatos que merecem o interesse do público, auxiliando em sua reflexão” (SCHWAAB, 2011, p. 56). Seu formato, suporte e periodicidade; suas características de visão macro dos fatos, preocupação com a apresentação estética, uso de uma prosa mais próxima ao leitor, foco em um público alvo mais reduzido garantem um discurso e um olhar particulares conferido ao mundo por estas publicações. A lógica de produção e circulação da revista, segundo Schwaab (2011), é diferenciada das demais mídias. O leitor não reflete somente sobre a edição que lê, porém, sobre todas as edições anteriores e pode ter percepção da revista como um verdadeiro documento que pode ser mantido consigo por mais tempo do que o que normalmente se dá quando nos referimos a jornais – o papel e normalmente a qualidade da impressão adotada por a mídia revista permite que seja mais facilmente arquivada e perenizada em coleções pelos leitores. Os conteúdos vão ser apresentados conforme padrões próprios de cada revista, em termos de formatos de títulos, de tipo de conteúdo interessante para cada editoria e, pode-se acrescentar, também de temática alvo de interesse de cada publicação.

Toda empresa jornalística esforça-se para “rotinizar” o seu trabalho. Como explica Traquina (2004), o repórter, ao conhecer esses procedimentos, pode trabalhar melhor e conseguir ter o seu esforço cotidiano com resultados produtivos para o veículo. Traquina (2004) afirma que essa rotina perpassa situações como o profissionalismo do repórter está não só no conhecimento das técnicas de escrita, como também, em dominar as fontes, ou seja: saber quem contatar, e que perguntas fazer. Segundo Alsina (2009), “as rotinas permitem predizer as notícias de sequência, mas também poderão ser utilizadas pelo jornalista quando ele tiver de se enfrentar a uma notícia de última hora” (ALSINA, 2009, p. 179). Alsina remeterá ainda a importância de, no momento atual, os profissionais do campo da comunicação entenderem com mais profundidade a especificidade de cada mídia (revista, internet, jornal, rádio, TV, etc.). É por meio desta compreensão que se pode, por exemplo, definir as possibilidades de explorar os recursos que são específicos de cada mídia, disponível ao acesso do público.

Dentro do ecossistema da comunicação, cada um dos meios realiza uma determinada função. Talvez, uma das maiores preocupações e dos mais importantes desafios para o futuro da teoria da comunicação sejam a descrição e a explicação da estrutura comunicativa de forma global e diferenciada. (ALSINA, 2009, p. 88)

Para estudarmos a mídia revista, escolhemos como foco de análise o elemento textual com o qual se constrói a reportagem. Desde a elaboração da pauta é possível notar, a diferença entre as notícias ou reportagens (estas as mais comuns em revistas). No que tange as fontes, também é assim. Ainda sobre a diferenciação destes dois tipos de textos, Loose (2010) explica que as reportagens são locais nos quais se encontram textos mais contextualizados, interpretativos, aprofundados e com exposições de causas e também das consequências. Ao estudar o discurso ambiental em quatro diferentes publicações ambientais, a autora cita Jorge Pedro Sousa para explicar que as reportagens trazem como que “uma lupa” para as notícias e procuram fazer com que os leitores “vivam” o tema que está sendo abordado (2010, p.100). Segundo Lage (2002), há diferenças também quanto o nível de planejamento. “Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizadas por um acontecimento” (p. 47).

No que tange o estilo de texto, o da reportagem de revista – por ter tamanho maior e, por vezes demandar maior tempo de produção – torna-se mais disponível à construção de um estilo marcante do repórter. Ele pode optar por uma abordagem que mais satisfaça as suas compreensões da realidade que está retratando ou ainda àquelas do veículo de imprensa no qual atua. “Existe sempre alguma interpretação nas reportagens. O importante é que se respeitem os fatos, dos quais não se pode discordar, e se dê ao leitor, com humildade, o direito de avaliá-los segundo seu próprio repertório, seus valores” (LAGE, 2002, p. 48). O jornalista trabalha envolvido no processo de produção e este vai refletir em seu texto. Para Meneghetti (2004), o testemunho jornalístico não é tanto o “preciso e tempestivo registro dos efeitos dos acontecimentos, enquanto surpreendentes manifestações históricas, mas, sobretudo, a capacidade de intuir a ‘dinâmica histórica’.” (p. 158). Segundo este autor, quando o jornalista exercita esta capacidade, consegue estar a frente dos demais, de forma mais eficaz do que quando assegura o “furo” jornalístico. Esta visão coincide, de certa forma, com a de García Marquez (1996), segundo o qual, o furo jornalístico não diz respeito tanto a quem conta primeiro uma história, mas quem sabe conta-la da melhor forma. Ao falar sobre a formação dos jornalistas hoje, o consagrado autor colombiano coloca:

O mais grave é que estes atentados éticos obedecem a una noción intrépida del oficio, asumida a conciencia y fundada con orgullo en la sacralización de la primicia a cualquier precio y por encima de todo. No los conmueve el

fundamento de que la mejor noticia no es siempre la que se da primero sino muchas veces la que se da mejor. Algunos, conscientes de sus deficiencias, se sienten defraudados por la escuela y no les tiembla la voz para culpar a sus maestros de no haberles inculcado las virtudes que ahora les reclaman, y en especial la curiosidad por la vida. Não apenas vão transparecer no texto algumas características pessoais do repórter, mas também a linha editorial do veículo de comunicação e o público para quem é destinada a notícia. Existe um amalgama de aspectos que se entrelaçam e configuram as forças que entram em jogo durante o processo de produção e veiculação da notícia e das reportagens. (1996, p. 2)

Estudar as fontes utilizadas em reportagens de revista trará nuances diferentes do que se daria no caso de estarmos abordando um jornal, ou ainda uma rádio, um canal de televisão ou um *website* noticioso. No entanto, em comum, estes veículos mantêm a necessidade do acesso às fontes para a construção do contexto em torno do fato. Na imprensa brasileira, dificilmente se verá um artigo interpretativo sobre um fato sem consulta a fontes e que ocupe o espaço do noticiário. Este tipo de texto, em nossa tradição, está destinado a área dos editoriais ou colunas de opinião. Dentre a imprensa nacional, optamos por um veículo que, ao nosso ver, – sem que se entre aqui no mérito de juízo de valor ou gosto pessoal sobre as revistas brasileiras – tem a maior representatividade em meio ao público brasileiro e dentre aqueles semanários que se propõe a trazer conteúdos de âmbitos diversificados, cobrindo os assuntos da semana, que antes já foram trabalhados pelos jornais. O semanário *Veja*, alvo de estudos desta pesquisa, é tido ainda hoje como umas das revistas de maior repercussão no país. Ao recapitular o histórico das revistas no Brasil, Scalzo (2004) destaca que *Veja* é, até 2004, a revista mais vendida e mais lida do país. No mundo, segundo Scalzo (2004), não há outra revista de informação do estilo *magazine* que seja a mais vendida de um país. O posto de mais vendida normalmente fica para as revistas de TV.

Veja foi lançada em 1968, nos moldes da norte-americana *Time*. Segundo Mesquita (2008), o projeto nasceu a partir da ideia de Roberto Civita, filho de Vitor Civita, da família proprietária da editora Abril, tendo voltado dos Estados Unidos determinado a criar uma revista nos moldes da americana *Time*. A constituição da revista se deu quando, no início dos anos de 1960, a editora Abril já possuía uma gráfica de porte e com outras propostas editoriais de sucesso como *Quatro Rodas*, *Manequim* e *Claudia*. Vitor Civita pediu a Mino Carta, jornalista italiano que havia morado no Brasil, que retornasse ao país para dirigir a revista. Após quatorze números zero, conforme conta Mesquita (2008), é lançada a primeira edição de *Veja*. De início, a revista não obteve sucesso, chegando

mesmo a dar prejuízo à editora. Uma circulação de 45 mil exemplares era considerada muito baixa. Um dos motivos apontados na época para o insucesso era a própria inaptidão da equipe de jornalistas que a revista constituiu e que não tinha experiência em criar semanalmente textos interpretativos e mais aprofundados que os jornais diários. Os modelos de revistas de sucesso bem sucedidas no Brasil da época não tinham esse formato, e sim, eram mensais, como foi a *Realidade* ou a *Cruzeiro*, dois grandes sucessos editoriais anteriores à *Veja*.

Aos poucos, foi se desenhando o modelo da revista *Veja* conforme a conhecemos hoje com a criação, por exemplo, da seção de entrevistas *Páginas Amarelas*. A revista expandiu quando passou a ser vendida também por assinaturas, em 1971: até hoje *Veja* tem 80% de seu público de compra por meio de exemplares assinados. A venda por assinaturas, como já foi dito, revolucionou o setor comercial da revista. A estratégia publicitária de *Veja* também foi importante. Era possível assiná-la por meio de três canais: porta a porta, mala direta e cupons publicados em anúncios. Atraíram os leitores da época, segundo Mesquita (2008), as matérias realizadas sobre os governos militares. A editora Abril manteve uma relação de boa vizinhança com estes, que acabou resultando em um empréstimo federal recebido durante o governo do General Ernesto Geisel e que permitiu a reformulação de todo o parque gráfico ampliando o aspecto qualitativo da revista. Segundo Mesquita (2008), em troca do empréstimo, *Veja* abrandou suas críticas ao governo. Mino Carta, então chefe de redação da revista, não ficou feliz com esta mudança e decidiu deixar o semanário para auxiliar na criação de outras revistas brasileiras, tais como *Isto é*, *Senhor* e a mais recente *Carta Capital*, na qual atua até os dias atuais. Nestas outras revistas nota-se, em linhas gerais, um formato semelhante ao de *Veja*, pelo menos no que tange a característica de aproximarem-se todas do chamado estilo *magazine*, tratando de assuntos diversos da atualidade.

Pode-se dizer que atualmente *Veja* é formadora de opinião influente dentre a população brasileira, principalmente daqueles que constituem seus assinantes, em número de 1,2 milhões. Em um cenário mundial, *Veja* era, em 2004, segundo Scalzo (2004), a quarta revista mais vendida, ficando atrás de revistas dos Estados Unidos da América como: *Time*, *Newsweek* e *US News & World Report*. Nestes mais de quarenta anos desde sua fundação – nas palavras do histórico da revista que está disponível *on-line*¹¹ criado por conta das comemorações de seus 30 anos - *Veja* tem atuado na busca por ser “dinâmica,

¹¹ <http://veja.abril.com.br/30anos/index.html>

bem informada, influente, indispensável” (1998, *on-line*). Procura trazer o conteúdo de forma a ser fiel a uma visão de jornalismo na qual “todos os seus repórteres sempre quiseram uma mesma coisa: a notícia em primeira mão, a identificação de uma tendência nova de comportamento na sociedade, a observação de um fenômeno econômico, político ou social que precisa ser explicado” (1998, *on-line*). Esta visão de um desejo comum entre a equipe de um veículo nos parece explicitar o que afirma Bordieu (1998, apud Traquina 2005), de que existe uma lógica dos jornalistas, como uma tribo, que, em grupo, mantém um olhar semelhante sobre a realidade. Estes profissionais compartilham “estruturas invisíveis que organizam a percepção e determinam o que vemos e o que não vemos” (BORDIEU, apud TRAQUINA, 2005, p. 25). Ou seja, as estruturas por meio das quais esta “tribo” vai selecionar o que lhe é de interesse condiciona também a percepção do leitor sobre o tema, nos remetendo aos conceitos de agendamento e enquadramento e seus reflexos sobre o público.

Abrangendo uma diversidade de conteúdos, e por isso também sendo pertinente dizer que é um veículo do estilo *magazine*, conforme explica Sousa (2004), *Veja* se caracteriza pela adoção do modelo das revistas de informação noticiosa, ou seja, aquela centrada em temas como política, economia, sociedade e cultura. Esse autor comenta que, na atualidade, se poderia adicionar a estes conteúdos tratados, outros de crescente importância como a tecnologia e o meio ambiente. A temática sobre meio ambiente (e dentro deste, sobre clima) é a que nos interessa neste estudo.

O interesse da imprensa pelas questões de clima e ambientais não pode ser considerado recente. Antes de começarmos a discuti-lo, faz-se presente a necessidade de conceituar clima e meio ambiente. Segundo o dicionário Aurélio (2004, p. 482), clima é “o conjunto de condições meteorológicas (temperatura, pressão e ventos, umidade e chuvas) características do estado médio da atmosfera em um ponto da superfície terrestre”. Já meio ambiente é descrito pelo mesmo dicionário como sendo que “cerca ou envolve os seres vivos ou coisas por todos os lados, envolvente (ambiente); o conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos vivos e os seres humano” (2004, p. 1116 e 1304). Esta delimitação do significado destes conceitos nos parece elementar para a discussão sobre o interesse da imprensa sobre estes dois temas, que travaremos a seguir. Conforme Pinto (2008), as associações de cunho ambiental surgem a partir da década de 1940 enquanto o ambientalismo vai aparecer com mais força nos Estados Unidos da América em 1950. O Clube de Roma será fundado em 1968 com o intuito de

discutir os impactos ambientais e, em 1972, publicou o relatório “Os limites do Crescimento”, colocando em pauta a crise ambiental devido ao crescimento econômico desenfreado. Do mesmo ano, é datada a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, pela Organização das Nações Unidas (ONU). Um pouco antes, em 1968, ocorrera a Conferência sobre Biosfera, em Paris.

Sousa e Barreto (2006) observam que as primeiras informações ambientais no Brasil começaram a aparecer ao longo da década de 1960, quando as pesquisas sobre “poluição” foram realizadas em São Paulo e demonstraram que o progresso industrial poderia trazer efeitos negativos. É também nesta época que vai se registrar o surgimento das primeiras organizações ambientais brasileiras. Moraes (2008) afirma que a imprensa começa a interessar-se pelas questões ambientais na década de 60 junto à ascensão do movimento ambientalista. Dando sequência à Conferência sobre Biosfera, em Paris, um dos eventos internacionais a focar a atenção da imprensa sobre os temas relacionados ao meio ambiente foi a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, na cidade de Estocolmo (Suécia), em 1972. Em 1982, na 48ª Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou-se a *World Charter for Nature* (Carta Mundial para a Natureza), documento que definia que "a humanidade é parte da natureza e a vida depende do funcionamento ininterrupto dos sistemas naturais". Em 1983, foi criada a *World Commission on Environment and Development* (WCED - Comissão Mundial para Meio Ambiente e Desenvolvimento), constituída como um corpo independente da Assembleia Geral das Nações Unidas. Em 1987, esta comissão lançou o relatório *Our Common Future* (Nosso Futuro em Comum), onde aparece pela primeira vez o conceito de um desenvolvimento sustentável conforme citamos anteriormente. As questões de clima e meio ambiente estão sempre fortemente associadas umas as outras e são pontos críticos quando se fala em desenvolvimento sustentável. Em junho de 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (*UN Conference on Environment and Development - UNCED*) foi realizada no Rio de Janeiro e adotou uma agenda para o meio ambiente e o desenvolvimento no século 21. A chamada Agenda 21 trouxe um programa de ações para o desenvolvimento sustentável e trouxe a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a qual reconhece o direito de cada nação de procurar o progresso econômico e social, conferindo aos estados a responsabilidade de adotar um modelo de desenvolvimento sustentável, sendo este delimitado pela integração dos pilares econômico, social e ambiental.

Em 1993, instituiu-se a *Commission on Sustainable Development* (CSD - Comissão para Desenvolvimento Sustentável), para acompanhar o desenvolvimento da Agenda 21. Em 2002, dez anos depois da Declaração do Rio, uma conferência de recapitulação, a *World Summit on Sustainable Development* (WSSD – Cúpula Mundial pelo Desenvolvimento Sustentável) foi realizada em Johannesburgo (África), renovando o compromisso global com o desenvolvimento sustentável. Em 2009, a Assembleia Geral das Nações Unidas decide pela realização da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (com a sigla em inglês UNCSD), em 2012, também chamada de Rio+20. A conferência vai organizar-se sobre três objetivos: assegurar o renovado compromisso político para o desenvolvimento sustentável; monitorar o progresso; procurar lacunas no cumprimento de compromissos já alcançados e novos e emergentes desafios. Os temas centrais serão: a “economia verde” no contexto da erradicação de pobreza e a estrutura de governança para o desenvolvimento sustentável. Todos estes eventos originam e originaram notícia na mídia brasileira e mundial.

Atualmente, estas temáticas são vistas não só no âmbito das discussões entre entidades, como também, na pauta de debates da sociedade. Em 2000, a ONU lança os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), segundo os quais, até 2015, 198 nações signatárias do pacto firmado na Cúpula do Milênio, em Nova Iorque (EUA), se comprometem a reunir esforços no cumprimento dos objetivos estabelecidos. O sétimo, na lista de oito enunciados é “Garantir a Sustentabilidade Ambiental” e este se desdobra em metas como redução da poluição, solucionar as dificuldades de algumas comunidades em terem acesso à água potável, reverter a perda de recursos ambientais e a emissão de gás carbônico per capita. A campanha ODM é um exemplo de como as entidades vem procurando trazer para o público em geral os debates que ocorrem sobre a interação entre homem e meio ambiente e avaliando os resultados da Eco-92.

Desde o início dessas décadas em que se entende haver uma maior cobertura dos meios de comunicação sobre os assuntos ligados ao meio ambiente, o que se pode observar é que boa parte daquilo que chega à população a respeito das questões ambientais do planeta é transmitido por meio das mídias. Segundo Luckmann (2006), o discurso emitido nestes âmbitos “tem na mídia, e principalmente no jornalismo, uma de suas principais caixas de ressonância” (2006, p. 56). O que vemos hoje nas revistas brasileiras, no entanto, é que há mais espaço para a questão clima e meio ambiente quando esta é protagonista de

desastres naturais, conforme o demonstrado pela apuração de reportagens realizada como parte desta pesquisa. Quando, no entanto, se trata de contextualizar o debate ambiental planetário, mostrando propostas e soluções já encontradas para o planeta, não se tem a mesma abertura de espaço midiático.

3.1 O Jornalismo Ambiental e a Formação do Jornalista para Trabalhar Nesta Área

Para entender como as questões de clima e meio ambiente se tornam pautas presentes hoje com frequência nas revistas de informação semanal, e não somente em *Veja*, parece-nos importante explorar a trajetória do jornalismo ambiental no Brasil e um pouco de suas características de forma a compreender o que o leva a tornar-se uma pauta de apelo constante no noticiário da grande mídia. De forma geral, observa-se que esta temática vai se tornando mais frequente não só em *Veja*, mas em todo o jornalismo semanal brasileiro nas últimas décadas. São pautas que não podem mais ser negadas como essenciais, pois fazem parte das principais agendas de discussão da sociedade. Por vezes, aborda-se estes temas por conta de tragédias ambientais ou climáticas, porém, estas também levam a reflexão de que as ações do homem podem e vem interferindo no bem estar do planeta e na noção de que, no futuro, tais ações podem implicar em problemas ainda mais graves para todos. Conforme conclui Loose (2010), na prática jornalística, os sentidos de ambiente compartilhado, de equilíbrio planetário e de bem comum devem aparecer, pois “se o compromisso do jornalismo é com o interesse público, também o é com as questões ambientais” (2010, p. 146). Mostra-se necessário, a realização de reportagens que contextualizem cada vez mais o meio ambiente e o clima de forma a não implicar somente nos assuntos de catástrofes, mas sim no âmbito de interesse constante da sociedade.

Schwaab (2011) vai expor o tema ecológico – que está relacionada ao ambiental – como uma questão em emergência em nossa sociedade e também na imprensa. O autor defende que a mídia terá papel de agente ativo na construção dos debates globais sobre o tema. Quando se pensa as questões ecológicas hoje, é preciso notar que toda população está envolvida nestes temas, seja participando como observadores da ocorrência das mudanças climáticas, inventando soluções mais sustentáveis para o mundo e de tantas outras maneiras possíveis. O jornalista em si assume seu papel na construção desta “ecoesfera”, conforme Schwaab (2011), construindo uma imagem acerca de acontecimento do qual ele também como cidadão faz parte. Segundo Trigueiro (2005), os jornalistas

deveriam ter, na formação universitária, disciplinas que permitissem ampliar sua visão quanto às temáticas ambientais. Talvez não caiba ao profissional a formação de um especialista no tema, mas sim uma noção ampla sobre o mesmo para que possa melhor elencar os assuntos que vai noticiar. “O especialista é a fonte. Ao jornalista cabe a função de identificar os assuntos que merecem visibilidade e, especificamente na área ambiental, traduzir os saberes da ciência de forma clara e objetiva” (TRIGUEIRO, 2005, p. 279). A percepção de que o texto jornalístico sobre meio ambiente torna-se mais bem construído quando o jornalista conhece de fato o tema está presente na dissertação de Loose (2010), que analisou quatro revistas especializadas na temática. Para a autora, o jornalista inevitavelmente “toma partido” quando trabalha com o jornalismo ambiental, pois a justiça ambiental e a concepção eco social não podem ser negadas e, por vezes, os fatos relatados contrariam estes princípios. O profissional repórter vai se posicionar sempre em relação ao benefício comum e, por isso, entende-se que neste tipo de jornalismo haja uma posição ocupada por jornalistas enquanto também cidadãos de uma sociedade que se beneficia com o bem estar do meio ambiente. “É preciso estar atento às escolhas da forma de se dizer algo, especialmente porque os discursos jornalísticos ambientais ajudam a construir maneiras de pensar e agir em relação aos problemas que cercam o planeta no qual vivemos” (LOOSE, 2010, p. 139). Ao legitimar um determinado discurso ambiental, o jornalismo interfere na construção do que se pensa sobre o tema. Parece-nos possível dizer que cada veículo de imprensa constrói, a seu modo, um discurso próprio sobre a temática ambiental.

Trigueiro, em 2005, apontava que o jornalismo ambiental tendia a ser um tema em crescimento na imprensa em termos de abordagem nos anos que se seguiriam. “Estou convencido de que o espaço do jornalismo ambiental está destinado a crescer em todas as mídias, e que isso se dará mais rapidamente à medida que os profissionais da imprensa souberem fundamentar suas pautas com boas fontes e informações qualificadas” (2005, p. 285). De fato, vemos que hoje este debate se faz cada vez mais presente e que a discussão cada vez maior sobre meio ambiente é constituída em nossa também pela divulgação que a imprensa faz destes temas. Segundo Redclift (2001), o meio ambiente é não só um aspecto da realidade moldado por mãos humanas como também pela mente humana, pelo capital intelectual. Se considerarmos o jornalista como parte integrante da cultura de um povo, na medida em que auxilia o enquadramento, o agendamento, a construção da imagem de uma população sobre si mesma e o mundo, teremos que “a ciência, como forma cultural, nos

capacita a construir um meio ambiente possível de gestão, mas nos impede de lidar com a crescente incerteza” (2001, p. 217). Talvez tenhamos no jornalismo, portanto, uma forma de articular com a temática ambiental e de causar exacerbação ou uma compreensão mais tranquilizadora sobre os fenômenos ambientais nos quais estamos todos envolvidos e aos quais também nos encontramos submetidos. A urgência de que se trabalhe o jornalismo ambiental é apontada também por Baumont, Girardi e Pedroso (2008). Ao estudarem o noticiário do Caderno de Meio Ambiente do jornal Zero Hora, concluem que o jornalismo pode ter o papel de resgatar a sabedoria dos povos que sabiam integrar-se à natureza. “Não há maior dificuldade a ser vencida que a vontade de trabalhar arduamente em busca da construção de reportagens que integrem assuntos, pluralizem vozes e promovam o respeito à diversidade de culturas e existências” (BAUMONT, GIRARDI, PEDROSO, 2008, p. 208).

As revistas parecem trazer a temática ambiental a tona em paralelo a emergência deste tema em nossa sociedade, mas também em contradição ao surgimento do consumismo como um aspecto cada vez mais constante da vida contemporânea. Ao estudar as revistas do Grupo Abril, como *Veja*, *Superinteressante*, *Exame*, *National Geographic* e *Vida Simples*, Schwaab (2011) percebe - por meio da análise do discurso - a abordagem da temática “verde” nestas cinco publicações, sendo que uma destas revistas é exatamente o objeto da pesquisa de nosso trabalho. Segundo o autor, dentre os debates ambientais mais presentes hoje está o da sustentabilidade. Este será inclusive parâmetro para ações ditas de responsabilidade social tomadas por empresas, terceiro setor, governo e cidadãos; é como se estes atores sociais atuassem em contrapartida a um planeta em que cada vez se consome mais. Belmonte (2004) pesquisa as questões pertinentes ao meio ambiente que vem tornando-se problemáticas do espaço urbano e indica que o jornalismo que hoje fala nas questões ambientais precisa se preocupar em deixar a superficialidade quando trata de algumas destas temáticas. Em diferentes mídias, como jornais, revistas, TV, e na Internet, quando se fala em assuntos como o lixo, talvez seja importante também, segundo este autor, contestar o consumo por vezes exagerado que provoca excessivas quantidades de lixo a serem destinadas pelas administrações das cidades. “O desejo geral é viver intensamente a civilização da luxúria, do descartável, do consumo sem limites, da vida sem regras” (2004, p. 30). Talvez fosse o caso destas reportagens colocarem-se também a pergunta sobre o que os cidadãos realmente precisam para viver bem. Porém, a rotina

jornalística pode ser um dos fatores limitantes desta possibilidade de aprofundamento das pautas no cotidiano dos veículos de imprensa.

Para trabalhar a questão das temáticas relacionadas ao meio ambiente, é preciso primeiro entender melhor o que significa este conceito. Em Trigueiro, encontramos a explicação vinda de Lima e Silva, em obra de 1999, de que “meio ambiente é um conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles” (2005, p. 288). Noticiar questão assim complexa significa passar pelo desafio de enfrentar conceitos tão amplos como os de “desenvolvimento sustentável” ou de “efeito estufa” e as próprias “mudanças climáticas”. Pesquisando as intersecções entre jornalismo ambiental e mídia educação, Luckmann (2006) vai destacar que o noticiário acerca das questões ambientais, especialmente do aquecimento global, é também um meio de formação da consciência social sobre o tema:

A importância dos meios de comunicação na produção e circulação de conhecimento parece um consenso entre os estudiosos tanto do campo da educação quanto da comunicação. Por mais que seja alvo de críticas quanto a seu conteúdo – nos programas de televisão, revistas ou jornais populares e de grande circulação – a mídia tem um lugar central na sociedade atual. (LUCKMANN, 2006, p. 60)

Tal perspectiva parece estar de acordo com o pensamento de Massierer e Girardi (2008) quando abordam a entrada dos assuntos ambientais no contexto dos fatos noticiáveis: “Os problemas ambientais passam a ser notícia na medida em que são reconhecidos como tal pela sociedade e entram no rol de assuntos que podem ser tratados jornalisticamente a cada rotina diária de produção.” (MASSIERER, GIRARDI, 2008, p. 11). Ao pesquisar o tema da biodiversidade e sua exposição no jornalismo atual, Geraque (2004) acrescenta que a comunicação pode auxiliar a população a valorar os diferentes ambientes ecológicos e assim assegurar que todos entendam do que se trata. A partir deste conhecimento, pode-se esperar comunidades que respeitem mais e percebam o valor destas unidades ecológicas do planeta. Situações como os manguezais, a riqueza da biodiversidade dos corais, a preservação das florestas nativas e de suas espécies são exemplos de problemáticas com as quais os jornalistas – especialmente aqueles que escolhem se dedicar a temática ambiental – podem vir a trabalhar na atualidade. Para Geraque (2004) não se trata do jornalista assumir um papel panfletário dentro dos veículos de imprensa, mas sim de utilizar a criatividade, noções básicas de como a natureza opera seus padrões e guiar-se por entre a dispersão que se torna possível em meio ao universo

informacional que hoje chega a estes profissionais por meio das tecnologias. Trata-se ainda de humanizar a cobertura da questão ambiental e perceber a complexidade por trás dos diferentes temas recorrentes. Por exemplo, ao abordar a preservação da floresta Amazônica em relação ao avanço da fronteira agrícola da soja, cabe pensar não só nas estatísticas de desmatamento, mas também nas áreas em que a soja poderá se expandir por terrenos já cultivados e não de mata nativa; por um lado, na existência de comunidades que poderão se beneficiar do cultivo e, por outro lado, de populações que precisarão ser protegidas para não perderem sua vocação econômica histórica (por vezes, instituída há mais de século) de extração de bens da própria mata nativa da qual, se forem afastados, perderão em termos de cultura e economia. Ou seja, a necessidade de contextualização pode ser considerada um bastião do jornalismo ambiental. Em outro capítulo da mesma obra em que Geraque expõe seu ponto de vista, Regina Scharf (2004) afirma em texto intitulado “O Verde como Dinheiro” que: “ainda são poucos os jornalistas que cobrem a questão de forma criativa e consequente, que enxergam, estudam e exploram as múltiplas conexões existentes entre a natureza e o mundo do dinheiro, do comércio exterior ao sistema financeiro.” (p. 51). Desta feita, concluímos que a editoria ambiental, apesar de serem poucos os veículos que hoje lhe deem lugar semanal em seus índices, poderia ser talvez sempre presente em revistas, de forma que suas questões fossem realmente e mais amplamente exploradas e não somente que as atenções se voltassem a ela em casos de catástrofes ambientais, ou ainda de conferências mundiais sobre a temática. Scharf (2004) aponta indícios de que o jornalismo ambiental ainda não encontra grande espaço nos principais veículos de comunicação brasileiros, demonstrando que as reportagens ali divulgadas traçam, em geral, um olhar míope sobre a realidade, pois a preocupação com o contexto das ocorrências, com seu histórico, é raramente vista. Uma inundação pode ocorrer anualmente, porém, se faz a cobertura mais do fato em si, do que uma reportagem que contextualize o evento como parte de uma série consequente de uma má conservação da estrutura urbana no que resguarda, por exemplo, o escoamento das águas. Outro bom exemplo de uma contextualização que ainda poderia ser mais bem explorada em nossa imprensa é a de como a preservação ambiental vem gerando dividendos às empresas, sob a forma de produtos ecologicamente corretos ou ainda da valorização de um estilo de vida sustentável por meio de produtos e serviços.

Claudia Herte de Moraes (2008) diz que hoje o jornalismo é capaz de fomentar o debate sobre temas vitais para a continuidade da qualidade de vida nos diferentes contextos

nacionais. Quando falamos, por exemplo, da compreensão da relação entre homem e natureza, segundo Moraes (2008), implicaria “uma abordagem ampla e contextualizada, constituindo-se uma prestação de serviço para as futuras gerações e, de certa forma, comprometido com este paradigma” (p.3). Falar em contribuição para as futuras gerações remete a ideia de sustentabilidade enunciada no relatório intitulado “Nosso futuro comum” emitido pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas e mais tarde firmado na Agenda 21, elaborada em 1992 durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Este é o conceito até hoje mais usualmente adotado para o termo desenvolvimento sustentável: “é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (BARBOSA, 2008, p. 2). Seria adequado talvez falarmos em sustentabilidade da imprensa a partir deste ponto de vista. Segundo Schutel (2010), o ser humano se constitui um dos pilares que compõem a equação necessária em direção ao desenvolvimento sustentável juntamente com o aspecto social, ambiental, político e econômico. O ser humano é o agente capaz que promove a sustentabilidade, fazendo interagir todos os pilares ao mesmo tempo. Caso se pense, como já falamos, numa imprensa sustentável, uma possível relação talvez esteja no fato de que, como indica Schutel (2010):

Toda e qualquer decisão deve trazer benefício ao ser humano e, por consequência, ao meio em que ele se insere, pois é o homem o ente que funda todos os pilares da sustentabilidade. Tudo aquilo que escolhe, que decide, se for embasado em um critério de realidade, e não somente sobre um critério unilateral, é capaz de oportunizar benefício integral (2010, p. 50)

O jornalismo poderia ser de auxílio na formação da mentalidade sustentável também abordada por Schutel (2010), pois o paradigma sustentável sugere uma visão de mundo e, em nossa sociedade atual, a visão de mundo de uma pessoa está amplamente relacionada ao que se observa por meio da imprensa. Mas para poder realizar tal trabalho de contribuição à sociedade, cabe ao jornalista a exigência de maior preparo sobre a temática do meio ambiente, clima e sustentabilidade. A reflexão acerca dos contextos que cercam os fatos ambientais parece necessitar, portanto, de jornalistas cada vez mais capacitados ao entendimento das questões ambientais. Os jornalistas dos grandes meios de comunicação por vezes encontram-se sobre intensa pressão por uma produção cada vez mais ágil, ficando responsáveis por mais de uma pauta todos os dias. São essas pressões

vindas de demandas múltiplas que “colocam em xeque-mate a informação ambiental e a função social do jornalista fica constantemente prejudicada” (MASSIERER, GIRARDI, 2008, p. 12).

Falar na função social do jornalista parece relevante quando se tem em foco a compreensão da forma com a qual esse vai trabalhar com a questão do meio ambiente. A pauta do meio ambiente não é hoje mais restrita aos cadernos ou programas de rádio e televisão especializados, conforme lembram Girardi, Massierer e Schwaab (2008), ela faz parte dos veículos diários e semanais. É preciso que se pense a qualidade com a qual esta informação é passada, “até que ponto a necessidade de se pensar um futuro ambientalmente sustentável está claro para todos? Operar jornalisticamente neste terreno levanta a necessidade de um jornalista que não reforce o estigma de que meio ambiente é sinônimo de fauna e flora” (p. 10). Os autores lembram ainda o papel chave que o preparo do jornalista tem na democratização do acesso ao jornalismo ambiental. Entendem que fazer jornalismo ambiental significa “adotar outra visão de mundo, pelo viés do pensamento complexo e da sustentabilidade, que são correntes até de inspiração biológica, mas comprovadamente ampliadoras da visão humana sobre o planeta e os fenômenos” (GIRARDI, MASSIERER, SCHWAAB, 2008, p. 10).

Para que possamos compreender melhor, conforme proposto neste trabalho, o enquadramento presente em reportagens de um semanário sobre meio ambiente parece-nos importante perceber a forma como o jornalista vê sua profissão e o seu compromisso com a sociedade pelo menos para revistas. Abreu (2003) entrevistou jornalistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília nos jornais e revistas de maior circulação e averiguou de que forma eles se posicionam diante de sua profissão. O resultado obtido apontou que os jornalistas se identificam, em primeiro lugar, com a função de mediador entre a sociedade global e o indivíduo, ou entre a população e o poder público. Uma segunda função é a dos que se veem como produtores e difusores da informação, e, por fim, uma terceira categoria é a dos que se atribuem o papel e função social de fiscais da sociedade.

Ao pesquisar a função social do jornalista, consultou-se Nancy Nuyen Ali Ramadan (2001), que explica que quando se entende o jornalismo como atividade fundamental para construção da cidadania, exige-se “a revisão de conceitos que fundamentam a prática jornalística para a adoção de uma Pedagogia que coloque em relevo a função social da atividade de informar.” (2001, p. 4). No caso do tema meio ambiente, e dentre deste o clima, significaria aos jornalistas a necessidade de uma formação específica sobre o tema

ou de leituras amplas acerca do mesmo. Assim como boa parte das questões relacionadas ao crescimento globalizado da humanidade, essa se trata de uma temática um tanto interdisciplinar, que envolverá desde temas econômicos às questões de geografia física. Massierer e Girardi (2008) observam a necessidade de maior formação dos profissionais que trabalham o jornalismo ambiental:

[...] a complexidade de relações que envolvem meio ambiente enfrenta uma barreira ainda maior no campo do jornalismo que é a de ampliar o espaço de pesquisa e ensino com a intenção de contribuir para a formação de profissionais voltados para a publicação de informações ambientais mais aprofundadas e qualificadas em todos os momentos e não somente nas ocasiões em que não seja possível ignorar sua relevância (2008, p. 12).

Verificando a incidência de pautas deste tipo na revista pesquisada, notamos que, de fato, os temas de meio ambiente e clima ganham grande destaque quando não é mais possível ignorá-los, como ocorre nos casos de catástrofes ambientais. Tal ponto de vista é consonante ao de Luckmann (2006), para quem o aprimoramento do jornalismo ambiental brasileiro está intrinsecamente relacionado ao melhor preparo de nossos jornalistas: “[...] os profissionais da área veem-se envolvidos num processo cada vez mais dinâmico e opressivo, onde a pressão por uma produção cada vez mais ágil dificulta a execução de um trabalho realmente reflexivo” (LUCKMANN, 2006, p. 65). A pesquisa acadêmica em torno do noticiário ambiental brasileiro, como é o nosso caso, se mostra, portanto, relevante enquanto forma de ampliar os conhecimentos dos próprios profissionais da comunicação acerca do entendimento social criado a partir das notícias para temáticas que hoje alcançam profunda relevância.

A mídia revista, por permitir maior profundidade e elaboração das pautas, nos parece um contexto em que o jornalista poderia aproveitar de toda uma formação realmente complexa sobre o tema do meio ambiente e clima. Cabe esclarecer que, como já vimos, cada mídia tem suas características próprias e, conseqüentemente, o noticiário acerca dos temas relacionados ao meio ambiente se dará também segundo a mídia em que é veiculado. Loose (2010) mostra que as reportagens de revistas trazem espaço singularmente capaz de explorar com clareza a temática, pois podem abordar de forma leve os assuntos mais complexos que são inerentes ao campo ambiental. Desta forma, se justifica nossa escolha pela mídia revista. Para Bueno (2010, *on-line*), o entendimento do jornalismo ambiental brasileiro se torna mais claro quando é correlacionado às especificidades impostas por cada mídia. “Em virtude das peculiaridades de cada mídia

(sistemas de produção, recursos de expressão e interação, formas de recepção) e do perfil de sua audiência, o discurso varia, assim como sua capacidade de influência.” (BUENO, 2010, *on-line*). O autor observa ainda que a característica interdisciplinar das pautas ambientais permite a esses temas extrapolarem as editorias de Meio Ambiente e estarem presentes também em assuntos políticos econômicos e culturais. Tal asserção de fato aparece em nossa pesquisa, pois as reportagens sobre clima e meio ambiente por nós encontradas são publicadas em diferentes editorias de *Veja*.

Quando se observa o jornalismo ambiental presente na mídia revista teremos que este se beneficia da possibilidade que esta mídia tem de consultar as mais diferentes fontes. Segundo Loose (2010), a complexidade de vozes é característica de reportagens que são “feitas a partir de várias fontes e ainda passam pelos retoques dos editores e revisores” (2010, 100). A procura por fontes diversificadas acerca das temáticas ambientais também é apontada como necessária por Scharf (2004): “É fundamental que os jornalistas cubram os temas ambientais sistematicamente: que estudem, apurem à exaustão e falem com o maior número possível de pessoas a fim de avançar ao máximo na discussão.” (2004, p. 76). Se, como vimos no capítulo anterior, as fontes ajudam o jornalista a enquadrar seus argumentos quanto à pauta, o maior número de fontes consultadas poderá transmitir a este uma maior certeza e visão sobre a questão.

Ao escolher as revistas como objeto de seu estudo sobre o jornalismo ambiental, Schwaab (2011) aponta que o “verde” é hoje tema de discursos nas revistas porque centraliza um foco de atenção da sociedade no contexto contemporâneo. Há também por parte do profissional jornalista um colocar-se de forma editorialmente intencional dentro desta temática. Trata-se, pois, de um discurso em que se percebe sempre a imbricação dos temas que são destaque na contemporaneidade, procurando dizer ao público o que é importante saber hoje, como deve agir sujeito “pertencente” ao seu tempo.

4 ANÁLISE DO CONTEÚDO EM VEJA ACERCA DE QUESTÕES DE CLIMA E MEIO AMBIENTE

A análise do conteúdo é método interdisciplinar, baseado e advindo das Ciências Sociais. Esta é enunciada em obras de pensadores como Bernard Berelson, em 1952, Albert Kientz, em 1973, Laurence Bardin, em 1988, e Klaus Krippendorff, 1990, entre outros. A sua aplicação para o campo da comunicação se dará a partir da década de 1927, por Harold Laswell, um dos primeiros a desenvolver os estudos sobre comunicação nos Estados Unidos. No Jornalismo, ela pode ser utilizada, conforme explica Herscovitz (2007), para “detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos” (p. 123). Por isso, escolhemos esta metodologia para nosso trabalho.

Wilson Corrêa da Fonseca Junior (2005), parte do trabalho de Krippendorff (1990) e, afirma que a análise do conteúdo é um método que está na origem, nos primeiros trabalhos da *communication research*. De herança positivista, auxilia o pesquisador a dar orientação fundamentalmente empírica aos seus estudos; transcender as noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, comunicação, canal e sistema; e, por fim, auxilia a programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados. Na análise do conteúdo, segundo Herscovitz (2007), o profissional vai encontrar um modelo para entender o produtor da notícia, o receptor desta, a organização que coordena aquele veículo e o processo produtivo e aspectos culturais nele implícitos. Segundo a autora, este tipo de análise é, para Lasswell, já em 1927, capaz de descrever com precisão o que é dito sobre um determinado tema, num determinado lugar, num determinado espaço. Seria um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informações manifestas, “cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas” (HERSCOVITZ, 2007, p. 125).

O método, por outro lado, não está isento de críticas. Nas últimas décadas, críticas têm surgido sobre o fato de a análise do conteúdo dar excessiva ênfase ao valor quantitativo e também o de examinar apenas as questões mais manifestas do texto. Do lado dos pesquisadores mais relacionados às pesquisas qualitativas, o método recebe críticas de ser superficial, não considerando o conteúdo latente e nem o contexto do objeto pesquisado

e podendo dar margem a simplificações quantitativas. Enquanto do lado dos pesquisadores mais relacionados às pesquisas quantitativas, este método recebe as críticas de não ser rigoroso o suficiente e nem sempre pode ser replicável. Herscovitz (2007) explica que se trata de um modelo que reúne elementos quantitativos e qualitativos e, por esta hibridização, se torna mais forte. Lembra ainda que não existe método de pesquisa perfeito, mas sim, bem construído e conduzido, que levará o pesquisador a responder a hipótese de pesquisa a qual ele se colocou. A autora traça um histórico do uso e estudo da análise de conteúdo para o campo da Comunicação. “A necessidade de integração dos campos quantitativo e qualitativo decorre do reconhecimento de que os textos são polissêmicos – abertos a múltiplas interpretações por diferentes públicos – e não podem ser compreendidos fora de seu contexto” (HERSCOVITZ, 2007, p. 126). É com base em suas aferições acerca da possibilidade de se utilizar a análise do conteúdo especificamente de forma quantitativa e qualitativa que a autora propõe uma definição da análise do conteúdo jornalística:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferência sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2007, p. 127).

A autora descreve etapas pelas quais tal análise pode ser procedida no campo da comunicação. Uma primeira etapa, segundo ela, é a de elaborar uma hipótese ou questão sobre a qual se fará a relação entre teoria e investigação. A autora propõe que se siga a linha de raciocínio sugerida por Krippendorf, em 2004. Esta se constitui em determinar os aspectos de trabalho: verificar quais são os objetos de estudo, como eles são definidos, a população ou universo (conjunto de objetos) de onde será retirada a amostra, em que contexto estão os objetos de estudo, quais as delimitações do estudo e qual o alvo das inferências. Por sua vez, Fonseca Junior (2009) lembrará Krippendorf, em obra de 1990, determinando que a análise do conteúdo requer do pesquisador a consideração de alguns marcos de referência, tais sejam: os dados, o contexto dos dados, o conhecimento do pesquisador, o objetivo da análise do conteúdo, a inferência como tarefa intelectual básica e a validade como critério de sucesso.

Partindo dos elementos básicos da análise, ou seja, os dados, se tem o fato de que estes são criados em condições que influenciam a construção do discurso, por uma pessoa

que também tem seu contexto e são por esta influenciados. É preciso que haja um objetivo para esta pesquisa, capaz de relacionar dados obtidos com aspectos do seu contexto a partir de critérios para a validação dos resultados. Ao sugerir tópicos jornalísticos que podem ser estudados por meio da Análise de Conteúdo, Herscovitz (2007) elenca alguns dos que estudamos nesta pesquisa, sendo eles: o enquadramento de grandes temas na mídia, o agendamento do noticiário e seus mais diversos gêneros e formatos e, por fim, o tratamento e a seleção das fontes de informação. A análise do conteúdo, segundo Fonseca Júnior (2009), deve ter como ponto de partida um objetivo específico, porém expõe que pesquisadores consagrados desse tipo de modelo já preferem partir dos dados disponíveis para só então auferir que existem ideias interessantes para pesquisa.

Quanto ao objeto de pesquisa, é preciso que o analisador defina alguns aspectos. A técnica de amostragem é um deles na análise de conteúdo. Caso se prefira uma abordagem mais qualitativa, teremos o pesquisador utilizando-se de recursos que permitam encontrar fenômenos ímpares, por meio de um olhar mais aguçado, buscando compreender a natureza dos fenômenos, ressaltando suas singularidades. Contudo este olhar, embora qualitativo, não tendo a pretensão de generalização, além de descrever o fenômeno, trata de ressaltar as suas continuidades e rupturas. Este exercício exige do pesquisador um cuidado especial, tendo em vista que os instrumentos que utiliza para a busca e a catalogação dos dados são construídos pelo próprio pesquisador. Deste modo, ele deve constantemente aproximar-se e distanciar-se do objeto investigado, a fim de minimizar o seu envolvimento com seu objeto de pesquisa, o que poderia dificultar sua análise objetiva sobre o corpus de pesquisa.

4.1 Ajustes no Formulário de Codificação

A aplicação do método nos permitiu auferir a viabilidade de utilização do formulário de codificação elaborado para o objeto de estudos que são as reportagens de *Veja*. Construímos um protocolo de análise para o conceito de enquadramento elaborado com base no sugerido por Fonseca Junior em obra de Jorge Duarte e Antonio Barros, "Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação" (2009). A tabela apresentada por Fonseca Junior (2009) foi por nós adaptada para atender às demandas de nosso problema de pesquisa. Constatou-se ao longo da aplicação a necessidade de inclusão de alguns campos específicos, como a de conteúdos das mensagens transmitidas pelas falas das fontes ou

pelo teor pictórico das fotos e imagens. Consideramos que tal campo nos auxilia em nosso escopo de elaborar as considerações finais acerca do perfil de reportagens que *Veja* opta por apresentar no dado período sobre as questões de clima e meio ambiente. A adaptação da tabela foi realizada tendo como referência o estudo dos autores utilizados nesta pesquisa que abordam os conceitos de agendamento, fontes e enquadramento, bem como nossa necessidade de compreender como se dá a influência da escolha das fontes sobre o enquadramento e o agendamento de temas relacionados à clima e meio ambiente em reportagens da revista *Veja*. Assim sendo, no formulário de codificação, excluímos a primeira parte em que o autor selecionava o veículo de comunicação responsável por aquela reportagem. Fizemos tal escolha, tendo em vista que, neste trabalho, estamos abordando apenas as matérias utilizadas pela Revista *Veja*. Mantivemos o que diz respeito ao título da matéria e retiramos questões de “centimetragem” da mesma, em termos de área de texto bem como área dedicada à fotografia. Optamos por retirar tal campo, tendo em vista que nos parecia fugir do foco de nosso estudo sobre o texto e a natureza das fontes. No entanto, deixamos campos referentes a presença ou não de imagens fotográficas e infográficas, pois a presença destas pode ser também um indicador de agendamento e até mesmo de certo tipo de enquadramento. Apesar de que a análise de conteúdo destas imagens não está no centro da natureza de nossa investigação, consideramos que seja parte relevante e que pode trazer um complemento à análise principal que estamos conduzindo.

Na seção número 2, ampliamos o número de gêneros editoriais possíveis e que abrangem a questão do conteúdo de clima e meio ambiente na revista *Veja*. Fizemos tal opção, porque em levantamento prévio acerca de reportagens divulgadas no primeiro semestre de 2011 – nosso período de observação escolhido – sobre os temas, constatamos que são frequentes as incursões de conteúdos sobre estes temas em diferentes editorias da revista, dependendo das saliências que se opta por dar a cada assunto; e não somente a presença destes temas na editoria de Ambiente. Como já mencionamos, a temática do meio ambiente é interdisciplinar. No que diz respeito ao que consideramos a principal parte desta tabela, temos a seção de Análise de Texto. Nela, e de forma correlata àquela apresentada por Fonseca Júnior (2009), mantivemos dois campos de determinação do local em que se dá o fato. No primeiro item, pode-se optar entre as cinco regiões geográficas brasileiras. No segundo campo, pode-se optar entre os continentes, para o caso de tratar-se de um fato ocorrido no exterior. Em relação à regionalidade (local, internacional, etc.), comumente utilizadas para situar as fontes, Schmitz (2011) explica que: “Por exemplo, a

globalização da informação e a difusão das tecnologias de comunicação minimizam a relevância geográfica” (SCHMITZ, 2011, p. 7). Apesar de que, segundo Schmitz (2011), não é mais determinante que se situe a localização da fonte, nos pareceu importante indicar a localização do fato para o qual a matéria dá atenção, tendo em vista que assim poderíamos compreender qual tipo de noticiário ganhava mais espaço em *Veja*, se o local ou o internacional. Seguindo o formulário apresentado por Fonseca Júnior (2009), prosseguimos com a análise da conotação da mensagem. Para nós, foi possível, a partir da observação das reportagens pesquisadas do primeiro semestre de 2011 em *Veja* sobre os temas apontados, situar a conotação das reportagens em algumas palavras chaves, tais sejam: “Desastre”, “Novidade”, “Denúncia” e “Preservação”. Também abordamos uma questão no que se refere ao conteúdo principal das reportagens, seja este clima, ou meio ambiente ou ainda relacionadas a ambos.

Inserimos então no formulário de codificação uma série de questões para que possa ser auferida pelo pesquisador a natureza das fontes utilizadas pela reportagem. Dentre estas questões temos desde aquelas mais quantitativas, tais sejam, o número de fontes consultadas, a identificação de cada fonte e a classificação de cada fonte segundo categorias elencadas por Schmitz (2010), até mesmo outras que, pode-se dizer, mais qualitativas, pois dependem, em certa maneira, da interpretação do pesquisador sobre o texto da reportagem. Por exemplo, há um campo que se refere aos aspectos notados na fala de cada fonte, ou seja, o sentimento que esta nos transmite, enquanto outro campo relaciona frases em que se percebe denotação de enquadramentos. Esta última questão foi inserida tendo em vista a observação de Entman (1993), já citada na presente pesquisa, segundo a qual os enquadramentos podem definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir soluções. Entman (1993) descreve ainda que uma só frase da reportagem pode produzir mais do que uma destas funções de enquadramento, mesmo que muitas frases do texto não produzam nenhum destes. Percebemos assim que seria importante verificar se conseguiríamos identificar dentre as frases das reportagens àquelas que poderiam ser as ditas indicadoras de enquadramento, conforme descritas por Entman (1993). Para situar a questão do agendamento daquele tema, deixamos espaço em que se indica o posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista. Pretendemos, com isso, relacionar ao fato de que as matérias que recebem maior destaque dentro de uma edição costumam ter maior capacidade de agendar o público.

De acordo com o formulário apresentado por Fonseca Júnior (2009), temos então a análise das fotos. Mantivemos esta parte da tabela, porque consideramos que as imagens são parte importante do agendamento oferecido por um veículo a um tema: uma matéria com mais imagens tende a atrair mais leitores e assim agendar de forma mais eficaz a população. A existência de fotos sobre o tema é também, conforme já indicamos a partir de Traquina (2005), um critério de noticiabilidade relevante a ser considerado quando da escolha de uma notícia para a edição de um veículo, compondo, portanto, uma das estratégias de escolha dos veículos por determinados conteúdos. Para a análise das imagens, incluímos ainda a possibilidade de se tratarem de ilustrações ou infográficos. Fizemos tal opção, tendo em vista que, muitas vezes, as questões ambientais são mais bem explicadas com o uso de ilustrações ou de infográficos, pois estes auxiliam a compreensão de fenômenos que são por vezes de caráter científico. Fizemos esta opção também porque notamos que nas reportagens de *Veja* estudadas há presença frequente de ilustrações e infográficos construídos para dar suporte ao conteúdo em texto. Seguindo a lógica das questões anteriores feitas para análise de texto, estruturamos a análise de imagens com algumas questões mais “quantitativas”, tais como, o local ao qual a foto se refere e a identificação de tema de cada foto. Mantivemos ainda uma questão que abrange o conteúdo da mensagem das fotos e ilustrações. Esta seria a questão de natureza mais qualitativa, pois indica a impressão da pesquisadora em relação a cada uma destas fotos.

Por fim, seguindo a proposta do texto apresentado no artigo de Fonseca Júnior (2009), temos um campo para observações sobre a matéria. Este campo nos facilita o trabalho de pesquisa, pois traz conclusões e pontos iniciais que nos chamam atenção sobre cada uma das reportagens e assim podemos ir, aos poucos, compondo nossa análise geral do conteúdo, bem como as conclusões finais acerca das reportagens investigadas. Realizamos a aplicação do formulário de codificação (vide Apêndice) de um total de 24 reportagens localizadas sobre os temas. São 26 edições de *Veja* desde janeiro a junho de 2011. O procedimento de seleção se deu a partir da leitura das edições do período já indicado. Localizando as reportagens que continham os descritores escolhidos, se chegou ao *corpus* alvo desta pesquisa. A partir da leitura atenta de cada uma das reportagens estudadas, chegou-se ao preenchimento dos formulários de codificação de cada texto que aqui são apresentados no apêndice e cuja análise geral dos dados é apresentada na segunda parte deste capítulo.

4.2 Análise dos Dados Obtidos

A partir do preenchimento dos formulários de análise e classificação de fontes, fizemos um levantamento dos dados obtidos cujos resultados apresentamos nesta seção. Dentre as 24 matérias analisadas, 22 eram reportagens, uma era em formato de entrevista, publicada nas páginas amarelas e uma em formato de notícia; 10 foram alocadas na editoria *Geral*, na maioria, em uma seção dentro desta intitulada Ambiente. As matérias de maior destaque (incluindo as duas que receberam a capa da revista) ou estavam na editoria *Brasil* ou em uma cartola chamada Especial, que não é uma seção fixa na revista. Ao todo, oito matérias estudadas foram parte de cartola Especial. Quanto o local ao qual a pauta faz referência, oito se passam na Ásia (sendo principalmente por conta do terremoto e tsunami ocorridos no Japão em março de 2011), duas na Europa e quatro na América do Norte. No Brasil, passam-se nove destas matérias, sendo cinco no Sudeste, uma no Sul e Sudeste e três no Centro-Oeste. Do total de 24 matérias, uma refere-se a temática relacionada ao sol e o funcionamento deste astro, não se localizando em nenhum dos espaços previstos por nossa tabela. Da conotação da mensagem, temos 12 matérias sobre desastres, duas sobre denúncias, três sobre novidades e sete sobre preservação. Quanto ao conteúdo da mensagem, foram dez matérias classificadas como Clima e Meio Ambiente e outras 14 classificadas apenas como Meio Ambiente. O recurso da fotografia foi usado em todas elas, sendo que 13 tiveram, além das fotografias, também o uso de ilustrações e infográficos.

Estas foram as informações gerais que coletamos dos textos estudados e que nos indicam que, no período do primeiro semestre de 2011, maior atenção foi dada aos desastres ambientais do que aos outros tipos de conotações observadas. Assuntos relacionados à clima e meio ambiente demonstram-se de fato interdisciplinares estando publicados em diferentes seções da revista (*Brasil*, *Especial*, *Internacional*, *Ciência*, *Cidades*, etc.). Além disso, os temas internacionais receberam destaque, porém, aqueles que se passam no Brasil ainda predominam.

Quanto ao motivo principal de atenção de nossa pesquisa, as fontes, outros são os indicadores com os quais delas tratamos. As informações gerais já listadas nos auxiliam e, quando cruzadas aos indicadores sobre fontes, trazem resultados interessantes para nossa análise. Entre todas estas matérias, foram 71 fontes consultadas. Quanto à natureza das

fontes identificadas em todas as matérias, na tabela 1, constam os resultados obtidos a partir da classificação de Schmitz (2010).

Tabela 1

Critério de Classificação	Quantidade
Por Categoria	
Primária	57
Secundária	14
Por Grupo	
Oficial	7
Empresarial	0
Institucional	8
Individual	1
Testemunhal	18
Especializada	27
Referência	10
Por Ação	
Proativa	0
Ativa	57
Passiva	13
Reativa	1
Por Crédito	
Identificada	69
Sigilosa	2
Por Qualificação	
Confiável	64
Fidedigna	3
Duvidosa	4

Fonte: Pesquisa 2011.

Quando fazemos a relação entre os tipos das fontes e a conotação das mensagens das matérias, notamos que há determinadas recorrências no uso de tipos de fontes específicos para cada uma destas quatro grandes conotações que se procurou estudar. A tabela 2 mostra a relação entre a conotação dos textos e o critério de grupo utilizado na classificação de Schimtz (2011), que nos pareceu um dos aspectos mais interessante desta relação.

Tabela 2

Conotação/ Grupo	Desastre 12 matérias	Preservação 7 matérias	Denúncia 2 matérias	Novidade 3 matérias
Oficial	4	0	2	1

Empresarial	0	0	0	0
Institucional	2	4	1	1
Individual	0	1	0	0
Testemunhal	17	0	1	0
Especializada	19	4	1	3
Referência	7	1	2	0

Fonte: Pesquisa 2011.

Pode-se observar a grande incidência de fontes testemunhais e especializadas nas reportagens sobre desastres. Importante lembrar que, conforme já colocamos em nossa pesquisa teórica, segundo Amaral (2010), os testemunhos trazem para a reportagem a riqueza do “interesse humano”, vem a garantir a emotividade. Nas reportagens sobre preservação, que ocupam o segundo posto em quantidade de matérias, as fontes testemunhais não vão aparecer, registrando-se maior ocorrência de fonte especializada e institucional. As matérias sobre novidades também vão priorizar a utilização de fontes especializadas, bem como, oficial e institucional. Nas matérias sobre denúncia, temos mais presença de fontes de referência e de fontes oficiais. Tendo em vista a predominância notada de uso das fontes especializadas nas reportagens como um todo, parece-nos importante lembrar que estas trazem à matéria jornalística, segundo Traquina (2004), um critério de autoridade, de credibilidade, explora-se tanto o que aquela fonte sabe quanto o que ela representa. Enquanto Breton (2003) afirma que a credibilidade e autoridade da fonte *expert* sobre um argumento trará força para esta construção argumentativa. Também no que diz respeito à relação entre as diferentes conotações encontradas para as matérias e os tipos de fontes por estas escolhidas, identificamos que é possível localizar alguns padrões no que tange os demais critérios classificativos de fontes adotados por Schmitz (2010). Procuramos demonstrar tal observação na Tabela 3.

Tabela 3

		Conotação da matéria			
Critério de classificação das fontes		Desastre 8 matérias	Preservação 6 matérias	Denúncia 3 matérias	Novidade 1 matéria
Categoria	Primária	40	9	4	4
	Secundária	9	1	3	1
Ação	Proativa	0	0	0	0
	Ativa	40	9	4	4
	Passiva	8	1	3	1
	Reativa	1	0	0	0
Crédito	Identificada	48	10	6	5

	Sigilosa	1	0	1	0
Qualificação	Confiável	46	10	4	4
	Fidedigna	2	0	0	1
	Duvidosa	1	0	3	0

Fonte: Pesquisa 2011.

Quanto a estes critérios para classificação de fontes, observa-se que há maior uniformidade entre as reportagens classificadas nos diferentes tipos de conotações. De modo geral, *Veja* parece preferir as fontes primárias, identificadas, ativas e confiáveis. A tabela 4 demonstra a relação entre o número de páginas e fontes e a conotação da mensagem de cada matéria.

Tabela 4

Conotação	Número de imagens	Número de páginas
Desastre	13	11
Desastre	16	7
Desastre	5	2
Desastre	5	4
Desastre	6	7
Desastre	2	2
Desastre	8	5
Desastre	10	5
Desastre	3	2
Desastre	1	1
Desastre	2	2
Desastre	5	4
Total	76	52
Denúncia	2	1
Denúncia	3	2
Total	5	
Preservação	3	2
Preservação	2	2
Preservação	3	3
Preservação	1	1
Preservação	1	1
Preservação	2	2
Preservação	1	3
Total	13	14
Novidade	3	3
Novidade	6	8

Novidade	2	2
Total	11	13

Fonte: Pesquisa 2011.

Percebe-se que as reportagens sobre desastre não são somente as mais frequentes na revista, como também merecem mais espaço em *Veja* com um número maior de páginas e de imagens utilizadas. De modo geral, *Veja* utiliza-se de fotos em todas as suas matérias. A presença de infográficos, no entanto, foi notada mais para aquelas reportagens que merecem um número maior de páginas ou ainda que fazem parte da cartola Especial da revista. Normalmente, as matérias em relação a clima e meio ambiente são posicionadas em páginas presentes na segunda metade da revista.

Estes são critérios que contribuem para analisar o agendamento destas temáticas junto ao público, tendo em vista que dão maior ou menor visibilidade para as reportagens. As duas matérias de capa estudadas em nossa pesquisa são um exemplo. Percebemos que as reportagens sobre catástrofes ambientais são as que recebem maior número de páginas, maior número de fontes consultadas, uma equipe mais de repórteres envolvidos no preparo da matéria, bem como o uso mais amplo de fotografias e infográficos ilustrativos. Podemos relacionar com o que é afirmado por McCombs e Gilbert, em 1986, segundo os quais alguns elementos contribuem na fixação da agenda, tais como (KUNKZIK, 1997, p. 314): a quantidade de notícias divulgadas sobre o tema, a proeminência do artigo no noticiário daquele veículo de imprensa, o grau de conflito que apresenta a reportagem e o tempo pelo qual este assunto se mantém em pauta na imprensa. Percebemos, assim, que as informações gerais obtidas sobre números de páginas e de fotografias, além da editoria ocupada por cada reportagem, nos indicam a proeminência desta matéria no veículo de imprensa em questão e, também, podem ser apontadas como indicadores do agendamento que está sendo realizado por *Veja* sobre dados temas em nossa sociedade. Temos que, por ocuparem mais espaço e, por vezes, ganharem a capa da edição, algumas reportagens devem ser as que mais agendam a população sobre a temática em pauta. Possivelmente, o leitor de *Veja* comentará aqueles assuntos e procurará acompanhar na mídia os desdobramentos de tais temas de catástrofes para os quais a revista deu tamanha importância e destaque.

Observamos por meio da análise de dados que o agendamento e o enquadramento são momentos diferentes da elaboração da reportagem. Enquanto o primeiro, em nosso estudo, foi identificado por meio da quantidade de páginas, do número de ilustrações

presentes e pela posição da reportagem em relação ao todo da revista; o enquadramento tangencia a linha argumentativa seguida pelo repórter na construção do texto. Percebemos, no entanto, que os temas com agendamento mais destacado dentro das edições de *Veja* recebem um número maior de fontes e também um enquadramento mais complexo, contando com grande equipe de jornalistas atuantes como parte da equipe de reportagem. As matérias que dizem respeito a desastres ambientais, principalmente as envolvendo tragédias humanas, são aquela em que mais encontramos presentes as fontes testemunhais. O contexto em que o problema ambiental se situa, as nuances e histórias de vida envolvidas em uma situação ambiental são mais bem explorados por *Veja* nas matérias de desastres e quase não aparecem nas conotações preservação, denúncia e novidade.

Quando a reportagem se preocupa em investigar um problema relacionado a preservação do meio ambiente, mas que não está ligado a um desastre ambiental como fato provocador da pauta, vemos um apelo maior às fontes especializadas ou as fontes oficiais. Quando as reportagens trazem temas internacionais, mesmo que sejam sobre catástrofes, nota-se o uso de menos fontes, por vezes se utiliza uma fonte oficial por meio de citação de declaração pública desta, não oferecida exclusivamente à revista. Algumas vezes, nestes casos, se tem apenas uma fonte identificada em todo o texto construído, de forma que as demais informações da matéria, não vem identificadas com as fontes das quais os repórteres obtiveram aqueles dados. Exceção seja feita à reportagem “Terremoto...Tsunami...e Choque” (CABRAL, 2011), em que foram obtidos depoimentos testemunhais de brasileiros que vivem no Japão sobre o terremoto e o tsunami ocorridos naquele país em março de 2011.

No que tange a relação entre a escolha das fontes e o enquadramento, proposta esta trazida como problemática por nossa pesquisa, observamos dois tipos de apontamentos a partir dos dados coletados. O primeiro é que são as informações que o repórter obtém – provavelmente de fonte secundária, porém não identificada – que lhe permite construir toda a lógica argumentativa do texto. O texto ganha credibilidade quando se disponibilizam dados oficiais ao longo da matéria, pois estes – mesmo sem ter a fonte indicada – parecem confirmar o conhecimento sobre o assunto por parte daquele que assina o texto. O segundo aspecto que se pôde observar é que – quando as fontes são identificadas – elas vêm para confirmar a tese defendida por meio de frases chaves do texto (também identificadas em nosso formulário) e que constituem os eixos do enquadramento, construído pelo autor.

Sendo o enquadramento um processo de seleção e saliência, como afirma Entman (1993), temos que uma só frase da reportagem pode produzir mais do que uma das funções de enquadramento, mesmo que muitas frases do texto não produzam nenhuma destas funções. Entman (1993) entende que entre as funções de enquadramento estão: problemas de que fala a matéria, a determinação de seu agente causador, seus custos e benefícios, o diagnóstico das causas, julgamentos morais, justificativas para tratamentos para o problema e previsão dos efeitos prováveis. Vemos que se uma frase pode decifrar o enquadramento que aquele texto vem passar, a fonte quando citada costuma ser um reforço a esta frase que traz função de enquadramento, de forma que se tem assim a ideia clara do posicionamento que a reportagem outorga à temática escolhida. Segundo nossa pesquisa, foi possível perceber a presença de uma série de frases ao longo dos textos estudados que denotam os enquadramentos adotados nestes. Percebemos, por meio da investigação realizada, que a fala das fontes dialoga com estas frases chave da matéria: ambas estão em uníssono ao afirmar e reafirmar a linha argumentativa que é de opção do repórter. De fato, não nos parece possível construir um texto jornalístico sem a inclusão destas frases de enquadramento.

Ao procurarmos traçar um perfil do que *Veja* divulga em termos de clima e meio ambiente no primeiro semestre de 2011, percebe-se que os assuntos são normalmente relacionados à catástrofes ambientais ou a preservação ambiental. Constatamos a utilização de um estilo de jornalismo investigativo que procura passar os pontos problemáticos da situação no Brasil e no Mundo. Nas matérias observadas, se notou uma visão do Brasil como um país de problemas ambientais. As soluções sustentáveis que o país já pratica, em nossa visão, não foram alvo de atenção da revista no semestre estudado. A utilização das fotos e imagens de infográficos ilustrativos são reforçadores destas mensagens presentes para o leitor. Elas vêm mostrar o caos nas situações de catástrofes ambientais; os vilões nas denúncias de crimes contra o meio ambiente; ou ainda a força da natureza no que tange problemas como o recuo do Mar Morto ou o aquecimento solar.

Em algumas matérias notamos a escolha da revista em não identificar a fonte utilizada, apesar de ser possível notar pela natureza dos dados levantados que a reportagem fora construída por pesquisa em diversas fontes. É interessante observar esta característica de algumas reportagens tendo em vista as afirmativas de alguns autores já estudados sobre a presença de diferentes vozes nas matérias jornalísticas. O termo vozes, segundo Mesquita (2008) é usado por Cunha, em 2004, e está mais ligado às falas das pessoas

citadas claramente nas revistas. Para Amaral (2010), são estas vozes que vão permitir que o jornalista aproxime-se do fato e domine suas contingências. Para Baumont, Girardi e Pedroso (2008), entre as principais dificuldades do jornalismo ambiental hoje está a de construir reportagens que “integrem assuntos, pluralizem vozes e promovam o respeito à diversidade de culturas e existências” (2008, p. 208). Assim, a polifonia de vozes poderia ser um elemento enriquecedor para algumas das reportagens sobre clima e meio ambiente apresentadas por *Veja*. Cabe lembrar ainda, que, segundo Van Gorp (2007), a essência do enquadramento está nas interações sociais. Parece-nos que, mesmo que estas não transpareçam em citações de fontes no texto, de fato, o jornalista dificilmente constrói uma reportagem sem submeter-se ao processo apurativo por entre fontes de informação.

Importante observar que, no período estudado, no que tange as fontes envolvidas nas reportagens de *Veja* investigadas, não se viu presença constante daquelas representativas das entidades internacionais que trabalham pela conservação do meio ambiente, questão climática, bem como o desenvolvimento sustentável. Cada vez mais presentes nos espaços públicos, estes atores sociais vem atuando com força no Brasil. Um exemplo é a preparação para a Rio+20 - Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável. Quanto a este tema, por exemplo, nos parece que a revista irá tratar mais próximo à data do evento, previsto para junho de 2012.

Retomando o estudo do enquadramento do texto em revista e sua relação com a escolha das fontes citadas nas reportagens, vemos uma ligação direta entre estes dois aspectos. A leitura das falas das fontes nos levou a compreender que suas visões de mundo e pontos de vista são, de certa forma, um recorte que o próprio jornalista faz sobre a realidade, de modo a poder construir o quebra-cabeças de informações e referências com o qual compõe a reportagem. Como demonstra Benetti (2007), o jornalista utiliza procedimentos para construir efeitos de verdade em suas reportagens, estrategicamente dispõem de recursos como a designação, a reconstituição e a elucidação. Para manter o contrato de comunicação com o público, o repórter precisa demonstrar a busca pela verdade também com a consulta de várias fontes, pois estas lhe auxiliam estrategicamente na construção do efeito de verdade em seu texto. A escolha da fonte e identificação desta nos parece, portanto, uma das estratégias adotadas pelo jornalista no sentido de conferir confiabilidade e designação de procedência à informação por ele transmitida.

A preferência por fontes testemunhais e especializadas nas reportagens que dizem respeito aos desastres ambientais e o grande número de fontes identificadas nestas

reportagens nos leva a concluir que *Veja* opta por valorizar o aspecto humano em suas matérias sobre catástrofes, mas também que talvez, opte por apelar para a emoção carregada pelas vozes destes depoentes. Um dos itens de nosso protocolo de pesquisas procura apurar o sentimento passado pela fala de cada fonte e, nas reportagens sobre desastres, estes normalmente estão relacionados a um forte caráter emotivo. Estas vozes vem contar histórias de perda, de inconformismo, de desolação, levando aos leitores da revista talvez uma visão afastada de como se sentiriam caso estivessem no local de fala daqueles que testemunharam da tragédia. A revista preocupa-se também (geralmente com o uso de infográficos) em explicar de forma didática a natureza da catástrofe e trazer fontes especializadas que, em nosso entendimento, ampliam a visão do leitor sobre o que foi a tragédia no momento em que ela ocorreu. Concluimos que, conforme afirma Breton (2003), os especialistas possuem uma aura que reforça suas opiniões, mesmo que não estejam falando de tema sobre seu domínio, mas, principalmente se estiverem abordando temática dentro de sua área de atuação.

Não se pode dizer que é possível perceber na revista uma presença sempre uniforme em relação aos temas ambientais e climáticos. Parece-nos mais adequado apontar para uma presença destas temas quando eles se mostram de atratividade do público, estrategicamente escolhidos dentre as pautas disponíveis na semana. Em alguns momentos, se viu experiências diferenciadas no contexto geral do noticiário ambiental presente no primeiro semestre de 2011 em *Veja*. Tais seriam, em nossa visão, as matérias “Quando Deus tremeu” e “Sinais de alerta no sol”. A primeira traz, em tom quase literário, uma comparação entre a catástrofe no Japão e a que ocorreu em Lisboa em 1755 envolvendo também um terremoto e tsunami. Por meio do resgate histórico do que foi filosoficamente o significado daquela catástrofe, a reportagem trouxe os efeitos do desastre sobre o modo de pensar do povo europeu da época. Na segunda reportagem indicada, tem-se a intersecção bastante clara entre uma pauta que lida com a questão do aquecimento global e mudanças climáticas, porém, de forma combinada a um assunto que prima bem mais do que os demais aqui estudados pela característica científica. Nesta matéria, são apresentadas entrevistas com físicos, fotos e infográficos mostrando diferentes situações relacionadas a um fenômeno em que o sol, a cada 11 anos, entra em maior atividade e, assim amplia-se o número de explosões solares – os ventos provocados por estas, podem vir a ter efeitos sobre o clima da Terra. Neste tipo de reportagem, observamos a existência de uma interface maior entre o jornalismo ambiental e o científico. Conforme afirma Trigueiro

(2005), para atuar melhor em relação a este tipo de matéria, seria preciso que o jornalista pudesse ter uma formação específica para exercício do jornalismo ambiental. Cabe ainda destacar talvez que, dentre as séries de reportagens especiais que dão cobertura às duas principais catástrofes ambientais noticiadas pela revista no período estudado – os terremotos no Japão e as chuvas na serra fluminense – houve duas matérias que se destacaram das demais por falarem sobre possíveis soluções que podem ser adotadas para evitar novos desastres. Tais seriam as reportagens “8 Soluções para evitar nova tragédia” (SABINO, 2011) e “Técnica para evitar o pior” (2011). Estas parecem, em nossa visão, comprovar que, como indicado por Entman (1993), o enquadramento de uma reportagem pode sugerir soluções para a situação em pauta. Porém, mais do que isso, estas reportagens vem ao encontro do que afirma Schwaab (2011), segundo o qual a mídia tem papel de agente ativo nos debates globais sobre as questões ecológicas. Toda a população está envolvida nestes temas, inclusive os jornalistas, e, desta forma, é possível à imprensa não só demonstrar a existência de problemas, como também despertar consciência na população e propor soluções. Ou ainda, conforme expõe Meneghetti (2004): o jornalista, quando revela os fatos, “tendo ou não ciência ou intenção, produz consciência, portanto, dentro de si é de qualquer modo responsável” (2004, p. 157).

Assim sendo, a relação com instituições que trabalham esta temática, bem como com as soluções que já vão sendo apresentadas por cidadãos, empresas e entidades conscientes de sua responsabilidade social – a própria questão da responsabilidade social e do desenvolvimento sustentável – aparecem citados em alguns momentos de algumas reportagens estudadas em *Veja*, mas ainda ganham poucas pautas específicas. Tal dado talvez venha a ser modificado, tendo em vista a emergência de movimentos em prol destas temáticas e que auxiliam o fomento de pautas acerca de clima e meio ambiente na imprensa. É este o caso, por exemplo, do próprio movimento da Editora Abril, chamado Planeta Sustentável e que vem criando publicidades que ocupam as páginas de todas as revistas da Editora para divulgação de seus trabalhos (SCHWAAB, 2011). Parece-nos pertinente retomar neste ponto o que nos indica Dixit (2005), segundo quem, a mídia pode auxiliar no aperfeiçoamento da governança, porém, para tanto, ela também precisa ser mais bem governada, com a formação de profissionais mais conscientes de seu papel como jornalistas construtores também de um mundo mais equilibrado para o meio ambiente. Acreditamos que os dados levantados por nossa pesquisa podem contribuir para elucidar que a escolha das fontes jornalísticas nas matérias que tratam de clima e meio ambiente

trazem reflexos determinantes sobre a mensagem que estas reportagens virão a mediar junto ao público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange a verificação de nosso problema de pesquisa, que discutiu de que forma a escolha das fontes para as reportagens acerca de clima e meio ambiente interfere no enquadramento destas temáticas divulgadas por *Veja*, foi possível notar que existe relação entre as fontes escolhidas para uma reportagem e o enquadramento por esta oferecido, principalmente se levarmos em conta as fontes que os repórteres optam por identificar ao longo do texto. Além disso, traçamos um paralelo entre estas escolhas e o agendamento, bem como, percebermos uma verdadeira estratégia de produção das notícias que é adotada pelo jornalista quando escolhe as fontes com as quais trabalha nas matérias estudadas.

Em autores como McCombs (2009), Sousa (2000), Hohlfeldt (2003), Traquina (2001) e Kunczik (1997), encontramos o aporte teórico para a discussão do agendamento. O enquadramento foi possível a nós discutir por meio de Gutmann (2006), Entman (1993), Tuchman (1993), Mesquita (2008), Colling (2001) e Van Gorp (2005). A questão da classificação das fontes foi por nós compreendida por meio de autores como Pinto (2000), Lage (2003), Guerra (2006), e Schmitz (2010). O contexto do jornalismo ambiental, foi pesquisado em Girardi e Schwaab (2010), Loose (2010), Massierer e Girardi (2008), Trigueiro (2005), entre outros. Pesquisamos também alguns temas transversais, tais como os valores notícia, vistos principalmente em Traquina (2004), e a argumentação jornalística verificada em Breton (2003) e Benetti (2007). Foram também essenciais para nosso trabalho algumas dissertações e teses de pesquisadores brasileiros que relacionaram os conceitos aqui estudados, sejam eles: enquadramento, agendamento, fontes e jornalismo ambiental.

Acreditamos ter atingido o objetivo geral de verificar como são noticiadas as temáticas relacionadas ao clima e meio ambiente em *Veja* tendo como base o estudo do enquadramento realizado por essa publicação sob a perspectiva do uso das fontes nas reportagens estudadas. Segundo Entman (1993), o enquadramento tem relação com seleções e saliências presentes em uma reportagem. As fontes são uma das primeiras escolhas que o repórter faz no que tange a apuração da matéria. Conforme Van Gorp (2007), diversos fatores vão incidir sobre a criação do enquadramento: do contexto social do jornalista produtor da notícia, ao contexto da organização de imprensa para a qual ele

presta serviços. Ao final, como explica Van Gorp (2007), todos estes fatores vão direcionar a formação do pensamento coletivo acerca daquilo que as notícias nos trazem.

O alcance de nossos objetivos específicos nos foi possível principalmente por meio da elaboração do protocolo de pesquisas de análise para seleção/classificação das fontes jornalísticas desenvolvido a partir do modelo de formulário apresentado por Fonseca Júnior (2009) - a própria elaboração deste formulário já se constitui como um de nossos objetivos específicos atingidos. Com este, procuramos identificar as fontes e os enquadramentos das reportagens no primeiro semestre de 2011 com os descritores clima e meio ambiente em *Veja*. O formulário de Fonseca Júnior (2009) teve seus campos de preenchimento adaptados de modo a responder as questões por nós delimitadas a partir das teorias de agendamento e enquadramento estudadas. A aplicação do protocolo foi para nós determinante para perceber que, de fato, conforme afirma Herscovitz (2007), a análise de conteúdo quando aplicada ao jornalismo auxilia na pesquisa de critérios de noticiabilidade, agendamento e enquadramento.

Outro objetivo específico foi de evidenciar a relação entre o agendamento e o enquadramento, observando quais *frames* são utilizados nas reportagens de clima e meio ambiente. Percebemos que as matérias que possuem um agendamento mais amplo por parte da revista, se colocam também enquadradas de forma mais complexa – maior elaboração quanto ao número de fontes e perspectivas diferentes abordadas ao longo do texto.

Também procuramos estabelecer nexos entre as diferentes fontes e modos de enquadramento com os conteúdos elaborados pelo jornalismo de *Veja* e verificar a relação da escolha das fontes com as estratégias de noticiabilidade dos veículos de imprensa. Este último objetivo acreditamos ter sido cumprido também porque, a partir dos dados levantados em nosso protocolo de pesquisa, conseguimos confirmar os fundamentos teóricos encontrados em diversos autores - como Tambosi (2005), Breton (2003), Benetti (2007) e Traquina (2005) - de que a construção argumentativa do jornalismo se dá também por meio da escolha das vozes e testemunhos expostos no texto jornalístico.

Acreditamos que nosso estudo poderia ser aprofundado por meio de outras pesquisas. Sugerimos a realização de entrevistas com repórteres de *Veja* que cubram as temáticas aqui enfocadas de forma a conhecer melhor suas motivações e rotina de trabalho e verificar se há coincidências entre as inferências por nós apontadas e aquilo que estes profissionais percebem de sua atuação, bem como, a política editorial que seguem como

critério de noticiabilidade. Torna-se importante observar também o papel chave que demonstra ter a escolha das fontes por parte do jornalista. Uma pesquisa interessante talvez possa se dar levando em consideração a responsabilidade da pessoa do jornalista enquanto produtor da notícia. Neste âmbito, seria possível investigar a formação que é necessária a este profissional para que possa contribuir de modo mais eficaz à construção de um mundo mais humano e ambientalmente equilibrado. Seria o caso de analisar as questões éticas envolvidas na construção da credibilidade jornalística, a influência das características pessoais e de rotina produtiva deste profissional sobre o material jornalístico que realiza. Mesmo que submetido à política editorial do veículo e às condições de rotina produtiva da notícia, o jornalista nos parece ter papel de responsabilidade maior sobre aquilo que está no texto que escreve. É a partir dele que, geralmente, se dá a escolha das fontes - processo estes articulador do enquadramento que será constituído para os leitores sobre o tema reportado na matéria. Conforme Meneghetti (2004), o jornalista é capaz de produzir uma notícia que seja “em função do humano”, desde que esteja cômico da responsabilidade ética que exerce quando atua no “indispensável serviço da imprensa, enquanto informadora, histriã do corpo social” (2004, p. 153).

Não só em *Veja*, mas é provável que também nas outras revistas semanais brasileiras – o que também mereceria futuros estudos – nota-se as características de um jornalismo que em relação às pautas ambientais e climáticas está se construindo. Apesar de não serem revistas segmentadas sobre meio ambiente, os semanários brasileiros são as revistas que maior público atingem no país e o jornalismo ambiental que elas produzem justifica-se, só por este fato, como um foco importante de estudo e reflexão. Se no passado, conforme indica Campos (2006), estes temas eram abordados apenas de acordo com o seu interesse econômico, hoje já se vê a preocupação em contextualizar outros tantos aspectos possíveis, como a preservação, as denúncias sobre ameaça à natureza e as descobertas mais importantes de soluções sustentáveis. Talvez estejamos em um caminho hoje de evolução, cujo um dos marcos de mudança pôde ser visto nos anos após o evento Eco92, realizado pela ONU e que fez florescer as discussões sobre os temas de meio ambiente na imprensa. Fazendo o papel de um acelerador para estas mudanças, poderia estar a academia, com pesquisadores que levem até os veículos de imprensa um olhar distanciado e crítico que permita apoiar a evolução da cobertura de temas como clima e meio ambiente na mídia de nosso país. Esperamos, com esta dissertação, ter contribuído neste sentido.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A. Jornalismo cidadão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 25-40, 2003. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185/1324>. Acesso em: 18 jan. 2012.
- ALLERN, S. **The Construction of Frames in News Journalism**. University of Oslo/Volda University College. Volda (Noruega): 2008. 38 slides. Apresentação em Power-point. Disponível em: http://www.uio.no/studier/emner/hf/imk/JOUR4110/h09/Forelesningsmateriale/Volda_the_Construction_of_Frames.ppt>. Acesso em: 22 maio 2011.
- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- AMARAL, M. F. **Testemunhos e experts nos acontecimentos das catástrofes ambientais** - uma análise de *Veja, Época, Isto é e Carta Capital*. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq, Pós-graduação em Comunicação, Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria, 2010.
- BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRY, J. **Media and Good Governance**. Paris: UNESCO, 2005.
- BAUMONT, C., GIRARDI, I. M. T., PEDROSO, R. N. Jornalismo e cidadania ecológica: análise da temática de aquecimento global no Caderno Ambiente do jornal Zero Hora. In: GIRARDI, I.M.T.; SCHWAAB, R. T. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008.
- BARBOSA, G. S. O desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, Rio de Janeiro, v. 1. Jan/Jun. 2008. Disponível em: www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_O_Desafio_Do_Deenvolvimento_Sustentavel_Gisele.pdf. Acessado em: 21 dez. 2011.
- BELMONTE, R. V. Cidades em Mutação. In: VILAS BOAS, S. (org.) **Ambiental: Jornalismo para Iniciantes e Leigos**. (Coleção Formação e Informação). São Paulo: Summus, 2004.
- BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., 2007, Sergipe. **Anais...** Sergipe: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2007.
- BERNABEI, B. The Journalism Meme. In: MENEGHETTI, A., *et al.* **Ontopsychology and Memetics**. Roma: Psicologica Editrice, 2003.

BRETON, P. **A Argumentação na Comunicação**. Bauru: EDUSC, 2003.

BUENO, W. C. **Jornalismo ambiental**: navegando por um conceito e por uma prática. Disponível em:

http://www.jornalismoambiental.com.br/jornalismoambiental/artigos/jornalismo_ambiental/artigo1.php. Acessado em: 20 nov.2010.

CAMPOS, M. A. O Meio Ambiente na Revista Veja: mudanças ocorridas em duas décadas de análises. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 7, 2006.2, 2006. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/13MARIANAALVES.pdf>. Acessado em: 22 maio 2011.

CARDIA, W. C. **A influência da mídia na opinião pública e sobre a influência desta na mídia**: o governo Lula em Veja e Época. 2008. 450 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). Pontifícia Universidade Católica/RS - PUCRS, Poto Alegre, 2008.

CARVALHO, C. A. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporânea**: revista de comunicação e cultura, Salvador, v. 7, n. 2, 2009. Disponível em:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/3701>. Acessado em: 22 maio 2011.

CARVALHO, L. M. **Legitimação institucional do jornalismo informativo nas mídias sociais digitais**: estratégias emergentes no conteúdo de Zero Hora no Twitter. 2010. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/poscom/wp-content/uploads/2011/08/Luciana-Menezes-Carvalho-Disserta%C3%A7%C3%A3o-2009.pdf> . Acessado em: 22 maio 2011.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

COLLING, L. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 14, 2001. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3154/2425>>. Acessado em: 20 nov. 2010.

COLLING, L. **Agendamento, enquadramento e silêncio no Jornal Nacional nas eleições presidenciais de 1998**. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

COSTA, L. M. O esverdeamento da imprensa. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, UFSC, v. 3, n. 2 , 2006. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2289>>. Acessado em: 20 nov. 2010.

DALMASO, S. C., SILVEIRA, A. C. M. In: SILVEIRA, A. C. M (Org.). **Jornalismo além da notícia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003, p. 117-135.

DIXIT, K. **The failed experiment in Development Journalism**. JAMES, B. (editor). Media and Good Governance. Paris: UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001463/146311e.pdf>>. Acessado em: 10 Dez. 2011.

ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal Of Communication**, n. 43, 1993. Disponível em: <http://www.unc.edu/~fbaum/teaching/POLI891_Sp11/articles/J-Communication-1993-Entman.pdf>. Acessado em: 22 maio 2011.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise do Conteúdo. *In*: DUARTE, J., BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FRANKLIN, B., HAMER, M., HANNA, M., KINSEY, M., RICHARDSON, J. E. **Key Concepts in Journalism Studies**. Sage Publications Ltd.: Londres, 2005.

GARCÍA MARQUEZ, G. El mejor oficio del mundo. Assembleia da Sociedade Internacional de Imprensa, Los Angeles, 1996. Disponível em: http://www.fnpi.org/fileadmin/documentos/imagenes/Maestros/Textos_de_los_maestros/el_mejor.pdf. Acesso em: 12 jan. 2012.

GERAQUE, E. Perceber a biodiversidade: jornalismo e ecossistema parecem (mas não são) elos perdidos. *In*: VILAS BOAS, S (org.). **Formação e Informação Ambiental: Jornalismo para iniciantes e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

GIRARDI, I. M. T., MASSIERER, C., SCHWAAB, R. T. Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade. **UNirevista**, v. 1, n. 3, Julho, 2006. Disponível em: http://www.alaic.net/ponencias/UNirev_Girardi.pdf. Acesso em: 22 maio 2011.

GUERRA, J. Fontes de informação nos telejornais sergipanos na área temática infância e adolescência. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, 2006. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewFile/1209/954>. Acesso em: 22 maio 2011.

GUERRA, J. **Um contraponto ao ceticismo em relação à tese da mediação jornalística. Ensaio sobre Jornalismo**, [s.l] 2000. Disponível em: <http://www.crisluc.arq.br/Ensaio%20sobre%20o%20jornalismo.pdf>. Acesso em: 22 maio 2011.

GUTMANN, J. F. Quadros narrativos pautados pela mídia: *framing* como segundo nível do *agenda-setting*? **Contemporânea: revista de comunicação e cultura**, Salvador, v.4, n. 1, Junho, 2006. <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/3481> Acesso em: 22 maio 2011.

HERÉDIA, L. C. G. A Retórica do Jornalismo. **Rhêtorikê**, Portugal, n. 1. 2008. Disponível em <http://www.rhetorike.ubi.pt/01/pdf/leila-heredia-retoica-jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2011.

HOHLFELDT, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. *In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (orgs). Teorias da Comunicação - conceitos, escolas e tendências*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C., FRANÇA, V. V. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KUNCZIK, M. **Conceitos de Jornalismo – Norte e Sul. Manual de Comunicação**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAGE, N. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2001.

LEAL, P. M. V. News Frames no Jornalismo Político Brasileiro: análise de enquadramento da cobertura do escândalo dos Sanguessugas. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007. Santos, SP. **Anais...**
Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1113-1.pdf>>.
Acessado em: 22 maio 2011

LOOSE, E. B. **Jornalismo Ambiental em Revistas: das estratégias aos sentidos**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LUCKMANN, A. P. Jornalismo e mídia-educação no contexto do aquecimento global. *In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, UFSC, v. 3, n. 2, 2006.
Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2291>>.
Acessado em: 22 maio 2011.

MASSIERER, C., GIRARDI, I. M. T. Como o campo do jornalismo auxilia na construção dos problemas ambientais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 6., 2008, São Bernardo do Campo (SP). **Anais...** São Bernardo do Campo (SP): Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2008. Disponível em: < <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/resumod.php?id=612>>. Acessado em: 22 maio 2011.

MCCOMBS, M. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MENEGHETTI, A. **Jornalismo Realidade e Sociedade**. *In: CONFERÊNCIA JORNALISMO REALIDADE E SOCIEDADE*, 2011, Antonio Meneghetti Faculdade, Recanto Maestro, 2011.

MENEGHETTI, A. **Sistema e Personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.

MESQUITA, F. A. **As fontes jornalísticas no Caso Dossiê: uma análise de**

enquadramento da cobertura das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *CartaCapital*. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

MORAES, C. H. Jornalismo Ambiental: dilemas de uma quase especialidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Bernardo do Campo (SP). **Anais...** São Bernardo do Campo (SP): Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2008. Disponível em: < <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/individual23claudiahertedemor.aes.pdf>>. Acessado em: 22 maio 2011.

MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Mudar para ser a mesma. Apresentação disponível on-line no portal comemorativo dos 30 anos de *Veja*. 1998. Disponível em: < http://www.veja.abril.com.br/30anos/p_012.html > Acessado em: 12 jan. 2012.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**, 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, v. 14 (1-2), 2000. Disponível em: < http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf> Acessado em: 22 maio 2011.

REDCLIFT, M. Feitos à nossa imagem: o meio ambiente e a sociedade como discurso global. In: ARIZPE, L (org.). **As dimensões culturais da transformação global: uma abordagem antropológica**. Brasília: UNESCO, 2001.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHARF, R. Verde como Dinheiro. Economia Sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: VILAS BOAS, S (org.). **Formação e Informação Ambiental**: Jornalismo para iniciantes e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

SCHMITZ, A. A. **Classificação das fontes de notícias**. 2011. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf> > Acessado em: 02 jul. 2011.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de Notícias**: Ações e Estratégias das Fontes Empresariais nas Relações com Jornalistas de Economia e Negócios. 2010. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SCHUTEL, S. **Ontopsicologia e Formação de Pessoas na Gestão Sustentável do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro/RS**.2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. SCHWAAB, R. **Uma ecologia do jornalismo: o valor verde no saber dizer das revistas da Abril**. 2011. 214 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Paulo, 2011.

SILVA, V. J. da. **O Escândalo do Mensalão em revistas semanais: uma análise do enquadramento**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

SOUSA, A. L., BARRETO, B. M. V. B. Natureza em pauta: o perfil do jornalismo ambiental em Vitória da Conquista (BA). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 4., 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2004.

SOUSA, P. J. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TAMBOSI, O. Informação e conhecimento no jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.2, n. 2, p. 31-38. 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004, vol. I.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005, vol. II.

TRAQUINA, N. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

TRIGUEIRO, A. **Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2005.

VAN GORP, B. The Constructionist Approach to Framing: Bringing Culture Back. **Journal Of Communication**, 57, International Communication Association. Disponível em: <https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/250813/1/Joc_The+constructionist+approach.pdf>. Acessado em: 22 nov. 2005.

VILAS BOAS, S. **O Estilo Magazine: o texto em revista**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. 7. ed. Lisboa: Presença, 2003.

REPORTAGENS ANALISADAS

ABREU LIMA, R., BETTI, R. Um banho de lama na civilização. **Veja**, São Paulo, 19 jan. 2011, ed. 2200, p. 48 a 59.

ABREU LIMA, R., BETTI, R., GASPAR, M. 8 Soluções para evitar outra tragédia. **Veja**, São Paulo, 26 jan. 2011, ed. 2201, p. 76 a 80.

ALCANTARA, E. A energia limpa dá lucro. **Veja**, São Paulo, 22 jun. 2011, ed. 2222, p. 21 a 25.

AMARO, M. Nem para salvar a própria pele. **Veja**, São Paulo, 11 maio 2011, ed. 2216, p. 124 a 126.

BARRUCHO, L. G. Os sismógrafos dos mercados. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2011, ed. 2209, p. 96 a 97.

BRASIL, S. Os cabeças-sujas e seu mundinho. **Veja**, São Paulo, 9 mar. 2011, ed. 2207, p. 72 e 73.

CABRAL, O. Terremoto...Tsunami...e Choque. **Veja**, São Paulo, 16 mar. 2011, ed. 2208, p. 80 a 91

ELER, A., SPERANDIO, M. Preserve-se o bom-senso. **Veja**, São Paulo, 18 de maio 2011, ed. 2217, p. 78 a 80.

GRYZINSKI, V. Dia de olhar a marmota. **Veja**, São Paulo, 9 de fev. 2011, ed. 2203, p. 47.

MACEDO, D., SANDOVAL, G. Luto: na serra fluminense a tragédia continua dentro dos corações. **Veja**, São Paulo, 23 fev. 2011, ed. 2205, p. 98 a 105.

MELO, C. Um mar em busca de água. **Veja**, São Paulo, 4 maio 2011, ed. 2215, p. 144 e 145.

OYAMA, T. A vida depois do tsunami. **Veja**, São Paulo, 30 mar. 2011, ed. 2210, p. 84 a 87.

OYAMA, T. Um inverno nuclear. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2011, ed. 2209, p. 82 a 85.

SABINO, M. Quando deus tremeu. **Veja**, São Paulo, 16 mar. 2011, ed. 2208, p. 94 e 95.

SAKATE, M. Uma safra de plástico verde. **Veja**, São Paulo, 13 abril 2011, ed. 2212, p. 108 e 109.

SAKATE, M. O impacto no PIB. **Veja**, São Paulo, 16 mar. 2011, ed. 2208, p. 96.

SEGALLA, V. A Herança do MST na Bahia. **Veja**, São Paulo, 11 mar. 2011, ed. 2216, p. 122.

SCHELP, D. O medo de volta 66 anos depois. **Veja**, São Paulo, 23 mar. 2011, ed. 2209, p. 87 a 93.

Técnica para evitar o pior. **Veja**, São Paulo, 16 mar. 2011, ed. 2208, p. 92 e 93.

VILICIC, F. Caçadora em pele de ambientalista. **Veja**, São Paulo, 18 maio 2011, ed. 2217, p. 146 e 147.

VILICIC, F. O Bin Laden da Ecologia. **Veja**, São Paulo, 1 jun. 2011, ed. 2219, p. 120 e 121.

VILICIC, F. Rendição nuclear. **Veja**, São Paulo, 8 jun. 2011, ed. 2220, p. 96 a 98.

VILICIC, F. Sinais de alerta no sol. **Veja**, São Paulo, 9 mar. 2011, ed. 2207, p. 78 a 85.

WESTEIN, R. Adeus, amiguinho. **Veja**, São Paulo, 30 mar. 2011, ed. 2210, p. 100.

APÊNDICE A

Protocolo de Pesquisa para Análise das Fontes Formulário Padrão de Codificação

Codificador					
Revista Veja		Data:			
Pág.:		Título da matéria:			Nº:
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> editorial
<input type="checkbox"/> carta					
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> Entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia
					<input type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espectáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input type="checkbox"/> Ambiente	<input type="checkbox"/> Outros
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização):					
Brasil		<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	
				<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior		<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	
		<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima		<input type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input type="checkbox"/> Ambos	
7. Número de fontes consultadas					
8. Identificação de cada fonte					
9. Categoria de cada fonte					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
11. Frases que denotam enquadramentos					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil		<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	
				<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior		<input type="checkbox"/> América do	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Sul	América Central	América do Norte	Europa	África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
18. Observações sobre a matéria:					

APÊNDICE B

Protocolo de Pesquisa para Análise das Fontes Formulários Preenchidos

Codificador 001										
Revista Veja			Data: 19 de janeiro de 2011							
Pág.: 48 a 59			Título da matéria: Um banho de lama					Nº: 3		
1 - Presença de ilustrações e explicações										
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim							
2 - Gênero (selecionar um predominante):										
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem			<input type="checkbox"/> editorial		<input type="checkbox"/> carta
3 - Seção										
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista		<input type="checkbox"/> panorama	<input checked="" type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional		<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos			<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros		
Análise de Texto										
4. Local da pauta (localização): Região Serrana do Rio de Janeiro										
Brasil			<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior			<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
			<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:										
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre			<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> Preservação			
6. Conteúdo da mensagem										
<input type="checkbox"/> Clima			<input type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos					
7. Número de fontes consultadas										
7										
8. Identificação de cada fonte										
1 - João Willy Rosa, professor de Geociências da Universidade de Brasília										
2 - Bombeiro não identificado										
3 - Aviso especial número 12										
4 - Ricardo Loureiro, tenente-coronel										
5 - Wellington Herda, costureiro										
6 - Luiz Carlos Molion, meteorologista										
7 - Jair Paca da Lima, coordenador da Defesa Civil de São Paulo										
9. Categoria de cada fonte										
1- Primária, Especializada, Ativa, Identificável e Fidedigna										
2- Secundária, Referência, Reativa, Identificada e Duvidosa										
3- Secundária, Referência, Passiva, Identificada, Confiável										
4- Primária, Referência, Ativa, Identificada, Confiável										
5- Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada e Confiável										
6- Primária, Especializada, Ativa, Identificada e Fidedigna										
7- Primária, Especializada, Ativa, Identificada e Confiável										
10. Aspectos notados na fala de cada fonte										
1- Sobriedade e esclarecimento										
2- descaso com o problema das vítimas por excesso de trabalho										
3- pouco alarde da possível tragédia										
4- Preocupação, lamento										

5- alívio e espanto					
6- repreenda e conhecimento					
7- motivador e solucionador					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- O Brasil tem encontro marcado com a tragédia todos os anos na estação chuvosa e não há força terrestre que faça com que as autoridades e as pessoas se preparem para isso. (p. 48)					
- Toda vez que as chuvas causam uma grande destruição invocam-se os mesmos culpados: os sucessivos governos que agiram de forma irresponsável ao tolerar, ou incentivar, a ocupação irregular do solo, a falta de articulação entre os sistemas que deveriam ser capazes de antecipar a tragédia, a negligência na execução de obras que poderiam minimizar as perdas. (p. 50)					
- O que fez o temporal que desabou sobre a serra fluminense se transformar na segunda maior catástrofe já provocada pelas chuvas na história do Brasil foi – também – uma perversa e poderosa combinação de fatores climáticos globais e locais, associada às peculiaridades topográficas da região. (p.50)					
- É nesse ponto que, suspeitam cientistas, pode ter havido influência de um fator ligado às mudanças climáticas do planeta, como o aquecimento da superfície terrestre. (p. 50 e 51)					
- Para agravar essa conjunção funesta, colaborou o perfil topográfico da região (p. 52)					
- Tragédias dessa magnitude têm o poder de revelar a capacidade quase infinita do ser humano de suportar sofrimentos extremos – e também de mostrar a grandeza de alguns diante da dor de um semelhante (p. 54)					
- Para um leigo, pode parecer pouco. Mas, entre os especialistas em defesa civil, a sequência de avisos citando o Rio e o detalhamento que incluía a Região Serrana são, ou deveriam ser, informações inequívocas de que haveria chuvas em um nível muito acima do normal. (p. 56)					
- Ou seja, os responsáveis pela Defesa Civil estadual do Rio não perceberam a importância da informação recebida. (p. 58)					
- Para evitar novos rios de mortes, é preciso cobrar o poder público de forma sistemática e implacável. (p. 58)					
- Em um mundo ideal, as informações dos radares chegaria ao órgão estadual e seria repassada aos municípios. (p. 59)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Chuvas; Deslizamento de Terra; Preservação das Encostas					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Capa					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto		<input checked="" type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Infográfico explicando o fenômeno das chuvas					
2 – Foto da enchente de 1967					
3 – Foto da enchente de 2008					
4 – Foto situação após as cheias					
5 – Foto das vítimas					
6 – Foto de família que morreu nas chuvas					
7 – Foto da situação após as cheias					
8 – Foto de morro desmoronado					
8 – Bombeiro					
9 – Fotos das vítimas					
10 – Foto do morro desmoronado					
11 – Foto de casas desmoronadas					
12 – Foto de sobrevivente					
13 – Foto de abrigo de sobreviventes					
14 – Bombeiros salvam uma criança					
15 – Cemitério onde se enterrou vítimas					

16 – Radar de controle meteorológico
17. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:
1 – Explicação do fenômeno 2 – Desastre 3 – Desastre 4 – Tragédia 5 – Tragédia 6 – Tragédia 7 – Tragédia 8 – Desastre 9 – Tragédia 10 – Desastre 11 – Desastre 12 – Esperança 13 – Solução 14 – Esperança e Conquista 15 – Tragédia 16 – Tecnologia e Ciência
18. Observações sobre a matéria:
- A reportagem é assinada por uma equipe de cinco repórteres. Na introdução constam dois outros nomes assinando logo abaixo do olho da reportagem. Provavelmente, os nomes são das jornalistas responsáveis pelo fechamento da matéria. - Os depoimentos das fontes testemunhais e especialistas são dados em boxes da reportagem principal.

Codificador 002					
Revista Veja		Data: 26 de janeiro de 2011			
Pág.: 76 a 80		Título da matéria: 8 Soluções para evitar outra tragédia		Nº: 4	
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem	
				<input type="checkbox"/> editorial	
				<input type="checkbox"/> carta	
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input checked="" type="checkbox"/> Geral	
				<input type="checkbox"/> Guia	
				<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input type="checkbox"/> Ambiente	
				<input type="checkbox"/> Outros	
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização):					
Brasil		<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	
				<input type="checkbox"/> Norte	
				<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior		<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	
				<input type="checkbox"/> Europa	
				<input type="checkbox"/> África	
		<input type="checkbox"/> Ásia		<input type="checkbox"/> Oceania	
5. Conotação da mensagem:					
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia	
				<input type="checkbox"/> Preservação	
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima		<input type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
7. Número de fontes consultadas					
6					
8. Identificação de cada fonte					
1 Luiz Antonio Barreto, secretário de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério da Ciência e Tecnologia					
2 Willy Lacerda, geólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro					
3 José Alexandre de Almeida, secretário do Planejamento de Teresópolis					
4 Elson Oliveira, gerente industrial, ex-morador de área afetada pelas chuvas em Blumenau					
5 Maria Elisabete Filpi, advogada aposentada, membro da ONG Grupo EstimAção					

6 Hannelore Fuchs, psicóloga de animais					
9. Categoria de cada fonte					
1 Primária, Oficial, Passiva, Identificada, Confiável					
2 Primária, especializada, ativa, identificada, confiável					
3 Primária, oficial, ativa, identificada, confiável					
4 Primária, testemunhal, identificada, confiável					
2 Primária, institucional, ativa, identificada, confiável					
3 Primária, especializada, ativa, identificada, confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
1. Crítica					
2. Advertência					
3. Irresponsabilidade					
4. Precaução					
5. Informação					
6. Informação					
11. Frases que denotam enquadramentos					
Sempre que a fúria das águas deixa um rastro de destruição e mortes, o roteiro seguido pelos governantes brasileiros é muito semelhante - p. 77					
Que a tragédia da serra fluminense sirva para dar, enfim, o sentido de urgência para a tarefa que vem sendo irresponsavelmente postergada no Brasil. - p. 77					
Não há de inventar a roda quanto ao caminho a ser trilhado. A experiência internacional mostra que, com a adoção disciplinada de um conjunto de medidas – algumas mais complexas e caras; outras bastante simples – é possível reduzir o número de mortos, em desastres climáticos a níveis mínimos. - p. 77					
Para se ter uma ideia do atraso brasileiro, Hong Kong fez o mesmo quatro décadas atrás – e tornou-se, com a ajuda da medida, caso exemplar de prevenção aos estragos da chuva. - p. 77					
A tragédia da semana retrasada mostra que não nos resta outra opção. - p. 78					
Ninguém de bom senso discorda que quem vive nesses desfiladeiros deve ser retirado de lá pelo poder público que precisa contar com uma política habitacional capaz de lhes prover um teto em local com infraestrutura básica. - p. 78					
Dada a eficácia destas obras de engenharia, no entanto, não resta dúvida de que o dinheiro público, em geral tão mal gasto, encontrará aí uma boa aplicação. - p. 79					
Criar regras para a construção das casas e prédios é atribuição de cada município brasileiro. - p. 79					
Todos concordam que a ausência no Brasil de um sistema integrado de radares de alta precisão aumenta a vulnerabilidade diante de fenômenos como a tempestade de duas semanas atrás. - p.79					
Quanto mais treinada a população, melhores os resultados - p. 80					
O que predomina neste campo é o completo imprevisto, como ocorreu no último dia 14. - p. 80					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Clima; construções ilegais em encostas de morros, previsões meteorológicas.					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Posicionada na seção Cidades, dentro da editoria Geral					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1- Foco dos destroços dos desmoronamentos causados pelas chuvas na serra fluminense em janeiro de 2011					
2- Infográfico explicando a situação das construções ilegais em encostas					
3- Infográfico explicando como se daria a construção de possíveis contenções de concreto para evitar os deslizamentos de terra					
4- Infográfico explicando como funcionam fundações mais modernas para casas em encostas					
5- Foto de casa alagada pelas chuvas em Blumenau (SC), em 2008.					

6- Infográfico explicando como funciona o radar de alta precisão
7- Foto de treinamento da população japonesa sobre como lidar com vítimas de terremotos
8- Fotos dos cães que perderam seus donos por conta dos deslizamentos na serra fluminense
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:
1 Evidência do Desastre
2 Objetivo Informativo
3 Objetivo Informativo
4 Objetivo Informativo
5 Evidência do desastre
6 Objetivo informativo
7 Alternativa de solução ao problema
8 Problema ainda sem solução ocasionado pelas chuvas
18. Observações sobre a matéria:
<p>A matéria menciona por duas vezes um grupo de especialistas ouvidos por Veja, brasileiros e estrangeiros, mas cujos nomes só alguns são citados diretamente na reportagem.</p> <p>Esta matéria, apesar de falar sobre a tragédia das chuvas, foi serializada na seção de Cidades. O motivo parece ser porque o objetivo é mostrar solução para o problema que pode ser resolvido - na maioria, por meio de propostas urbanísticas e de administração pública das cidades.</p> <p><i>Veja</i> se posiciona claramente nesta reportagem de maneira crítica a falta de esforços do poder público para criar medidas preventivas a desastres como este.</p>

Codificador 003									
Revista Veja					Data: 9 de março 2011				
Pág.: 47			Título da matéria: Dia de olhar a marmota				Nº: 6		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim							
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota		<input checked="" type="checkbox"/> notícia		<input type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial		<input type="checkbox"/> carta	
3 - Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Outros: Panorama		
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil		<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior		<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input checked="" type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
		<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:									
<input type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input checked="" type="checkbox"/> Preservação			
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos				
7. Número de fontes consultadas									
Não há fontes consultadas.									
8. Identificação de cada fonte									
Não há fontes consultadas									
9. Categoria de cada fonte									
Não há fontes consultadas									
10. Aspectos notados na fala de cada fonte									
Não há fontes consultadas									
11. Frases que denotam enquadramentos									
- Toda vez que cai uma nevasca muito forte nos Estados Unidos, acontecem duas coisas: a previsão da marmota									

do tempo é esperada com mais ansiedade e Al Gore é ridicularizado. (p. 47)					
- Se ele vir a própria sombra e voltar para o calor do lar temporário, o inverno vai durar mais um mês e meio. (p. 47)					
- Porque faça chuva, sol, frio de rachar ou uma histórica tempestade de nevo como a de quarta-feira passada, é tudo parte do aquecimento global (p. 47)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Questão climática, aquecimento global, inverno					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Nota de abertura da seção Panorama					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input checked="" type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – autoridade norte-americana segurando a marmota					
17. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – curiosidade					
18. Observações sobre a matéria:					
Nota ou notícia, única matéria pequena das consultadas.					

Codificador 004									
Revista Veja			Data: 9 de Fevereiro de 2011						
Pág.: 110 e 111			Título da matéria: A fera das Américas				Nº: 6		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim						
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia			<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input checked="" type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espectáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input checked="" type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros		
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior	<input checked="" type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania							
5. Conotação da mensagem:									
<input type="checkbox"/> Desastre			<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> preservação		
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente			<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas									
5									
8. Identificação de cada fonte									

1- Livro “Jaguar: o Rei das Américas” 2- Leandro Silveira, presidente do Instituto Onça-Pintada 3- Howard Quigley, um dos diretores da ONG Panthera (norte-americana) 4- Sandra Cavalcanti, ONG Instituto Pró-Carnívoro 5- Evaristo de Miranda, livro “Jaguar: o Rei das Américas”					
9. Categoria de cada fonte					
1 Secundária, Referência, Passiva, Identificada, Confiável 2 Primária, Institucional, Ativa, Identificada, Confiável 3 Primária, Institucional, Ativa, Identificada, Confiável 4 Primária, Institucional, Ativa, Identificada, Confiável 5 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
1 – Usado como fonte científica das informações 2 – Crítica 4 – Informativo 5 – Informativo					
11. Frases que denotam enquadramentos					
Nem mesmo os domadores dos circos mambembes, que levavam leões e tigres para o picadeiro, ousavam tentar subjugar uma onça-pintada. Seria legítimo se o título de rei dos animais fosse transferido do leão para ela. – p. 111 Isso não faz sentido. A onça-pintada é o maior predador das Américas. – p. 111 Se hoje as pessoas pouco se interessam pela onça-pintada, no passado não havia no continente animal mais idolatrado do que ela. – p. 111 O reinado da onça-pintada está ameaçado. – p. 111					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Preservação das espécies; tráfico de animais.					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
A editoria Ambiente foi aberta dentro da editoria Geral somente para esta reportagem.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input checked="" type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Foto de duas onças-pintadas 2 – Infográfico com fotos mostrando diferenças entre onça-pintada e leão					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1- Animal selvagem e assustador 2- Aspecto didático e científico					
18. Observações sobre a matéria:					
Grande incidência de fontes institucionais, fato até agora não notado em matérias referentes ao meio ambiente.					

Codificador 005					
Revista Veja		Data: 23 de fevereiro de 2011			
Pág.: 76 a 80		Título da matéria: Luto			Nº: 8
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem	
				<input type="checkbox"/> editorial	
				<input type="checkbox"/> carta	
3 – Seção					
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
				<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> x

carta ao leitor	entrevista	panorama	Brasil	Economia	Internacional		Guia	Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros	
Análise de Texto								
4. Local da pauta (localização):								
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:								
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> Preservação			
6. Conteúdo da mensagem								
<input type="checkbox"/> Clima		<input type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos				
7. Número de fontes consultadas								
14								
8. Identificação de cada fonte								
1 Samuel Guerra e Silva, advogado, vítima das chuvas na serra fluminense								
2 Roberto da Costa Marcello, pedreiro, vítima das chuvas na serra fluminense								
3 Tânia Maria Alves, psiquiatra, coordenadora do ambulatório de luto do Hospital das Clínicas em São Paulo								
4 Maria Helena Franco, psicóloga, coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto da PUC, em São Paulo								
5 livro Sobre a Morte e o Morrer, de Elisabeth Kubler-Ross psiquiatra suíça com atuação nos EUA								
6 Carolina Figueiró Pinto, funcionária pública, vítima das chuvas na serra fluminense								
7 livro The truth about Grief – The Myth of its five stages and the New Science of Loss, da jornalista Americana Ruth Davis Konigsberg								
8 Sérgio Mendonça da Silva, pedreiro, vítima das chuvas na serra fluminense								
9 Ronilda Rosa da Silveira, auxiliar de serviços gerais, vítima das chuvas na serra fluminense								
10 Ketlin, 10 anos, vítima das chuvas na serra fluminense								
11 Roosevelt Cassoria, psicanalista da UNICAMP								
12 Edésio Alves Ramos, dono de uma mercearia em Teresópolis, vítima das chuvas na serra fluminense								
13 Viviane Torlai, psicóloga								
14 Renata Machado, terapeuta da família e especialista em luto								
15 Julie Siri, especialista em luto e uma das responsáveis por prestar assistência aos sobreviventes do furacão Katerina, nos EUA								
9. Categoria de cada fonte								
1 Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável								
2 Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável								
3 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável								
4 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável								
5 Secundária, Referência, Passiva, Identificada, Confiável								
6 Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável								
7 Secundária, Referência, Passiva, Identificada, Confiável								
8 Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável								
9 Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável								
10 Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável								
11 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável								
12 Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável								
13 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável								
14 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável								
15 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável								
10. Aspectos notados na fala de cada fonte								
1 Tristeza e fé								
2 Desespero e desalento								
3 Esclarecimento e conhecimento do tema								
4 Esclarecimento								

5 Livro usado como referência científica sobre o tema					
6 Tristeza e força					
7 Livro usado como referência científica sobre o tema					
8 Choque e tristeza					
9 Tristeza e fé					
10 Susto					
11 Esclarecimento sobre o processo do luto					
12 Choque e tristeza					
13 Explicação sobre a vivência de uma situação traumática					
14 Esclarecimento sobre o processo do luto					
15 Esclarecimento sobre o processo do luto					
11. Frases que denotam enquadramentos					
<p>Pode-se imaginar que o choro copioso de Silva é a reação mais comum entre os sobreviventes da tragédia que, em 12 de janeiro, deixou mais de 900 mortos e 400 desaparecidos na Região Serrada no estado do Rio de Janeiro. Não é. É apenas uma delas – e não é nem sequer a única reação que o próprio advogado vem experimentando. – p. 99</p> <p>A notícia confortadora é que a maioria de nós consegue, sim, resistir a essa tempestade; e a notícia nova, e ainda mais esperançosa, é que assim como cada luto é único, cada indivíduo parece também dispor de estratégias próprias para conviver com o luto até que ele amaine. – p. 100</p> <p>O mito cuja derrubada é mais surpreendente, porém, corresponde àquela regra de que o enlutado deve se obrigar a expressar seus sentimentos. – p. 102</p> <p>São muitos os aspectos que influenciam o caminho que o luto vai percorrer. – p. 104</p> <p>O luto, assim, é necessariamente um processo solitário. – p. 105</p> <p>Para o bem e para o mal, os sobreviventes da tragédia fluminense não estão sós em seu luto. – p. 105</p>					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Desastres naturais; chuvas; alterações climáticas; deslizamentos de encostas.					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Foi chamada de seção Especial a que abriga esta reportagem.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 Foto de sobrevivente da tragédia					
2 Foto de sobrevivente da tragédia					
3 Foto de sobrevivente da tragédia					
4 Foto de sobrevivente da tragédia					
5 Foto de sobrevivente da tragédia					
6 Foto de sobrevivente da tragédia					
7 Foto de personagens famosos na história quando em luto					
8 Foto de personagens famosos na história quando em luto					
9 Imagem da deusa grega Ísis em luto pela morte de Osíris					
10 Infográfico sobre o luto em situações de tragédia					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 Tristeza e desalento					
2 Tristeza e saudade					
3 Tristeza e ausência					
4 Tristeza e desalento					
5 Tristeza e choque					
6 Tristeza e ausência					
7 Sobriedade					
8 Tristeza e solenidade					

9 Foto de obra de arte
10 Infográfico construído com textos
18. Observações sobre a matéria:
Reportagem assinada por duas repórteres que utiliza, no entanto, o maior número de fontes dentre as pesquisadas até agora. Os depoimentos testemunhais, em geral, são feitos abaixo das fotos de cada um dos sobreviventes entrevistados. O texto principal parece ter sido reservado principalmente para a fala dos especialistas em luto e teorização sobre as fases deste.

Codificador 006									
Revista Veja			Data: 9 de março 2011						
Pág.: 78 - 85			Título da matéria: Sinais de alerta no sol				Nº: 10		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim						
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia			<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos			<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Outros: Ciência	
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil			<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior			<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África	
			<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania					
5. Conotação da mensagem:									
<input type="checkbox"/> Desastre			<input checked="" type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação			
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos				
7. Número de fontes consultadas									
3									
8. Identificação de cada fonte									
1 Jeffrey Newmark - físico									
2 Enos Picazzio - astrônomo									
3 Joseph Gurman – astrofísico									
9. Categoria de cada fonte									
1 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável									
2 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável									
3 Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável									
10. Aspectos notados na fala de cada fonte									
1 Pessimismo, esclarecimento									
2 Didatismo									
3 Esclarecimento, didatismo									
11. Frases que denotam enquadramentos									
- As onze naves espaciais americanas e europeias que orbitam o Sol para estudá-lo têm registrado nas últimas semanas um espetáculo raro. (p. 78)									
- Desde então, segundo a maioria dos cientistas, tem havido um descasamento das mediações – com a temperatura da Terra subindo ligeiramente, sem o aumento respectivo dos índices de radiação solar. (p. 80)									
- A vida na Terra depende dos humores do Sol, e eles acabam de entrar na fase de extrema irritabilidade que os astrônomos classificam como “alta atividade”. (p. 80)									
- As explosões solares registradas pelas naves encarregadas de vigiar o astro estão especialmente violentas nas									

últimas semanas. (p. 80)					
- Eles vão por a prova as defesas naturais do planeta Terra, que já enfrentou anteriormente explosões de fúria semelhantes vindas da estrela a que deve a vida – e que, eventualmente, vai decretar sua morte biológica. (p. 81)					
- Em contrapartida, com a tecnologia atual, conseguimos monitorar melhor o Sol e prever com exatidão quando os ventos solares chegarão à Terra. (p. 81)					
- Sabemos que a vida depende do Sol, mas também em 5 bilhões de anos ele se tornará uma estrela imensa e quente e que, se ainda houver vida na Terra, ela será extinta. (p. 83)					
- Observar o sol é tudo o que os cientistas podem fazer. (p. 85)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Sol, clima, preservação do meio ambiente					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
A cartola Ciência é aberta dentro da editoria Geral					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local: Japão					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania	<input checked="" type="checkbox"/> Outros Espaço		
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Foto de proeminências solares					
2 – Foto da seca					
3 – Foto do campo magnético do sol					
4 – Infográfico sobre o sol, seu tamanho, relação com a galáxia e funcionamento do astro.					
5 – Foto das manchas gigantes no sol					
6 – Infográfico sobre a história da observação do sol e do espaço ao longo dos séculos.					
17. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1– Alarme					
2– Fome					
3– Beleza					
4– Didatismo					
5 – Curiosidade					
6 – Esclarecimento					
18. Observações sobre a matéria:					
De todas as matérias estudadas sobre clima e meio ambiente, esta é a que tem o maior caráter científico.					

Codificador 007					
Revista Veja		Data:9 de março de 2011			
Pág.: 72 - 73		Título da matéria: Os cabeças-sujas e seu mundinho			Nº: 10
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> editorial
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input checked="" type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia
				<input type="checkbox"/> Ambiente	<input type="checkbox"/> Outros
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização): Rio de Janeiro					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	América do Sul	América Central	América do Norte	Europa	África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Desastre	<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Descoberta	preservação		<input type="checkbox"/> Denúncia
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima	<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas					
3					
8. Identificação de cada fonte					
1 – Marco Antonio Villa, historiador					
2 – Sergio Besserman, economista					
3 – Roberto Romano, filósofo					
9. Categoria de cada fonte					
1 – Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável					
2 – Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável					
3 – Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
- Crítica					
- Crítica					
- Esclarecedora					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- O <i>zeitgeist</i> , o espírito do nosso tempo, pode não impedir, mas, pelo menos, não impede mais ninguém com algum grau de conexão com o atual estágio civilizatório da humanidade a se livrar de detritos em lugares públicos sem que isso tenha um peso, uma consequência. (p. 72)					
- É um ato que contraria a ideia tão prevalente da sustentabilidade do planeta e da preciosidade que são os mananciais de água limpa, as porções de terra não contaminadas e as golfadas de ar puro. (p. 72)					
- O flagrante descaso com o bem público tem suas raízes fincadas na história desde os tempos do Brasil colônia. (p. 72)					
- Existe uma relação direta entre o nível de educação de um povo e a maneira como ele lida com o seu lixo. (p. 73)					
- Os cariocas figuram entre os mais mal educados – espantosos 40% do lixo acumulado na cidade são retirados de praças, calçadas e praias. (p. 73)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Lixo, Preservação Ambiental, Sustentabilidade					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
A reportagem recebe a cartola Ideias, dentro da seção Geral. E consta do índice principal da revista.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto	<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico	<input checked="" type="checkbox"/> Ambos			
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Infográfico sobre o lixo					
2 – Praia suja					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Denúncia de descaso da população com o lixo					
2 - Evidência das declarações feitas na matéria					
18. Observações sobre a matéria:					
Assinada por uma repórter.					

Parece ter optado somente por fontes especializadas.
Parece ter como ponto central o índice de lixo produzido nas praias cariocas no mês de janeiro.

Codificador 008									
Revista Veja			Data: 16 de março de 2011						
Pág.: 80			Título da matéria: Terremoto...Tsunami...e o Choque				Nº: 11		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim						
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia			<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 - Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input checked="" type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos			<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros	
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil			<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior			<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África	
			<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania					
5. Conotação da mensagem:									
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre			<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> Preservação		
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos				
7. Número de fontes consultadas									
5									
8. Identificação de cada fonte									
1 - Edison Mineki, produtor cultural, 49 anos (destaque)									
2 - Erika Tamura, comerciante, 29 anos (destaque)									
3 - Dalton Hasegawa, diretor de arte em Tóquio (brasileiro)									
4 - Reinaldo Masikina, comerciante, 29 anos (destaque)									
5 - José Manuel Diaz Francisco, coordenador de comunicação e segurança da Eletronuclear no Rio de Janeiro (Box)									
9. Categoria de cada fonte									
1 - Testemunhal, primária, ativa, identificada, confiável									
2 - Testemunhal, primária, ativa, identificada, confiável									
3 - Testemunhal, primária, ativa, identificada, confiável									
4 - Testemunhal, primária, ativa, identificada, confiável									
5 - Especializada, secundária, ativa, identificada, confiável									
10. Aspectos notados na fala de cada fonte									
1 - Tranquilidade									
2 - Surpresa									
3 - Admiração									
4 - Preocupação com o futuro									
5 - Capacidade de observação									
11. Frases que denotam enquadramentos									
"O Japão está sempre à espera de uma tragédia." (p. 85)									
"Foi uma tragédia colossal, mas poderia ter sido muito pior. Qualquer outro país populoso que enfrentasse um desastre desta magnitude contaria seus mortos em dezenas de milhares." (p 87)									
"Nas ruas, a notória impassibilidade dos japoneses diante de momentos difíceis chegou a espantar os estrangeiros." (p. 90)									
"A luta para reconstruir áreas atingidas pelo desastre natural vai dar ao Japão a oportunidade de testar uma teoria									

que há décadas divide os economistas: a de que os esforços de guerra com os gastos que eles exigem e os simultâneos alívios fiscais dados à produção são forças motrizes capazes de recuperar economias estagnadas.” (p. 91)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Tsunami; Terremotos; Preparativos estruturais de uma nação contra catástrofes ambientais					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Capa					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Parlamento Japonês (duas páginas)					
2 – Casas engolidas pelas ondas em Sendai (duas páginas)					
3- Boneco fonte consultada (3x3,5 cm)					
4 – Casal em loja enquanto teto desaba (1,5 página)					
5 – Foto de mãe e filha para ilustrar depoimento (5,5cmx4cm)					
6 – Infográfico, mapas do Japão com marcações em relação à tragédia e Box explicativos (1,5 página)					
7 – Foto de mãe e filho abaixados na rua durante um tremor secundário (11,5x16,5cm)					
8 – Foto da população reunida após a tragédia (12x9,5cm)					
9 – Senhoras sentadas na calçada com cobertor após a tragédia (19x10cm)					
10 – Pessoas pulando rachaduras no asfalto causadas pelo tremor (14x15,5cm)					
11 – Aeroporto invadido por ondas do tsunami (13x25cm)					
12 - Boneco fonte consultada (3x3,5 cm)					
13 – Usina nuclear com risco de vazamento após o <u>tremor</u> (17x10,5 cm)					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Espanto					
2 – Desastre					
3 – Valor ilustrativo					
4 – Medo					
5 – Alegria					
6 – gráfico					
7 – Medo					
8 – Perda					
9 – Espera					
10 – Curiosidade					
11 – Desastre					
12 – Valor ilustrativo					
13 – Valor ilustrativo					
18. Observações sobre a matéria:					
<ul style="list-style-type: none"> • A reportagem é assinada por uma equipe de 12 repórteres o que parece demonstrar o caráter complexo desta apuração. • A reportagem usa poucas fontes se relacionarmos ao seu tamanho. São cinco fontes citadas em 11 páginas de reportagem. • Três das cinco fontes citadas são mostradas em destaque, fora do corpo do texto principal da reportagem. • As fotos e ilustrações cumprem papel de protagonistas na matéria. • As legendas complementam as citações das fontes descrevendo cenas relacionadas à tragédia. 					

Codificador 009	
Revista Veja	Data: 27 de março de 2011

Pág.: 82 a 85		Título da matéria: Um inverno nuclear			Nº: 12	
1 - Presença de ilustrações e explicações						
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim				
2 - Gênero (selecionar um predominante):						
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial
3 – Seção						
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral
						<input type="checkbox"/> Guia
						<input checked="" type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros
Análise de Texto						
4. Local da pauta (localização):						
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania				
5. Conotação da mensagem:						
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação		
6. Conteúdo da mensagem						
<input type="checkbox"/> Clima		<input type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input checked="" type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas						
1						
8. Identificação de cada fonte						
1-Joice Sudo, funcionária de um restaurante no Japão						
9. Categoria de cada fonte						
1- Primária, Testemunhal, Ativa, Identificada, Confiável						
10. Aspectos notados na fala de cada fonte						
1- Preocupação, incerteza sobre o futuro						
11. Frases que denotam enquadramentos						
“A semana terminou com a situação parcialmente controlada, mas é inescapável a conclusão de que jamais será a mesma a relação da humanidade com a energia gerada pela fissão dos átomos”. – p. 82						
“No dia em que um deles sofreu uma explosão, a radiação chegou a Tóquio, a capital do país, em um nível vinte vezes maior do que o normal”. – p. 85						
“Ou seja, os técnicos japoneses passaram a semana toda lutando para evitar o derretimento do núcleo dos reatores e a liberação de uma grande quantidade de partículas radioativas – uma catástrofe de proporções inimagináveis”. – p. 85						
“Uma das metrópoles mais populosas do mundo adquiriu as feições de uma cidade-fantasma. Tóquio está literalmente às sombras.” – p. 85						
“Mas a notícia de que o governo dos Estados Unidos fretara aviões para tirar militares e suas famílias do arquipélago devido aos altos níveis de radiação balançou a fleuma da população mais disciplinada do planeta”. – p. 85						
12. Assuntos de meio ambiente abordados						
Desastre nuclear; clima						
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista						
É uma das reportagens de uma seção especial criada para explicar a situação da “crise radioativa no Japão”						
Análise da Imagem						
14. Tipo						
<input checked="" type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico			<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:						
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África

<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania		
16. Elenco de fotos e ilustrações:			
1 – Foto das operações de resgate de vítimas do Tsunami;			
2 – Foto do aeroporto lotado pela saída de pessoas de Tóquio;			
3 – Crianças japonesas na fila do aeroporto com máscaras para protege-las da radiação;			
4 - Brasileira que mora em Tóquio;			
5 - Tóquio à meia luz por conta do racionamento de energia elétrica;			
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:			
1- Desastre;			
2- Pânico;			
3- Espera;			
4-Personagem, sobriedade;			
5-Situação atípica.			
18. Observações sobre a matéria:			
A fonte testemunhal – que é a única citada na reportagem – não aparece no texto principal. Sua descrição bem como citação aparece na legenda da foto desta. Pode-se perceber que talvez esteja aí um elemento para atrair a atenção do leitor para o texto principal.			

Codificador 010									
Revista Veja					Data: 23 de março de 2011				
Pág.: 87 a 94					Título da matéria: O medo de volta 66 anos depois			Nº: 12	
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim							
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia			<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial		<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input checked="" type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espectáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros		
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil		<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior		<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África	
		<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:									
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre			<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> Preservação		
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input type="checkbox"/> Meio Ambiente			<input checked="" type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas									
3									
8. Identificação de cada fonte									
1 – Michael Golay, engenheiro nuclear do Massachusetts Institute of Technology									
2 – Luiz Pinguelli Rosa, engenheiro nuclear da Universidade Federal do Rio de Janeiro									
3 – M.V.Ramana, físico nuclear indiano da Universidade de Princeton (EUA)									
9. Categoria de cada fonte									
1 – Primária, especializada, ativa, identificada, confiável									
2 - Primária, especializada, ativa, identificada, confiável									
3 - Primária, especializada, ativa, identificada, confiável									
10. Aspectos notados na fala de cada fonte									
1- Esclarecimento, desmentido;									
2- Didático;									
3- Perspectiva futura.									

11. Frases que denotam enquadramentos					
Aplacada a fúria da natureza, a força descomunal do átomo é libertada pelo engenho humano passou a ser a ameaça maior e mais insidiosa, por invisível, incolor e inodora. – p. 87					
A era nuclear inaugurada em Hiroshima e Nagasaki, parecia ter encontrado seu fim acidental em Fukushima – p. 89					
O horroroso acidente em Chernobyl, na União Soviética, em 1986, entrará na conta do conhecido descaso com que as questões de segurança pessoal eram tratadas atrás da Cortina de Ferro. - p. 89					
Se nem os japoneses são capazes de operar reatores a prova de vazamentos, ninguém mais será. Essa era a lógica dominante no mundo na semana passada. – p. 91					
A ideia de que, se não é seguro para o Japão, não o é em parte alguma, no entanto não se sustenta por duas razões. – p. 91					
Também houve descuidos na Usina de Fukushima que poderiam ter sido facilmente evitados. – p. 93					
Quando nada mais parecia funcionar para resfriar os reatores, resolveu-se tomar medidas que, por serem improvisadas, indicavam desespero. – p. 93					
Se nada der certo, o material no interior dos reatores pode continuar o processo de fissão durante séculos – e Fukushima se tornaria uma tragédia tão grande ou ainda maior do que Chernobyl – p. 93 e 94					
A energia nuclear só é mais cara para ser produzida do que a térmica e a biomassa (etanol, por exemplo). Isso significa que ela é necessária. – p. 94					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Vazamento nuclear; energias limpas; energia nuclear					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
A reportagem é parte do todo de uma seção Especial lançada pela revista para explicar este acidente nuclear no Japão.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1- Foto de medição de radioatividade sendo realizada por técnico em criança no colo da mãe;					
2- Infográfico com fotos trazendo a explicação do que foi o acidente;					
3- Continuação do Infográfico da página anterior mostrando como a radioatividade pode ser medida nas pessoas expostas, bem como, quais são as medidas que podem ser tomadas após a exposição.					
4- Infográfico com foto alando sobre a presença de usinas nucleares na Europa e suas características;					
5- Infográfico mostrando os países mais dependentes de energia nuclear;					
6- Foto de painéis solares instalados na Espanha.					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Perigo à população;					
2- Esclarecimento do que houve;					
3- Esclarecimento do que pode ocorrer com a população;					
4- Panorama da situação mundial;					
5- Panorama da situação mundial;					
6- Alternativas à energia nuclear					
18. Observações sobre a matéria:					
Enquanto à reportagem anterior componente desta seção Especial dizia respeito à situação da população no local do Acidente, esta reportagem dizia mais respeito à questão técnica do acidente. Este parece ser o motivo pelo qual, utiliza experts como fontes.					

Revista Veja	Data: 16 de março 2011				
Pág.: 92 - 93	Título da matéria: Técnica para evitar o pior			Nº: 11	
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não	<input checked="" type="checkbox"/> Sim				
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota	<input type="checkbox"/> notícia	<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia
					<input checked="" type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input type="checkbox"/> Ambiente	<input type="checkbox"/> Outros
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização):					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
5. Conotação da mensagem:					
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação	
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima		<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input type="checkbox"/> Ambos	
7. Número de fontes consultadas					
Não houve fontes consultadas na matéria					
8. Identificação de cada fonte					
Não se aplica.					
9. Categoria de cada fonte					
Não se aplica.					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
Não se aplica.					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- Como não podem evitar os desastres naturais, os japoneses investem enormes somas para que causem o menos número possível de vítimas (p. 92)					
- Mas às vezes a fúria da natureza não pode ser detida pelo engenho humano (p. 92)					
- O treinamento da população japonesa para se proteger dos efeitos de terremotos e tsunamis é intenso e constante. (p. 92)					
- São providências indispensáveis para um povo que conhece de perto os humores da natureza (p. 93)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Reestruturação; terremoto; tsunami; edifícios.					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
A matéria faz parte da editoria especial criada para abordar o terremoto e tsunami no Japão.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local: Japão					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1- Infográfico (infográfico para explicar como se dá o alerta do terremoto) – p 92					
2- Foto de aeroporto alagado – p. 93					

3- Prédio com sistema de pêndulo – p. 93
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:
1 – didatismo 1 – destruição 2 - desenvolvimento
18. Observações sobre a matéria:
A matéria fala da capacidade tecnológica do país em enfrentar fenômenos naturais. Nesta abordagem, em que aspectos científicos e técnicos são mais destacados, se vê a ausência de fontes, não identificação de onde as fontes informativas estão.

Codificador 012					
Revista Veja	Data: 16 de março 2011				
Pág.: 94 – 95	Título da matéria: Quando Deus tremeu			Nº: 11	
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não	<input checked="" type="checkbox"/> Sim				
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota	<input type="checkbox"/> notícia	<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos	<input type="checkbox"/> Veja.Com	<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros _____	
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização):					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte		<input checked="" type="checkbox"/> Europa
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			<input type="checkbox"/> África
5. Conotação da mensagem:					
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre	<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação		
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima	<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input type="checkbox"/> Ambos		
7. Número de fontes consultadas					
1					
8. Identificação de cada fonte					
1 – O romance satírico <i>Cândido, ou o Otimismo</i>					
9. Categoria de cada fonte					
1 – Secundária, Referência, Passiva, Identificada, Confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
1 - Ironia.					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- Dois terremotos encontraram intersecções em Lisboa, no dia 1 de novembro de 1755. Um geológico e outro filosófico. (p. 94)					
- O terremoto filosófico, com epicentro na França, já vinha sacudindo a Europa desde o início do século XVIII – e tão forte se revelou que acabaria por lhe emprestar o nome de Século das Luzes. (p. 94)					
- Assim como outros iluministas, esse riacho raso enxergou no tremor de Lisboa e seu tsunami uma oportunidade para demonstrar a irracionalidade religiosa – como perder a coincidência do abalo com o Feriado de Todos os Santos? (p. 95)					
- Dois séculos e meio depois do terremoto na Europa, diante de catástrofes como a que nocauteou o Japão, a maioria das pessoas talvez já não acredite que vivemos no melhor dos mundos ou universos. (p. 95)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					

Terremoto; Tsunami					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Matéria parte de uma edição especial sobre o terremoto e o tsunami do Japão.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		x Ambos	
15. Local: Japão					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	x Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Quadro que apresenta o terremoto ocorrido em Lisboa em 1755					
2 – Pintura de Voltaire					
17. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Confusão e destruição					
2 – Ironia e classicismo					
18. Observações sobre a matéria:					
Trata-se da única matéria histórica estudada em nossa amostragem. Traz referência literária como fonte.					

Codificador 013									
Revista Veja			Data: 16 de março 2011						
Pág.: 96			Título da matéria: O Impacto no PIB				Nº: 11		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não			x Sim						
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia			x reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	x Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros _____		
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
	x Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania							
5. Conotação da mensagem:									
x Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação					
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			x Meio Ambiente		<input type="checkbox"/> Ambos				
7. Número de fontes consultadas									
1.									
8. Identificação de cada fonte									
1 – Carlos Eduardo Soares Gonçalves, economista da USP									
9. Categoria de cada fonte									
1 – Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável									
10. Aspectos notados na fala de cada fonte									
1 - Pragmatismo									

11. Frases que denotam enquadramentos					
- O desastre pega a economia japonesa, a terceira maior do planeta, em um momento delicado. (p. 96)					
- São efeitos que abalarão uma economia que tem nas exportações o seu principal motor. (p. 96)					
- Ainda não há estimativas oficiais para o novo desastre, mas especula-se que apenas as seguradoras deverão enfrentar uma despesa de 10 bilhões de dólares. (p. 96)					
- Depois de quatro décadas, o país perdeu o posto de a segunda maior economia do mundo para a China. (p. 96)					
- Para a economia global, o terremoto terá efeitos limitados, segundo especialistas. Isso porque o país deixou de ser um dos motores da economia mundial. (p. 96)					
- Apesar das perdas no curto prazo, no entanto, o potencial econômico futuro do Japão não sai necessariamente abalado. (p. 96)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Terremoto; Tsunami; Economia					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Matéria parte de uma edição especial sobre o terremoto e o tsunami do Japão.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local: Japão					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Porto com carregamento de carros empilhados pelo tsunami					
17. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Caos					
18. Observações sobre a matéria:					
Viés econômico sobre o desastre.					

Codificador 014								
Revista Veja			Data: 23 de março de 2011					
Pág.: 96 e 97			Título da matéria: O sismógrafo dos mercados				Nº: 12	
1 - Presença de ilustrações e explicações								
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim					
2 - Gênero (selecionar um predominante):								
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção								
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input checked="" type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espectáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros	
Análise de Texto								
4. Local da pauta (localização):								
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África	
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:								
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre			<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> Preservação	
6. Conteúdo da mensagem								
<input type="checkbox"/> Clima			<input type="checkbox"/> Meio Ambiente			<input checked="" type="checkbox"/> Ambos		

7. Número de fontes consultadas					
1					
8. Identificação de cada fonte					
1 – Luiz Carlos Prado, professor de Economia da UFRJ					
9. Categoria de cada fonte					
1 – Primária, Especializada, Ativa, Identificada, Confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
Tom explicativo sobre o movimento econômico decorrente do desastre nuclear.					
11. Frases que denotam enquadramentos					
Os investidores agora lidam com um novo foco de atenção, causado pelo desastre no Japão. – p. 96 O risco de uma catástrofe nuclear eleva mais o grau de insegurança a respeito de qual será a extensão do impacto econômico da tragédia. – 96 e 97 Os efeitos não se restringem ao Japão. – p. 97 É ao sabor dessas notícias, paralelamente aos conflitos incessantes no Oriente Médio, que os investidores buscam antecipar reações e lançam suas apostas. – p. 97 O aspecto mais paradoxal na reação dos mercados foi verificado na cotação do iene. – p. 97 O episódio lembrou os dias que se seguiram ao terremoto de Kobe, quando a repatriação de recursos e a alta do iene contribuíram para desencadear a crise de 1997 nos países do Sudeste Asiático. – p. 97					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Vazamento nuclear, energia nuclear					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Reportagem é parte de uma seção Especial elaborada por Veja para explicar o desastre nuclear no Japão.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1- Infográfico com foto para mostrar o efeito econômico da crise nuclear no Japão sobre as bolsas de valores 2- Infográfico mostrando a situação do câmbio do Iene mediante a crise.					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Comprovação do que afirma o texto 2 – Comprovação do que afirma o texto					
18. Observações sobre a matéria:					
Dentro do Especial de reportagens sobre o desastre nuclear no Japão, esta reportagem traz o aporte econômico do que ocorre no globo por conta desta problemática.					

Codificador 015					
Revista Veja		Data: 30 de março de 2011			
Pág.: 100		Título da matéria: Adeus, amiguinho			Nº: 13
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> editorial
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input checked="" type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia
				<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input checked="" type="checkbox"/> Ambiente	<input type="checkbox"/> Outros
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização):					

Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input checked="" type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Desastre	<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Descoberta	<input checked="" type="checkbox"/> Preservação		
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima	<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas					
Nenhuma					
8. Identificação de cada fonte					
Não se aplica à reportagem					
9. Categoria de cada fonte					
Não se aplica à reportagem					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
Não se aplica à reportagem					
11. Frases que denotam enquadramentos					
Há quatro anos, quando o zoológico de Berlim apresentou ao público uma atração recém-anexada á sua coleção de animais, o mundo assistiu ao nascimento de um astro. – p. 100					
A estrela de Knut brilhou durante quatro anos e se apagou no sábado, dia 19, quando ele morreu diante de uma plateia estarecida no zoológico de Berlim. – p. 100					
A morte de Knut foi precoce. – p. 100					
Tanto a vida de Knut, no papel de celebridade, quanto sua morte reacenderam o debate sobre a legitimidade dos zoológicos em tempos de crescentes preocupações ambientalistas. – p. 100					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Preservação.					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
A subseção de Ambiente foi aberta dentro da editoria Geral para abranger somente esta reportagem.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto	<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico	<input type="checkbox"/> Ambos			
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input checked="" type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1- Foto de Knut, o urso polar de que trata a matéria					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Carisma do personagem.					
18. Observações sobre a matéria:					
Não foram evidenciadas as fontes consultadas pela reportagem.					

Codificador 016					
Revista Veja	Data: 30 de março de 2011				
Pág.: 84 - 87	Título da matéria: A vida depois do Tsunami			Nº: 13	
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não	<input checked="" type="checkbox"/> Sim				
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota	<input type="checkbox"/> notícia	<input checked="" type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta	

3 – Seção								
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input checked="" type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros	
Análise de Texto								
4. Local da pauta (localização): Alemanha								
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África	
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:								
<input checked="" type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação				
6. Conteúdo da mensagem								
<input type="checkbox"/> Clima			<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas								
4								
8. Identificação de cada fonte								
1 – Takahiro Kusuvara, empresário sobrevivente do Tsunami na cidade de Minami-sanriku								
2 – Tomoiuki Murakami, membro da polícia local de Ishinomaki								
3 - Banco Mundial								
4 – Naoto Kan, primeiro ministro do Japão								
5 – David Edgington, professor da Universidade de Edimburgo								
9. Categoria de cada fonte								
1- Primária; Testemunhal; Ativa; Identificada; Confiável								
2- Primária; Oficial; Ativa; Identificada; Confiável								
3- Secundária; Institucional; Passiva; Identificada; Confiável								
4- Secundária; Oficial; Passiva; Identificada; Confiável								
5- Primária; especializada; ativa; identificada; Confiável								
10. Aspectos notados na fala de cada fonte								
1 - Otimismo								
2 - Insegurança quanto ao futuro								
3 - autoridade								
4 - Realismo								
5 - Espírito analítico								
11. Frases que denotam enquadramentos								
Não é fácil entender de onde Kusuvara tira razões para o otimismo. (p. 85)								
Duas semanas depois da tragédia, o cenário na região ainda é de completa devastação. (p. 85)								
Nas cidades que VEJA visitou, soldados das forças de defesa do país estão por todo canto. (p. 86)								
Em cada um, colado no vidro, havia um cartaz da prefeitura pedindo ao proprietário que viesse retirá-lo o mais rápido possível. (p. 86)								
Ver tanta destruição provoca dois sentimentos inevitáveis – de consternação e de descrença. (p. 86)								
Não há evidência melhor da resiliência japonesa do que vê-las se levantar às 7 da manhã para esticar os braços e alongar (p. 87)								
12. Assuntos de meio ambiente abordados								
Tsunami, reconstrução, terremoto, lixo								
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista								
Alocada sob a cartola Internacional ao contrário da matéria da semana anterior para a qual esta dá continuidade, que ganhou uma cartola especial.								
Análise da Imagem								
14. Tipo								
<input checked="" type="checkbox"/> Foto			<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico			<input type="checkbox"/> Ambos		
15. Local: Japão								
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	

Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 - Sobreviventes fazem exercício físico em abrigo na cidade de Rikuzen-takata (p. 84)					
2- Sobrevivente limpa diariamente os escombros do terreno onde estava prédio que era sua empresa (p. 86)					
3 – Transmissão de energia elétrica é reconstruída (p. 87)					
4 – Ofurô móvel foi instalado no abrigo para os desabrigados da cidade de Ofunato e Rikuzen-takata (p. 87)					
5 – Casas pré-moldadas para os desabrigados são construídas em Komaishi e Rikuzen-takata (p. 87)					
17. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1– Esperança e disciplina					
2 – Otimismo					
3 – Esforço de reconstrução					
4– Atenção do Estado à população					
5 - Atenção do Estado à população e recuperação					
18. Observações sobre a matéria:					
Matéria assinada por uma correspondente que escreve, do Japão, para <i>Veja</i> .					

Codificador 017					
Revista Veja		Data: 13 de abril de 2011			
Pág.: 108 - 109		Título da matéria: Uma Safra de Plástico Verde		Nº: 15	
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> editorial
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input checked="" type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia
					<input type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input type="checkbox"/> Ambiente	<input type="checkbox"/> Outros _____
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização): Brasil					
Brasil		<input checked="" type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Centro-oeste	<input checked="" type="checkbox"/> Norte
Exterior		<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa
		<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania		
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Desastre		<input checked="" type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Descoberta	<input type="checkbox"/> Preservação	<input type="checkbox"/> Denúncia
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima		<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input type="checkbox"/> Ambos		
7. Número de fontes consultadas					
1					
8. Identificação de cada fonte					
Mario Lindenhayn, presidente no Brasil da					
9. Categoria de cada fonte					
Primária, institucional, ativa, identificada, confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
- Tecnologia - benefícios					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- “As novas tecnologias oferecem uma série de oportunidade de aplicação”, afirma Mario Lindenhayn, presidente no Brasil da divisão para BP para biocombustível. (109)					
- “Nos países ricos, os consumidores não se importam de pagar um pouco mais caro para comprar um produto					

que tenha o selo verde” (109)					
- “O Brasil sai na frente mais uma vez ao oferecer uma alternativa eficiente aos derivados do petróleo” (p. 109)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Reciclagem, garrafas PET					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Abriu-se a editoria Negócios na seção Geral especialmente para este tema.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 Foto fábrica do produto					
2 – Ilustração cana de açúcar					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Progreso e trabalho					
2 – Orgulho nacional					
18. Observações sobre a matéria:					
Escrito por uma pessoa					
Duas páginas e somente uma fonte					

Codificador 018					
Revista Veja		Data:4 de maio de 2011			
Pág.: 144-145		Título da matéria: Um mar em busca de água			Nº: 18
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem	
				<input type="checkbox"/> editorial	
				<input type="checkbox"/> carta	
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input checked="" type="checkbox"/> Geral	
				<input type="checkbox"/> Guia	
				<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input type="checkbox"/> Ambiente	
				<input type="checkbox"/> Outros _____	
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização): Mar Morto, entre Israel e Jordânia					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> preservação	
				<input type="checkbox"/> Denúncia	
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima		<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente		<input type="checkbox"/> Ambos	
7. Número de fontes consultadas					
1					
8. Identificação de cada fonte					
1 – Eli Raz, da consultoria Geology & Environmental Consultation					
9. Categoria de cada fonte					

Primária, institucional, ativa, identificada, confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
- Esclarecimento					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- A diminuição do Mar Morto já suscitou vários projetos para salvá-lo. (144)					
- Além dessa vantagens, o canal traria um benefício econômico adicional: a força da água serviria para a construção de hidrelétricas, gerando energia para a região (144)					
- Agora, com a possibilidade de também salvar o Mar Morto, o projeto se torna duplamente atrativo. (p. 145)					
- No ano passado, ficou claro, porém, que a solução do Mar Vermelho é a que provavelmente vai vingar. (p. 145)					
O declínio das águas do Mar Morto não impede que o turismo floresça em muitos trechos de seu litoral. (p. 145)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Preservação ambiental, Soluções em tecnologia para o meio ambiente					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
A reportagem recebe a cartola Ambiente, dentro da seção Geral. E consta do índice principal da revista.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input checked="" type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 – Turista no Mar Morto					
2 – Recuo do Mar Morto					
3 – Infográfico mapa do Mar Morto					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Polo turístico					
2 – Preocupação ambiental					
3 – Explicação da solução encontrada					
18. Observações sobre a matéria:					
Escrito por uma pessoa Duas páginas e somente uma fonte A matéria parece ter nascido da solução tecnológica encontrada para o Mar Morto – de ligação com o Mar Vermelho – e a partir daí a revista decide abordar a questão ambiental presente naquela comunidade.					

Codificador 019									
Revista Veja			Data: 11 de maio de 2011						
Pág.: 122			Título da matéria: A Herança do MST na Bahia				Nº: 19		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim						
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia			<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input checked="" type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos			<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros _____	
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização): Sul da Bahia									
Brasil			<input type="checkbox"/> Sul	<input checked="" type="checkbox"/> X	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	

		Sudeste			
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Desastre	<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação		<input checked="" type="checkbox"/> Denúncia
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima	<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas					
3					
8. Identificação de cada fonte					
1 – Polícia Militar da Bahia 2 – Major da Polícia Miliar, Ivanildo da Silva 3 – Morador local, Robson dos Santos Lima					
9. Categoria de cada fonte					
1 - Secundária, oficial, ativa, identificada, confiável 2 – Primária, oficial, ativa, identificada, confiável 3 – Primária, testemunhal, ativa, identificada, confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
1- Autoridade. 2- Existência de perigo 3 – Tom de indiferença quanto ao ato ilegal					
11. Frases que denotam enquadramentos					
Até o fim da década passada, essas três indústrias sofreram duas dezenas de ataques do MST, que destruíram propriedades e devastaram as lavouras de eucalipto. (p. 122) A cadeia da bandidagem é complexa. (p. 122) Além de lançarem no ar uma quantidade de monóxido de carbono equivalente a quatro meses de emissões da frota baiana de veículos, os criminosos impedem que as empresas explorem a madeira de maneira sustentável na fabricação de celulose. (p. 122)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Desmatamento, poluição do ar, sustentabilidade					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Consta no índice da edição, como matéria da seção Geral, subseção Crime					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto	<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico	<input type="checkbox"/> Ambos			
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input checked="" type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1- Vista aérea de fazenda que sofre com o roubo de eucaliptos 2- Morador local, indicado como um dos praticantes do roubo de eucaliptos					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
Denúncia					
18. Observações sobre a matéria:					
Matéria assinada por um repórter. Traz foto de uma das pessoas que a matéria parece apontar como vilões em relação ao fato ocorrido.					

Codificador 020										
Revista Veja			Data: 18 de maio de 2011							
Pág.: 78-80			Título da matéria: Preserve-se o bom senso					Nº: 20		
1 - Presença de ilustrações e explicações										
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim							
2 - Gênero (selecionar um predominante):										
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem			<input type="checkbox"/> editorial		<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção										
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input checked="" type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial		
<input type="checkbox"/> Artes Espectáculos			<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros		
Análise de Texto										
4. Local da pauta (localização):										
Brasil			<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior			<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África	
			<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:										
<input type="checkbox"/> Desastre			<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> preservação			
6. Conteúdo da mensagem										
<input type="checkbox"/> Clima			<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente			<input type="checkbox"/> Ambos				
7. Número de fontes consultadas										
0										
8. Identificação de cada fonte										
Não há fontes consultadas										
9. Categoria de cada fonte										
Não se aplica										
10. Aspectos notados na fala de cada fonte										
Não se aplica										
11. Frases que denotam enquadramentos										
O Brasil tem a legislação ambiental mais rigorosa do planeta – p. 78										
Mas esse aparato só funciona no papel – p. 78										
O deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP) dedicou-se por dois anos a corrigir essas distorções. – p. 78										
O projeto que os deputados deveriam ter votado é a primeira iniciativa coerente de modernização das leis ambientais. – p. 78										
A legislação de 1998 jogou na ilegalidade culturas tradicionais no país. – p. 78										
O texto de Rebelo proíbe novos desmatamentos nessas áreas, mas isenta os pequenos produtores da obrigação de reflorestar. - p. 78										
A tendência é que essas mudanças sejam aprovadas tão logo cheguem ao plenário da Câmara. – p. 80										
Mesmo com as alterações, o Brasil continuará a ter a legislação mais rigorosa do mundo. – p. 80										
A capitulação do Executivo fraturou a base governista. – p. 80										
12. Assuntos de meio ambiente abordados										
Código florestal; preservação ambiental; conservação das águas; agronegócio										
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista										
A reportagem é a terceira sob a cartola Brasil.										
Análise da Imagem										
14. Tipo										
<input type="checkbox"/> Foto			<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico				<input checked="" type="checkbox"/> Ambos			

15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1. Infográfico informativo sobre o Código Florestal					
2. Foto de protesto do ecologistas em frente ao Congresso Nacional					
3. Foto do Deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP) no plenário					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1- Explicativo do que e novo o código traz					
2- Imagem reforçadora da oposição dos grupos ecologistas ao projeto					
3- Deputado autor da proposta de Novo Código Florestal do qual a matéria fala					
18. Observações sobre a matéria:					
Não há fontes identificadas em toda matéria para as informações transmitidas pelos dois jornalistas que a assinam.					

Codificador 021									
Revista Veja			Data: 18 de maio de 2011						
Pág.: 146 – 147			Título da matéria: Caçadora na pele de ambientalista				Nº: 20		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim						
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia			<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos			<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input checked="" type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros	
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania							
5. Conotação da mensagem:									
<input type="checkbox"/> Desastre			<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Preservação		<input checked="" type="checkbox"/> Denúncia		
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente			<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas									
4									
8. Identificação de cada fonte									
1 - Video <i>In the Tracks of Big Cats</i>									
2 - Rene Siufi, advogado de Beatriz Rondon									
3 - Estrangeiro interessado em Safari									
4 - Diretor de Proteção Ambiental do IBAMA, Luciano Evaristo									
9. Categoria de cada fonte									
1 – Secundária, Referência, Passiva, Identificada, Duvidosa									
2 – Primário, Referência, Passiva, Identificada, Duvidosa									
3 – Secundária, Especializada, Passiva, Sigilosa, Duvidosa									
4 - Primária, Institucional, Ativa, Identificada, Confiável									

10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
1 – Apelo publicitário 2 – Defesa 3 – Diversão 4 – Denúncia					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- Na semana passada, revelou-se que a militância ecológica de Beatriz era uma farsa e que, há pelo menos quinze anos, ela ganhava muito dinheiro permitindo a caça às onças numa fração de sua fazenda que constitui reserva privada natural estadual. (p. 146) - Apesar de proibidos, os safáris de caça às onças são comuns no país. (p. 147).					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Preservação de espécies animas; Florestas					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Abre-se a cartola Ambiente, dentro da editoria Geral para dar espaço ao tema.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 - Foto da pessoa de cuja matéria trata, sra. Beatriz Randon; 2 - Capa do DVD que ela criou para incentivar o safári de caça às onças em sua propriedade; 3 - Foto de itens apreendidos para caça na casa da Sra. Beatriz.					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 – Tranquilidade 2 – Agressividade - Vitória 3 – Conquista					
18. Observações sobre a matéria:					
Matéria assinada por um repórter. Interessante observar que a foto da personagem alvo da denúncia é dela sorrindo com se zombando em sentido da descoberta que se fez a respeito de sua atuação. Também parece interessante que uma única personagem tenha recebido destaque tamanho de duas páginas por <i>Veja</i> .					

Codificador 022					
Revista Veja		Data: 22 de junho de 2011			
Pág.: 21 a 25		Título da matéria: A energia limpa dá lucro			Nº: 22
1 - Presença de ilustrações e explicações					
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim			
2 - Gênero (selecionar um predominante):					
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input type="checkbox"/> reportagem	<input type="checkbox"/> editorial
				<input checked="" type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção					
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input checked="" type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional
				<input type="checkbox"/> Geral	<input type="checkbox"/> Guia
				<input type="checkbox"/> Especial	
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com		<input type="checkbox"/> Ambiente	<input type="checkbox"/> Outros
Análise de Texto					
4. Local da pauta (localização):					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste		<input type="checkbox"/> Norte
					<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input checked="" type="checkbox"/> América do Norte		<input type="checkbox"/> Europa
					<input type="checkbox"/> África

	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
5. Conotação da mensagem:					
<input type="checkbox"/> Desastre	<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Denúncia	preservação		
6. Conteúdo da mensagem					
<input type="checkbox"/> Clima	<input type="checkbox"/> Meio Ambiente	x Ambos			
7. Número de fontes consultadas					
1					
8. Identificação de cada fonte					
Bill Clinton, ex-presidente americano					
9. Categoria de cada fonte					
Primária, individual, ativa, identificada, confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
11. Frases que denotam enquadramentos					
Mais forte candidato ao posto de melhor ex-presidente vivo dos Estados Unidos, Bill Clinton, de 64 anos, descobriu-se, em muitos aspectos, mais realizado agora do que quando ocupou a Casa Branca de 1993 a 2001. (p. 23)					
Elas sabem que o dinheiro delas será usado para fazer coisas que efetivamente mudarão para melhor a vida dos indivíduos e a saúde global do planeta. (p. 23)					
Minha ideia foi juntar filantropos, governos, empresas, líderes políticos mundiais de quem fiquei amigo no governo, caso do seu ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, e montar uma estrutura com menos palavrório, mais ação e comprometimento. (p. 24)					
Os governos podem ser tão eficientes quanto as ONGs, mas é preciso que se movam dentro de bitolas éticas muito rígidas. (p. 24)					
Aprendi que as ações mais eficientes de ajuda são justamente aquelas construídas sobre bases econômicas sadias e com remuneração adequada para todos os envolvidos. (p. 24)					
Mas sem poder político, tudo o que posso fazer agora é tentar convencer e demonstrar com meus projetos que estou certo. (p. 25)					
Vocês são vistos de duas maneiras. (p. 25)					
Eu não tenho o direito de pedir ao Brasil que diminua seu ritmo de crescimento enquanto houver um único brasileiro na miséria que possa ser guindado à classe média pelo progresso econômico. (p. 25)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Produção de energia; preservação florestal; emissão de carbono.					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Páginas amarelas, logo no início de Veja (entre as 30 primeiras páginas)					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
x Foto	<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input type="checkbox"/> Ambos		
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	x América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1. Foto do entrevistado ex-presidente Bill Clinton					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1. Foto mostrando o sujeito em questão na entrevista					
18. Observações sobre a matéria:					
Em relação às demais matérias, esta se trata da mais diferente. Isso porque é uma entrevista de perguntas e respostas. formato não analisado em nenhum outro exemplo adotado com objeto de observação desta pesquisa.] As frases aqui consideradas como frases que denotam enquadramento são vistas de modo diferente, pois fazem parte das perguntas e respostas da entrevista.					

Codificador 023									
Revista Veja					Data: 1 de junho de 2011				
Pág.: 120 e 121					Título da matéria: O Bin Laden da Ecologia			Nº: 22	
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não		<input checked="" type="checkbox"/> Sim							
2 - Gênero (selecionar um predominante):									
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia		<input checked="" type="checkbox"/> reportagem			<input type="checkbox"/> editorial		<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input checked="" type="checkbox"/> Geral		<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espetáculos		<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input checked="" type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros		
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização):									
Brasil		<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior		<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input checked="" type="checkbox"/> América do Norte			<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África	
		<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania						
5. Conotação da mensagem:									
<input type="checkbox"/> Desastre		<input type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia		<input type="checkbox"/> Preservação			
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente			<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas									
4									
8. Identificação de cada fonte									
1- Artigo publicado no <i>Wall Street Journal</i> pelo neurocientista Michael Conn, da Universidade de Saúde e Ciência do Oregon e do escrito James Parker;									
2- Michael Conn, neurocientista da Universidade de Saúde e Ciência do Oregon									
3- Professora universitária que prefere não ser identificada									
4- Dener Giovanini, biólogo fluminense ganhador de prêmio mundial da área ambiental concedido pela ONU.									
9. Categoria de cada fonte									
1 - secundária, referência, passiva, identificada, confiável									
2 - primária, testemunhal, ativa, identificada, confiável									
3 - primária, testemunhal, ativa, sigilosa, confiável									
4 - primária, especializada, ativa, identificada, confiável									
10. Aspectos notados na fala de cada fonte									
1 - Denúncia, preocupação;									
2 - Medo, denúncia;									
3 - Protesto, esclarecimento;									
4 - Esclarecimento, posicionamento.									
11. Frases que denotam enquadramentos									
“Para muitos cientistas dos Estados Unidos, porém, a eliminação do mentor dos atentados do 11 de setembro não faz muita diferença em relação a eles próprios”. – p. 120									
“A pretexto de defender os animais e a natureza, ele comete atrocidades”. – p. 120									
“A importância do uso de cobaias pode ser comprovada pelo fato de que 75 dos 101 prêmios Nobel já conferidos em medicina resultaram de estudos feitos com animais”. – p. 120									
“O Brasil não está livre do ecoterrorismo”. – p. 121									
“Na verdade, Daniel Andreas San Diego é só mais um psicopata que lança mão de uma causa aparentemente justa para dar vazão aos seus instintos animais – animais no mau sentido”. – p. 121									
12. Assuntos de meio ambiente abordados									
Testes com animais; Eco terroristas									
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista									
Reportagem divulgada sob a cartola Ambiente, na editoria Geral									

Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input checked="" type="checkbox"/> Foto	<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico			<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input checked="" type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1 - Imagem do site do FBI;					
2 - Foto do terrorista de que trata a matéria;					
3 - Foto de incêndio causado em casas por organização que comete atentados em nome da ecologia;					
4 - Foto de incêndio causado em concessionária por organização que comete atentados em nome da ecologia;					
5 - Pichação realizada pela Frente de Libertação dos Animais em casa de cientista dos EUA					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
1 - Aviso de que se procura o terrorista - perigo;					
2 - Foto de identificação do terrorista com ar de certa prepotência;					
3 - Tragédia;					
4 - Perda de patrimônio;					
5 - Perigo.					
18. Observações sobre a matéria:					
Duas das fontes, apesar de que poderiam caracterizar-se como experts, por sua formação acadêmica, acabam sendo utilizados como fontes testemunhais tendo em vista serem vítimas de agressões dos referidos grupos terroristas.					

Codificador 024									
Revista Veja			Data: 8 de junho de 2011						
Pág.: 96 – 98			Título da matéria: Rendição Nuclear				Nº: 23		
1 - Presença de ilustrações e explicações									
<input type="checkbox"/> Não			<input checked="" type="checkbox"/> Sim						
2 - Gênero (selecionar um predominate):									
<input type="checkbox"/> nota			<input type="checkbox"/> notícia			<input checked="" type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta
3 – Seção									
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input checked="" type="checkbox"/> Geral		<input type="checkbox"/> Guia	<input type="checkbox"/> Especial
<input type="checkbox"/> Artes Espectáculos			<input type="checkbox"/> Veja.Com			<input type="checkbox"/> Ambiente		<input type="checkbox"/> Outros _____	
Análise de Texto									
4. Local da pauta (localização): Alemanha									
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Centro-oeste			<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte			<input checked="" type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania							
5. Conotação da mensagem:									
<input type="checkbox"/> Desastre			<input checked="" type="checkbox"/> Novidade		<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Preservação			
6. Conteúdo da mensagem									
<input type="checkbox"/> Clima			<input checked="" type="checkbox"/> Meio Ambiente			<input type="checkbox"/> Ambos			
7. Número de fontes consultadas									
1									
8. Identificação de cada fonte									

1 – Angelo Merckel, chanceler da Alemanha					
9. Categoria de cada fonte					
1 – Secundária, Oficial, Passiva, Identificada, Fidedigna e Confiável					
10. Aspectos notados na fala de cada fonte					
1 – Estímulo e esperança					
11. Frases que denotam enquadramentos					
- Pressionado pelos humores do eleitorado, o governo alemão anuncia o fim gradual dos reatores no país. (p. 96)					
- Muito alemães acreditam que o país não escapa de um destino cruel: o de se tornar dependente da eletricidade produzida pelas usinas nucleares da vizinha França (p. 98)					
- A decisão da chanceler de acabar com as usinas nucleares de seu país, pode soar como música para parte dos eleitores alemães – e lhe angariar votos. Mas faz pouco sentido diante da necessidade de energia limpa da Alemanha. (p.98)					
12. Assuntos de meio ambiente abordados					
Energia Nuclear; Risco Ambiental; Opção de Energias Limpas; Ambientalismo; Crise Energéticas Protestos					
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista					
Uma cartola Energia foi criada dentro de Geral para identificar e destacar a reportagem.					
Análise da Imagem					
14. Tipo					
<input type="checkbox"/> Foto		<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico		<input checked="" type="checkbox"/> Ambos	
15. Local: Alemanha					
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input checked="" type="checkbox"/> Nordeste
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input checked="" type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania			
16. Elenco de fotos e ilustrações:					
1- Placa de protestos em frente a usina nuclear na Alemanha (p. 96)					
2- Protestos nas ruas em Berlim (p. 98)					
3- Mapa dos países da Europa em relação a sua decisão de ter ou não produção de energia nuclear: usinas em operação, planejadas, e inativas (p. 98). Fonte: World Nuclear Association Database.					
14. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:					
Protestos; Informativo.					
18. Observações sobre a matéria:					
Matéria assinada por um repórter. A primeira foto traz um grande sinal de pare em segundo plano tendo uma usina nuclear Abre-se uma cartola com temática ambiental para identificar a reportagem.					